PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

Orientadora: **Profa. Dra. Nádia Dumara Ruiz Silveira**

A VISÃO DO JOVEM MANAUENSE DO ENSINO MÉDIO SOBRE A VELHICE E O ENVELHECIMENTO

YEDA LENIR HENRIQUES DAS NEVES MARTINEZ

SÃO PAULO
2007

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS EM GERONTOLOGIA

A VISÃO DO JOVEM MANAUENSE DO ENSINO MÉDIO SOBRE A VELHICE E O ENVELHECIMENTO

YEDA LENIR HENRIQUES DAS NEVES MARTINEZ

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de **Mestre em Gerontologia,** sob a orientação da **Profa. Dra. Nádia Dumara Ruiz Silveira**

SÃO PAULO
2007

Ficha Catalográfica:

Bibliotecária responsável:

FOLHA DE APROVAÇÃO

Autora: **Yeda Lenir Henriques das Neves Martinez**

Título: **A visão do jovem manauense do ensino médio sobre a velhice e o envelhecimento**

Data: **Março 2007**

Dissertação de Mestrado apresentada em defesa pública como requisito para obtenção do título de **MESTRE** pelo **Programa de Pós-Graduação em Gerontologia** da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

.....

Presidente

.....

Membro

.....

Membro

Dedicatória

(Agradecimentos)

Um velho é apenas um adolescente que viveu demais.
No corpo de um velho continua vivo um adolescente.
A sociedade tudo faz para se livrar desse
intruso inconveniente.
Esconde-o atrás de uma máscara sorridente,
mata-o secretamente e enterra-o
num túmulo de hipocrisias.

(Rubem Alves)

RESUMO

Este estudo investiga as representações sociais do jovem manauense, estudante do ensino médio, sobre o velho e a velhice, estabelecendo relação entre os dados históricos e a construção do pensamento social sobre o tema, buscando-se identificar a maneira essas representações se expressam nas relações sociais e a influência do processo educacional na sua formação. Acredita-se que a educação poderia servir como atenuante para reduzir a dissonância de valores e idéias que causam tensão entre as diferentes gerações, e conhecer o processo de envelhecimento seria possibilitar ao jovem uma educação voltada para a realidade, contribuindo para a mudança de paradigmas e para reverter o processo social de desvalorização dos idosos na cultura brasileira. Partindo da análise do discurso dos sujeitos, estabeleceu-se um diálogo entre os dados empíricos e a base teórica, dentro de uma perspectiva sócio-histórica e cultural. A análise interpretativa, apoiada na hermenêutica-dialética, fez emergir dados que corroboram a permanência, na atualidade, de estereótipos relacionados ao processo de envelhecimento, assim como a lacuna deixada pela educação relativamente ao tema na formação dos jovens.

Palavras-chave: representações, velhice, envelhecimento, jovens, educação.

ABSTRACT

This study investigates the social representations of the youth manauense, student of the medium teaching, on the old and the old age, establishing relationship between the historical data and the construction of the social thought on the theme, being looked for to identify the way those representations is expressed in the social relationships and the influence of the education process in its formation. It is believed that the education could serve as extenuating to reduce the dissonance of values and ideas that cause tension among the different generations, and to know the aging process would be to make possible the youth an education returned for the reality, contributing to the change of paradigms and for to revert the social process of the seniors' depreciation in the Brazilian culture. Leaving of the analysis of the speech of the subjects, its settled down a dialogue between the empiric data and the theoretical base, inside of a partner-historical and cultural perspective. The interpretative analysis, leaning in the hermenêutica-dialectics, its made data that corroborate the permanence to emerge, at the present time, of stereotypes related to the aging process, as well as the gap left by the education relatively to the theme in the youths' formation.

Key-words: representations, old age, aging, young, education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

1. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE 17

1.1 O grupo etário idoso na sociedade 17
1.2 O velho na atualidade 25
1.3 O velho e o jovem no contexto amazônico 28
1.3.1 A cultura amazônica 29
1.3.2 Manaus hoje: o contexto sócio cultural e educacional 32

2. RELAÇÕES SOCIAIS E FAMILIARES DO IDOSO NA SOCIEDADE ATUAL 37

2.1 Família e relações intergeracionais 37
2.2 O idoso nas relações sociais 44
2.3 Idade x Produtividade 47
2.4 Solidão, abandono, maus-tratos: o idoso vitimizado 51
2.5 Atenção ao idoso: o que diz a lei 53

3. ADOLESCÊNCIA, EDUCAÇÃO E MUDANÇA DE PARADIGMAS 57

3.1 O papel da educação na mudança de paradigmas 63

4. A VISÃO DOS JOVENS SOBRE A VELHICE: CONHECENDO AS REPRESENTAÇÕES 74

4.1 As representações sociais da velhice: recolhendo fragmentos 94
4.1.1 O ser velho e o processo de envelhecer 95
4.1.2 O velho no contexto social e familiar: valoração e discriminação 98
4.1.3 Velho é o outro: o papel da educação 100

CONSIDERAÇÕES FINAIS 104

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 109

OBRAS CONSULTADAS 113

ANEXOS 124

INTRODUÇÃO

Quando uma pessoa se torna velha? Aos 50, 60, 65 ou 70 anos? Para Veras (1996, p. 384), a velhice é um termo impreciso e sua realidade difícil de perceber. Nada varia mais do que os limites de velhice em termos de complexidade fisiológica, psicológica e social, portanto não é possível estabelecer conceitos universalmente aceitáveis e uma terminologia também globalmente aceitável para o envelhecimento, pois cada época e lugar imprimiram um sentido à velhice de acordo com os seus valores e necessidades.

Pode dizer, então, que a noção de velhice resulta de uma mescla de diversos fatores que inclui, além dos valores culturais, a estrutura social, modos de produção, dinâmica demográfica e ideologias dominantes em cada local, o que resulta na dificuldade de conceituar velhice. Em nossa sociedade, no entanto, predomina a idéia de velho associada a um conteúdo depreciativo, a perdas e referências de menor valia. Aqui o novo é valorizado e realçado, associado a modernidade, eficácia, produtividade, em detrimento do velho, associado a desuso e inutilidade.

O mito da eterna juventude é constantemente reforçado pela mídia e alicerçado pelos avanços da tecnologia cosmética e da cirurgia estética. O que importa é apagar os sinais que estigmatizam e inserem o sujeito em uma categoria desprestigiada, da qual poucos aceitam consciente e assumidamente fazer parte. Na vida produtiva não é diferente, e a discriminação da velhice se comprova nas cada vez mais raras opções do mercado de trabalho para faixas etárias mais avançadas.

A despeito disso, a realidade se apresenta inexorável: a população de idosos vem aumentando de forma incontestável em todo o mundo, e no Brasil não é diferente, com o agravante de que em nosso país, com poucas

exceções, as condições para o atendimento adequado a demandas específicas desse grupo etário estão muito aquém do desejável. É certo que a questão do envelhecimento e suas implicações em nível pessoal e social, já constituem hoje tema de discussões sérias e encaminhamento de políticas voltadas para a melhoria das condições de vida do idoso no país, porém, a despeito de programas e projetos voltados para a questão, é perceptível uma atitude discriminatória para com esses indivíduos nas relações cotidianas, e os mais jovens tendem a ser parte ativa nesse processo.

Diante do panorama em que se situa o idoso na atualidade, torna-se questionável a validade de acrescentar anos a uma vida sem qualidade, demandando reflexão sobre como a sociedade irá “absorver” esse contingente de pessoas mais velhas, a demandar atenção e respeito, ou seja, como vai ser a convivência com esses cidadãos, cujos direitos devem ser previstos e atendidos. Em que pesem a relevância do tema e as políticas públicas, o fato é que o idoso continua sendo visto e tratado de forma discriminatória, o que aponta a relevância do fator cultural como elemento a ser basilarmente trabalhado para uma fundamental mudança de paradigmas.

Sob esse prisma, destaca-se o papel da educação como instrumento imprescindível na promoção de mudanças tão abrangentes. É evidente a necessidade de profundas mudanças no sistema de valores e na organização social brasileira, sob pena de impossibilidade de melhorar e até mesmo manter a saúde de nossos velhos. Presume-se que essas mudanças poderiam ser desencadeadas em profundidade a partir do processo educacional, por meio de estratégias específicas.

A partir dessa concepção, foi escolhido o tema desta pesquisa, considerando-se a importância de estudos sobre a formação dos jovens na fase do ensino médio, suas informações sobre o desenvolvimento humano e a compreensão a respeito d o processo do envelhecimento, como inerente à sua própria realidade pessoal e social.

A escolha desse segmento para a coleta de dados deveu-se, principalmente, ao fato de que o jovem está numa importante fase de reestruturação do pensamento, formulação de conceitos, e muito suscetível a influências, estando inserido no contexto social de forma progressivamente ativa, sendo potencialmente um agente de transformação. O trabalho foi conduzido, assim, visando o conhecimento das representações do jovem amazonense, estudante do ensino médio, sobre o velho e a velhice, buscando-se identificar a influência do processo educacional na formação dessas concepções.

Busca-se, desta forma, o conhecimento sobre o que se constata empiricamente, sem, no entanto, perder de vista o ideal que constitui a mola propulsora no que diz respeito às mudanças que se espera ver acontecerem, e para as quais este trabalho busca dar a sua contribuição, por meio de um procedimento metodológico propiciador de um conhecimento científico sobre o tema.

Acredita-se que a relevância deste trabalho coloca-se também pelo fato de incentivar questionamentos que levem a mudança de paradigmas no tocante à problemática do idoso, não somente em caráter resolutivo, tal como ocorre na atualidade na maioria das políticas implementadas, mas principalmente em caráter preventivo, na construção e reconstrução de conceitos e dissolução de preconceitos.

Vale observar também que na cidade de Manaus, onde foi realizado o trabalho de campo, existem poucos registros de trabalhos acadêmicos nesta área de estudo, portanto acredita-se que as informações coletadas nesta pesquisa possam contribuir, ainda que em pequena monta, para a ampliação dos acervos existentes, somando esforços para a constituição de fontes de informação e o fomento de discussões sobre o assunto.

Esta pesquisa se impôs, portanto, a tarefa de compreender a maneira como o velho e a velhice são representados, tomando como sujeitos alunos de

nível médio de instituições de ensino público. Partindo do discurso dos mesmos e de sua análise, estabeleceu-se um diálogo entre esses dados empíricos, a base teórica relativa ao tema e as noções que o circunscrevem, dentro de uma perspectiva sócio-histórica e cultural. Adotou-se como elemento norteador a teoria das representações sociais, procurando-se compreender o indivíduo em seu contexto, sua história e imaginário social.

No trabalho com representações, Pereira de Sá (1998) chama a atenção para o fato de que a representação que liga o sujeito ao objeto é um saber efetivamente praticado que não deve ser apenas suposto, mas sim detectado em comportamentos e comunicações que de fato ocorram sistematicamente. Ou seja, a escolha do tema para estudo não pode estar baseada em especulações ou em suposições quanto à existência do fenômeno. É necessário ter previamente confiança de que o fenômeno exista de fato, assim como evidências de sua representação pelos sujeitos, que é o que observa em relação ao tema proposto.

O presente trabalho foi dividido em quadro capítulos: o primeiro, “A construção social da velhice”, apresenta uma retrospectiva histórica, buscando-se os fundamentos que estão na origem das idéias hoje conhecidas e incorporadas na sociedade sobre a velhice. A visão do velho na atualidade, de maneira geral, também é enfocada, bem como a contextualização do tema na cidade de Manaus, traçando-se um breve painel sobre a história da cidade e do seu povo, assim como a forma como os serviços voltados para o segmento idoso estão organizados localmente.

No capítulo dois, “Relações sociais e familiares do idoso na sociedade atual”, é enfatizado o papel da família nas relações intergeracionais no grupo familiar. As relações sociais são enfocadas de forma retrospectiva, mostrando-se as mudanças ocorridas ao longo do tempo da história política e econômica do nosso país. A questão da produtividade é tratada especificamente, pela sua importância na visão que hoje se tem do velho, mencionando-se sucintamente

a crescente vitimização dos idosos e as diretrizes legais destinadas à atenção e à proteção dos idosos.

Os jovens, especificamente a fase denominada adolescência, são objeto do terceiro capítulo, denominado “Adolescência, educação e mudança de paradigmas”, procurando-se traçar um perfil desses indivíduos, em sua constituição psicossocial, que sirva de auxilio na compreensão da sua forma de pensar e conceber o mundo, situando-os no âmbito familiar, escolar e social. Neste capítulo também é enfocada a educação, buscando-se cercar o tema da forma mais abrangente possível em relação ao objeto da pesquisa, inclusive com a inserção de elementos legais, da Lei de Diretrizes e Bases da Educação, pertinentes ao estudo proposto.

No quarto capítulo, “A visão dos jovens sobre a velhice: conhecendo as representações”, estão os fundamentos metodológicos da pesquisa realizada, a apresentação, interpretação e análise dos dados coletados. Parte do material elaborado e utilizado para interpretação – os quadros temáticos – foi colocada em anexo. Neste bloco estão organizadas conceituações de alguns teóricos sobre aspectos da teoria das representações sociais, considerados pertinentes para a compreensão da metodologia utilizada, como a escolha da técnica e instrumentos de coleta de dados. Elementos teóricos sobre a hermenêutica dialética, método escolhido para a análise dos dados, também estão inseridos no capítulo.

A descrição da metodologia utilizada para a pesquisa de campo está exposta na seqüência, tais como a abordagem e o contato com os participantes, as opções de coleta complementares à entrevista semi-estruturada, instrumento preferencial, como o grupo focal, e como foram desenvolvidas essas atividades. As representações sociais depreendidas estão apresentadas em três tópicos, procurando-se aclarar para o leitor de que forma elas foram identificadas e o que subsidiou essa identificação, complementando-se a análise com considerações críticas sobre o teor das representações.

As considerações finais incluem sistematizações das próprias idéias sobre o tema pesquisado, inferências sobre o que foi observado, bem como o registro das dificuldades teóricas e práticas encontradas para o desenvolvimento do trabalho que, como qualquer pesquisa na área de ciências sociais, na qual o homem é, ao mesmo tempo, sujeito e objeto de pesquisa, envolve armadilhas das quais é difícil escapar.

Acredita-se que as informações aqui apresentadas possam resultar em contribuição para o acervo local, considerando-se as lacunas de conhecimento existentes sobre o tema em nossa cidade. Neste sentido, esta pesquisa poderá contribuir também para a ampliação do espaço de discussões mais aprofundadas sobre tema, especificamente no que se refere ao papel fundamental da educação na construção do sujeito social e as reais possibilidades de que, por essa via, se possa promover em futuro mudanças essenciais na realidade hoje tão adversa da velhice no Brasil.

Capítulo 1
A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA VELHICE

1.1 O GRUPO ETÁRIO IDOSO NA SOCIEDADE

As especulações sobre o envelhecimento humano são tão antigas quanto a própria história. Foram os gregos e romanos os primeiros a empreender estudos sobre as transformações humanas, dando origem às primeiras concepções históricas conhecidas sobre a velhice. Na antigüidade grega as instituições relacionavam a idéia de honra à velhice, de tal modo que as palavras "gera, geron" que significavam "velhice", tinham também o sentido de "privilégio da idade", "direito de ancianidade" ou "deputação". Dentro de todos os agrupamentos sociais, o estado de velhice foi classificado conforme a condição social, desde o simples anonimato até a posição mais dignificante.

A idade e as diferenças etárias estão entre os mais básicos e cruciais aspectos da vida humana. Para Eisenstadt (1956), todo ser humano passa por diferentes fases etárias durante sua vida e em cada fase executa diversas tarefas e assume diversos papéis em relação a outros membros de sua sociedade. Em todas as sociedades humanas a transição através das diferentes fases etárias, bem como o processo de crescimento e envelhecimento, está sujeito a definições culturais, com tradições, normas, valores de cada sociedade, sendo os fatos biológicos básicos e comuns marcados por um conjunto de definições culturais que atribuem a cada grupo etário características específicas.

Assim, de acordo com cada época e lugar o velho foi situado em posição privilegiada ou marginal, prevalecendo nas sociedades ocidentais uma imagem da velhice predominantemente negativa, ao contrário de algumas culturas orientais, para as quais a velhice é sinônimo de sabedoria e de conquistas. De

modo geral, nas culturas onde a velhice recebia privilégios, geralmente estes eram concedidos em idades bem avançadas.

Em seu estudo sobre a sociologia do envelhecimento, Vargas (1994) traça um breve painel sobre as visões do velho nos diferentes contextos sociais. Para os adeptos do Taoísmo, por exemplo, a longevidade constituía-se em virtude, situando em 60 anos o momento em que o homem é capaz de libertar-se de seu corpo e santificar-se. Na civilização chinesa a velhice não é considerada um flagelo e sim a vida sob sua forma suprema.

Semelhante visão tinha a civilização judaica, que atribuía aos seus idosos a condição de “eleitos” e “arautos de Deus”, considerando a velhice como a recompensa máxima da virtude. Os anciãos entre os judeus tinham um importante papel na vida pública e os membros da família mais idosos governavam a família enquanto conservassem vigor físico e moral.

No Brasil também há exemplos da importância do idoso para a preservação das culturas em grande parte das sociedades indígenas. A disseminação de elementos culturais como a mitologia, os rituais e os costumes é feita oralmente e são os idosos que desempenham essa função fundamental para a sobrevivência dos povos. [1] A transmissão oral da cultura é um ritual bastante comum em grande parte das mais de duzentas etnias existentes no país, sendo o ancião em sua maioria valorizado como um arquivo vivo, cabendo-lhe a tarefa de transmitir os saberes tradicionais nos quais se incluem vários aspectos da vida nas aldeias.

Na cultura Baniwa, habitantes da região do Alto Rio Negro na Amazônia, por exemplo, os mais velhos são considerados pessoas importantes, e são valorizados principalmente pelos conhecimentos espirituais desenvolvidos durante a vida. Somente depois de um longo curso de experiência os xamãs mais poderosos atingem os mais altos níveis de poderes sobrenaturais, como o dom da cura, da clarividência e das profecias. Nessa etnia os velhos são os

[1] Extraído de texto disponível em http://www.comciencia.br, acessado em 8 de setembro de 2006.

responsáveis por passar a história da criação do mundo, durante os rituais de iniciação dos meninos entre 10 e 13 anos, no ritual de benzimento, quando narram os mitos através de cantos.

Como conhecedores dos mitos, os velhos tem a função de ensinar para os mais novos aos conhecimento dos antepassados. Até hoje os Baniwa têm seguido sábios, pessoas com dons de curas milagrosas, capazes de profetizar acontecimentos, de saber o que ocorre em lugares distantes e de conhecer as intenções das pessoas. São pajés com alto nível de poder, conhecidos como "Mestres do Povo Jaguar" ou "Jaguares do Paricá".

Beauvoir (1990) observa que, na literatura chinesa, algumas vezes os jovens deploram a opressão de que são vítimas, mas a velhice nunca é denunciada como um flagelo. Em compensação, no ocidente, o primeiro texto conhecido dedicado á velhice traça um quadro sombrio. Este texto encontra-se no Egito e foi escrito em 2500 antes de Cristo por Ptah-Hotep, filósofo e poeta:

> Como é penoso o fim de um velho! Ele se enfraquece a cada dia; sua vista cansa, seus ouvidos tornam-se surdos; sua força declina; seu coração não tem mais repouso; sua boca torna-se silenciosa e não fala mais. Suas faculdades intelectuais diminuem, e lhe é impossível lembrar-se hoje do que aconteceu ontem. Todos os seus ossos doem. As ocupações que até recentemente causavam prazer só se realizam com dificuldade, e o sentido do paladar desaparece. A velhice é o pior dos infortúnios que pode afligir um homem. O nariz entope, e não se pode mais sentir nenhum odor (PTAN-HOTEP apud BEAUVOIR, 1990, p. 114).

Em diferentes momentos históricos, reforça Motta (2003, p. 225), as sociedades conferem significado distinto às fases da infância, juventude, maturidade e velhice na vida dos indivíduos, bem como estabelecem as funções e atribuições preferenciais de cada grupo etário na divisão social do trabalho e nos papéis familiares. Ela enfatiza, porém, a arbitrariedade dessas atribuições, “porque nem sempre se firmam numa materialidade ou numa cronologia de base biológica quanto às reais aptidões e possibilidades, e sim em relações construídas num tempo social essencialmente dinâmico, mutável”.

Peixoto (2003) refere-se precisamente às modificações sofridas pelas representações sociais da pessoa envelhecida ao longo do tempo, alterações essas determinadas principalmente pelas mudanças sociais que, gradativamente, reclamavam políticas sociais para a velhice. Essas políticas, por sua vez, tinham por base a demanda pela criação categorias classificatórias condizentes com as construções morais e éticas do objeto "*velho"* vigentes na época. Na França do século XX, segundo Peixoto (2003, p. 71),

> a questão da velhice se impunha essencialmente para caracterizar as pessoas que não podiam assegurar seu futuro financeiramente – o indivíduo despossuído, o indigente – pois as pessoas com certo patrimônio [...] detinham certa posição social, administravam seus bens e desfrutavam de respeito. Esse recorte social da população de mais de 60 anos foi acompanhado de locuções diferenciadas para tratar cada grupo de pessoas da mesma idade: designava-se mais correntemente como velho (vieux) ou velhote (vieillard) os indivíduos que não detinham estatuto social, enquanto os que o possuíam eram em geral designados idosos (personne agée). Mas é preciso assinalar que, no século XVIII, o termo *vieillard* não possuía uma conotação fortemente pejorativa: ele designava também os velhos abastados, cuja imagem estava muito associada a "bom cidadão", "bom pai" etc.

Desde essa época evidenciava-se nas sociedades ocidentais a orientação discriminatória que ligava a velhice ao decréscimo da capacidade produtiva. Os velhos, portanto, eram classificados como tal a partir da diminuição da sua força de trabalho, sendo a representação social da velhice notadamente atrelada à inserção do indivíduo de maior idade no processo de produção.

Costa (1998) reporta-se à influência do processo de industrialização na mudança de costumes, principalmente nas sociedades ocidentais. Na sociedade pré-industrial, observa a autora, os indivíduos tendiam a adquirir status social no decorrer da vida, e, quando envelheciam, uma vez identificados com os valores vigentes do seu contexto, continuavam sendo respeitados no meio social e familiar. O casal de anciões geralmente era considerado pela família e costumava colaborar na educação das crianças. A

partir da industrialização, no entanto, instalou-se a prática da exclusão com o avanço da idade.

> O envelhecimento passou, portanto, a ser analisado simplesmente pelos seus aspectos deficitários e decadentes, relacionando improdutividade tecnológica, ou, melhor dizendo, ausência voluntária na produção (em razão, por exemplo, da aposentadoria) com deficiência, decrepitude, senilidade. É como se os idosos tivessem então que morrer e não pudessem mais usufruir da sua vida como melhor lhes aprouvesse, ou mesmo optar por uma nova atividade, não ligada à produção em massa. É como se nada mais pudessem fazer pela sociedade (COSTA, 1998, p. 52).

Dessa forma, gradativamente os mais velhos foram sendo colocados à margem dos interesses produtivos no contexto das sociedades industriais capitalistas, com exceção daqueles indivíduos com prestígio social e de classes favorecidas economicamente. Chauí (1979) vê a velhice como uma categoria oprimida, despojada e banida da sociedade capitalista. Segundo ela, essa sociedade desarma o idoso por meio de mecanismos de opressão, obrigando-o a uma luta incessante para reafirmar-se continuamente em meio às adversidades.

Uma mudança na estrutura social a partir dos anos 60, no século XX, força o delineamento de uma nova política social para a velhice, pois a elevação das pensões faz aumentar o prestígio dos aposentados, e, consequentemente, um outro “olhar” e outro tratamento para as pessoas mais velhas. Termos considerados pejorativos foram suprimidos dos textos oficiais, introduzindo-se a palavra “idoso”, de caráter mais generalizante, para caracterizar tanto a população envelhecida em geral, quanto os indivíduos originários das camadas sociais mais favorecidas. Esta designação, além de homogeneizar as pessoas de mais idade, conferiu outro significado ao indivíduo velho, atribuindo-lhe uma aura de respeitabilidade.

A autora observa, por outro lado, que o termo “idoso” se escora no estatuto social da categoria “aposentado”, que supõe melhoria de vida para os

indivíduos mais velhos. Essa noção traz consigo idéias que vão influenciar hábitos e padrões comportamentais:

> Se é verdade que os velhos se tornaram pessoas respeitadas através do termo idoso, este parece ser ainda mais valorizado com a criação da categoria aposentado, que introduz melhorias nas condições de vida das pessoas envelhecidas: através de instrumentos legais elas passam a adquirir um estatuto social reconhecido. No entanto, a aposentadoria traça contornos homogêneos nesse novo recorte das idades, criando assim uma identidade comum em torno do universo da velhice, uma vez que classifica as pessoas não produtivas segundo a idade cronológica. O estabelecimento do direito à inatividade remunerada – a aposentadoria – permite a uma geração uma situação de disponibilidade e de ociosidade que se transforma em novos hábitos, em novos traços comportamentais e, portanto, em uma luta contra os estigmas de velho e velhote (PEIXOTO, 2003, p. 74).

Peixoto refere-se, também, ao lado perverso dessa nova forma de olhar os indivíduos mais velhos, pois, apoiada na idade cronológica ou no tempo de serviço, a aposentadoria extrai do mercado do trabalho indivíduos ainda produtivos conferindo-lhes o estatuto de inativos. Levando-se em conta que a produtividade é bastante valorizada em nossa sociedade, a aposentadoria pode representar para os indivíduos a perda de um papel social de grande relevância, o de indivíduo produtivo. Esse papel, dessa maneira, forçosamente se relaciona ao processo de envelhecimento.

A propósito da expressão “idoso” ou “pessoa idosa”, MESSY (1999) considera:

> A expressão – tão anônima! – “pessoa idosa”, designa uma categoria social, no sentido de uma corporação que agrupa os indivíduos que pertencem à mesma profissão, assim como o nome de um país serve de raiz para designar seus habitantes. Infelizmente esta composição de palavras faz desaparecer o sujeito com sua história pessoal, suas particularidades, seu caráter. [...] Não existe um ser “pessoa idosa”, e é por isso que escreve a expressão entre aspas. [...] A “pessoa idosa” não existe como entidade individual, é apenas um termo social que não tem realidade nenhuma (MESSY, 1999, p. 25).

Por outro lado, a existência de um grupo de pessoas aposentadas precocemente, ainda relativamente jovens e liberadas do trabalho, traz outro significado, uma oportunidade para “curtir a vida”, realizar projetos, ficar à

vontade com o tempo livre. Para dar conta dessa nova realidade criou-se a expressão “terceira idade”, que no Brasil identifica uma categoria social bastante heterogênea tanto quanto à faixa etária quanto à situação econômica dos indivíduos.

> Sinônimo de envelhecimento ativo e independente, a terceira idade converte-se em uma nova etapa da vida, em que a ociosidade simboliza a prática de novas atividades sob o signo do dinamismo. [...] Entretanto, a invenção da terceira idade – nova fase do ciclo de vida entre a aposentadoria e a velhice – é simplesmente produto da universalização dos sistemas de aposentadoria e do conseqüente surgimento de instituições e agentes especializados no tratamento da velhice, e que prescrevem a esse grupo etário maior vigilância alimentar e exercícios físicos, mas também necessidades culturais, sociais e psicológicas (PEIXOTO, 2003, p. 76).

Debert (2003, p. 53) corrobora a idéia da “terceira idade” como uma criação recente das sociedades ocidentais contemporâneas. Segundo ela, sua invenção pressupõe a criação de uma etapa da vida interposta entre a idade adulta e a velhice, acompanhada por um conjunto de práticas institucionais direcionadas ao atendimento dessa faixa da população que “a partir dos anos 70 deste século, em boa parte das sociedades européias e americanas, passaria a ser caracterizada como vítima da marginalização e da solidão”.

> Afirmar, contudo, que as categorias de idade são construções culturais e que mudam historicamente não significa dizer que elas não tenham efetividade. Essas categorias são constitutivas de realidades sociais específicas, uma vez que operam recortes no todo social, estabelecendo direitos e deveres diferenciais em uma população, definindo relações entre as gerações e distribuindo poder e privilégios. [...] Mecanismos fundamentais de distribuição de poder e prestígio no interior das classes sociais têm como referência a idade cronológica. Categorias e grupos de idade implicam, portanto, a imposição de uma visão de mundo social que contribui para manter ou transformar as posições de cada um em espaços sociais específicos (DEBERT, p.53).

Beauvoir (1990) chama a atenção também para a dimensão existencial do envelhecimento, constituído não somente de características biopsíquicas, mas também sociais e culturais. Essas características modificam a relação do homem com o tempo, com o mundo e com a sua própria história. Para ela a

velhice não é um fato estático, mas o resultado e o prolongamento de um processo caracterizado por um certo tipo de mudança – um declínio. No entanto, cada sociedade cria seus próprios valores, e é no contexto social que a palavra *declínio* pode adquirir um sentido preciso. Assim, a velhice não pode ser compreendida senão em sua totalidade, uma vez que ela não é somente um fato biológico, mas também um fato cultural.

Beauvoir também aponta para a relação existente entre produtividade e exclusão, observando que existe por parte da sociedade uma rejeição ao velho, porque ele já não "produz" mais, advindo daí a idéia de que ele deve ser tutelado, não tendo o direito de opinar sobre a sua própria condição:

> A característica da relação do adulto com o velho é a falta de reciprocidade que pode se traduzir numa tolerância sem o calor da sinceridade. Não se discute com o velho, não se confrontam opiniões com as dele, negando-lhe a oportunidade de desenvolver o que só se permite aos amigos: a alteridade, a contradição, o afrontamento e mesmo o conflito. Quantas relações humanas são pobres e banais porque deixamos que o outro se expresse de modo repetitivo e porque nos desviamos das áreas de atrito, dos pontos vitais, de tudo o que em nosso confronto pudesse causar o crescimento e a dor! Se a tolerância com os velhos é entendida assim, como uma abdicação do diálogo, melhor seria dar-lhe o nome de banimento ou discriminação (BEAUVOIR, 1990, p.77-8).

Em nossa sociedade ocidental, acredita a autora, a velhice costuma, inclusive, inspirar uma repugnância biológica e, por uma espécie de autodefesa, nós a rejeitamos para longe de nós:

> O velho, salvo exceções, não faz mais nada. Ele é definido por uma *exis* e não por uma *práxis*. O tempo o conduz a um fim – a morte – que não é seu fim, que não foi estabelecido por um projeto. E é por isso que o velho aparece aos indivíduos ativos como uma 'espécie estranha' na qual eles não se reconhecem.
>
> Até certo tempo, essa condição do velho é simétrica à da criança, com a qual o adulto também não estabelece reciprocidade. Não é por acaso que é tão comum se falar, nas famílias, da criança 'extraordinária para sua idade', e também do velho 'extraordinário para sua idade': o extraordinário é que, não sendo ainda homens, ou não sendo mais homens, eles tenham condutas humanas (BEAUVOIR, 1990, p. 226).

Nessa sociedade exclusiva, de acordo com Bosi (1995, p. 76) “os velhos não podem errar. Deles esperamos infinita tolerância, (...) perdão, ou uma abnegação servil pela família. Momentos de cólera, de esquecimento, de fraqueza são duramente cobrados aos idosos e podem ser o início de seu banimento do grupo familiar”.

Reforçando essa idéia, Oliveira (1999) enfatiza a forma fortemente depreciativa como costumam ser tratadas em nosso país as pessoas mais velhas, a partir da supervalorização do novo, que é associado à idéia de beleza, em oposição à noção de velho relacionada à feiúra, particularmente com relação à estética corporal. Tal tendência influencia muitos idosos, levando-os a valorizar muito mais a juventude que vivenciaram do que o momento atual, em que poderiam estar usufruindo a maturidade física de maneira mais positiva.

1.2 O VELHO NA ATUALIDADE

O envelhecimento da população é um fenômeno global de grandes repercussões, em especial nos países em desenvolvimento como o Brasil, que já possui um grande número de indivíduos na denominada “terceira idade” com uma estrutura precária para responder a essa demanda social. Considerado até bem pouco tempo como um país de jovens, neste início do século XXI o Brasil se encontra frente à realidade incontestável do envelhecimento populacional.

Pelos recentes estudos demográficos[2] comprova-se o rápido crescimento quantitativo do segmento idoso no conjunto da população. Oliveira (1999) ressalta que, segundo a Organização Mundial de Saúde, entre 1950 e 2025 a população de idosos no Brasil crescerá dezesseis vezes, enquanto a

---

[2] Vide estudos de ELZA BERQUÓ: *Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento populacional no Brasil* (1996).

população mundial dessa faixa etária crescerá cinco vezes. Dados de 1997 do Ministério da Previdência e Assistência Social já apontavam que dentro de vinte anos seríamos a sexta população de idosos no mundo, em torno de 32 milhões de pessoas com mais de 60 anos[3].

A realidade social impõe a negação da velhice, valorizando os que conseguem disfarçá-la. O velho sábio desapareceu de nossa realidade, permanecendo apenas como um conceito abstrato, por isso, apesar das novas políticas públicas e recentes propostas da Gerontologia, o idoso na atualidade ainda é visto com preconceito, o que configura um segmento desconsiderado e rejeitado, principalmente por não estar mais inserido no processo produtivo[4].

Assim, pode-se dizer que na base da problemática que envolve a terceira idade está a auto-imagem que muitos idosos têm de si próprios, uma vez que alguns são hostis ao seu próprio envelhecimento, rejeitando a velhice, não se preparando para enfrentar com dignidade os anos que se seguem. Acredita Oliveira (1999) que, se o homem incorporar valores estereotipados e preconceituosos no decorrer de sua existência em relação ao idoso, esses valores irão nortear sua afetividade para com os velhos e para consigo mesmo futuramente.

A auto-estigmatização é fator relevante que deve ser considerado na análise da situação do idoso no contexto sócio-cultural, especificamente no Brasil. Gaiarsa (apud OLIVEIRA, 1999, p. 118), suscita um questionamento sobre se é a idade ou a idéia que fazem de si mesmos o que, afinal, pesa mais sobre os idosos.

> Ao envelhecer, parece haver uma tendência, por parte da pessoa, a ver-se negativamente no quadro de sua própria imagem. Nessa fase da vida, as pessoas tendem a modificar sua auto-imagem, tornando-a cada vez menos positiva. [...] As experiências de

---

[3] Fonte: Plano Integrado de Ação Governamental para o Desenvolvimento da Política Nacional do Idoso. Ministério da Previdência e Assistência Social, 1997.

[4] VERAS (1994:48) aponta que “a possibilidade de encontrar empregos pagos, apesar de não existirem restrições legais, é pequena. O maior problema para uma pessoa mais velha sem pensão ou acesso à seguridade social é indubitavelmente o fato de que ela tem que trabalhar para viver”.

> decadência acarretadas pelo envelhecimento têm impacto muito forte sobre a imagem que cada um faz de si mesmo. A auto-imagem exerce grande influência sobre o funcionamento da personalidade, porque, na realidade, constitui uma avaliação, englobando o sentimento de auto-estima, de confiança de si mesmo, de respeito, de convicção que tem da competência de viver e que merece viver.

A percepção de Morin (1997) acerca do processo de envelhecer é de que o ser humano, por não aceitar a morte, tende a rejeitar também a velhice; provavelmente por ser a fase da vida que mais se aproxima da morte. Morin chama a atenção para a perda de autoridade que o idoso tem enfrentado no decorrer do desenvolvimento das civilizações e para a criação desse novo modelo de ser humano, sempre em busca de sua auto-realização através do amor, do bem-estar, da vida privada, que rejeita o envelhecimento por considerar que velho já não pode desfrutar da vida como antes.

Considerando que o envelhecimento é um processo natural e inexorável, é de espantar que concepções estereotipadas sobre a velhice, principalmente nas sociedades ocidentais, permaneçam e pareçam estar ainda mais acentuados nos dias de hoje, quando o aumento da população idosa é uma realidade incontestável em todo o mundo.

Mudanças de costumes e estratégias econômicas têm sido criadas para lidar com esta realidade. No Japão, por exemplo, os idosos constituem importante categoria de consumidores com necessidades específicas e são amparados pelo Estado, estejam em instituições asilares ou não. Nos Estados Unidos, ampliam crescentemente as empresas voltadas para a idade madura, e lá os idosos constituem um grupo social politicamente poderoso (BUTLER, 1999).

Apesar de muitas mudanças sociais no decorrer do tempo, a discriminação do idoso persiste no imaginário de grande parte da população, especialmente dos jovens, constituindo-se em sério obstáculo para o desenvolvimento pleno da cidadania e do respeito aos direitos humanos.

> A condição de pessoas idosas é hoje escandalosa. Antes de examiná-la em detalhe é preciso tentar entender por que a sociedade se acomoda tão facilmente a essa situação. De maneira geral, ela fecha os olhos para os abusos, os escândalos e os dramas que não abalam seu equilíbrio; não se preocupa mais com a sorte das crianças abandonadas, dos jovens delinqüentes, dos deficientes, do que com a dos velhos. Neste último caso, entretanto, sua indiferença parece *a priori*, mais surpreendente; cada membro da coletividade deveria saber que seu futuro está em questão; e quase todos têm relações individuais e estreitas com certos velhos. Como explicar sua atitude? É a classe dominante que impõe às pessoas idosas seu estatuto; mas o conjunto da população ativa se faz cúmplice dela. Na vida privada, filhos e netos não se esforçam para abrandar o destino de seus ascendentes (BEAUVOIR, 1990, p. 265).

No entendimento de Martins (2002), a *velhice* pode ser considerada um conceito *abstrato,* porque diz respeito a uma categoria criada socialmente para demarcar o período em que os seres humanos ficam velhos. Os fenômenos do envelhecimento e da velhice e a definição de quem seja idoso, de acordo com Martins (2002), são considerados geralmente em relação às modificações físicas e fisiológicas. No entanto ao longo do tempo são operadas mudanças também na forma de pensar, sentir e agir dos indivíduos que vivenciam essa etapa da vida. Por esse ângulo, ressalta Bobbio (1997) que a velhice não é uma cisão em relação à vida precedente, mas sim uma continuação da adolescência, da juventude, da maturidade que são diferentes em cada pessoa. As circunstâncias históricas, segundo ele, também influenciam de modo significativo o processo de envelhecimento das pessoas.

1.3 O VELHO E O JOVEM NO CONTEXTO AMAZÔNICO

Situar a faixa etária “idoso” no contexto local implica conhecer um pouco a nossa realidade, situada histórica e socialmente no tempo e no espaço. A constituição da sociedade amazônica tem um traçado bastante peculiar em relação ao resto do país, além do que o isolamento geográfico ao qual até hoje estamos presos, dá margem a alguns condicionantes da cultura e do comportamento da população local.

1.3.1 A cultura amazônica

A formação da cultura cabocla da Amazônia foi um processo contínuo, que teve seu ponto de partida com a chegada dos europeus no século XVII. As modificações na cultura regional foram provocadas em grande parte por fatores como a catequese religiosa, a escravização do índio, a política colonial e a corrida da borracha, fatores que tiveram sua origem e foram desencadeados por forças localizadas fora da região amazônica. Contudo, a resultante da atuação dessas forças adquiriu características locais, condicionadas pelo ajustamento que se fazia necessário ao ambiente geográfico em função das técnicas utilizadas para sua exploração (GALVÃO, 1976).

O elevado contingente indígena constituiu um traço característico da formação étnica na Amazônia, onde o índio foi explorado em grande número e muito mais intensamente que em qualquer outra região do Brasil, devido à dependência do colono, a quem faltava o conhecimento da técnica da exploração dos produtos naturais e da floresta. Segundo Galvão (1976), na medida em que forneciam o braço de trabalho, as tribos indígenas se incorporavam à sociedade rural e absorviam sua cultura, contribuindo ao mesmo tempo para a persistência e fixação de elementos ameríndios já integrados aos hábitos de vida do caboclo.

Com o período áureo da borracha uma mudança social emprestou nova fisionomia às cidades e povoados, com a hierarquia colonial e pós-colonial sendo substituída por uma outra, na qual passam a existir os *caboclos*, coletores de borracha, recrutados entre índios, mamelucos, nordestinos e portugueses e os *patrões* ou financiadores, da mesma origem. De acordo com Cardoso de Oliveira (1978), começa a sofrer alterações a tradicional divisão das povoações amazônicas entre “cidade” e “aldeia”, podendo-se identificar na “cidade” o elemento branco ou mesclado, porém de cultura e situação social “branca”, enquanto que na “aldeia”, o índio *domesticado* desaparece, cedendo lugar a um único local segmentado em “gente de primeira” (comerciantes, funcionários de categoria, famílias de tradição) e “gente de segunda” (caboclos, roceiros ou seringueiros).

Com a economia agrária extrativista-exportadora, especialmente a da borracha, Manaus teve que se transformar em um centro urbano civilizado. Segundo Dias (apud SANTOS et al, 2002, p. 209), Manaus sofre o seu primeiro grande surto de urbanização em 1890, já possuindo nessa década, um dos primeiros sistemas de bondes movidos a eletricidade da América Latina. Tinha gás e água encanados, iluminação pública elétrica e um porto artificial, assim como o famoso Teatro Amazonas. Surgiram também estabelecimentos bancários, lojas, residências majestosas, vilas, palacetes, bares, restaurantes, hotéis e cabarés. Este período, chamado de Belle Époque, que corresponde ao final do século XIX e primeiras décadas do século XX, foi marcado por grande efervescência intelectual e cultural.

Na época áurea da borracha, Manaus contava com 50.000 habitantes, possuía uma composição étnica bastante cosmopolita, pois a colônia estrangeira era bastante numerosa e diversificada. A cidade possuía uma estrutura educacional de 45 escolas públicas primárias e diversas particulares; uma única escola secundária e a Escola Normal, onde era ensinada a língua francesa, além de algumas escolas especiais. No ensino superior, foi criada em l909 a Escola Universitária Livre de Manaós, considerada historicamente a primeira do Brasil, formada pelas faculdades de Ciências e Letras; Ciências Jurídicas e Sociais; Engenharia Civil (Agrimensura e Agronomia); Medicina (Medicina, Farmácia, Odontologia e Parteiras) e Militar das Três Armas. A partir de 13 de junho de 1913, esta passou a denominar-se Universidade de Manáos, posteriormente Universidade do Amazonas – UA e hoje Universidade Federal do Amazonas – UFAM.

A riqueza proporcionada pela exploração da borracha durou vinte anos. Com a queda dos preços da borracha no mercado externo, ocasionado principalmente pela entrada da borracha asiática no comércio internacional, bem como o aumento do uso da borracha recuperada pelas indústrias americanas, o período áureo chegou ao fim, causando falência para muitas casas comerciais, desemprego e inadimplência (OLIVEIRA, 2003). Nos anos

30 a decadência da borracha atinge o ponto máximo, entrando a região amazônica numa profunda estagnação econômica por cerca de três décadas, apesar de esforços no sentido de se criar uma estrutura de subsistência.

Em meio a essas tentativas foi criada pelo Decreto-Lei No. 288, de 28 de fevereiro de 1967, a Zona Franca em Manaus, supervisionada pela SUFRAMA (Superintendência da Zona Franca de Manaus), com o objetivo de atrair interesses econômicos e financeiros para o interior da Amazônia, através de incentivos fiscais especiais e de uma área livre para o comércio de importação e exportação. Conforme o economista Bentes (apud SANTOS et al, 2002, p. 230) a estruturação da Zona Franca de Manaus, em 1967, fez a cidade de Manaus entrar em um processo de rápido crescimento econômico e demográfico, trazendo um clima de confiança, que se fez sentir na rápida expansão do comércio e dos serviços; na implantação de novas indústrias e na melhoria e ampliação das facilidades de transportes e de comunicação entre Manaus, o país e o mundo.

O comércio redireciona parte de suas atividades à importação de produtos estrangeiros, para atender a demanda dos consumidores locais e dos turistas. No setor industrial o número de projetos industriais aumenta, e aos poucos, Manaus foi se definindo como verdadeiro enclave de indústria eletrônica e relojoeira de dimensão nacional. O aumento dessas atividades expande a demanda por mão-de-obra especializada e não-especializada e eleva o nível de renda da população. As novas atividades estimulam a população do interior do Estado a migrar para Manaus em busca de solução para os seus problemas de renda e emprego, acelerando-se dessa forma, o êxodo rural, o que fez com que a população dessa cidade se elevasse de 254 mil habitantes em 1967, para 635 mil habitantes em 1980.

Com isso a cidade de Manaus cresceu de forma acelerada e desordenada. Multiplicaram-se as ocupações dos igarapés e dos interflúvios, agravando o problema ambiental e as condições de habitação da população. A cidade esparramou-se pelos extensos platôs, avançando floresta adentro, cada

vez mais distanciando-se do rio Negro. Esse crescimento não foi acompanhado por uma ampliação da infra-estrutura básica, em particular do saneamento, impondo ao meio ambiente uma sobrecarga abusiva, especialmente aos rios e igarapés da área urbana.

1.3.2 Manaus Hoje: O Contexto Sócio-Cultural e Educacional

Segundo dados estatísticos do IBGE (julho 2005), a população da cidade de Manaus está estimada em 1.644.690. No ano de 2001 havia registro de 194.157 jovens de 15 a 17 anos e 65.731 idosos de 60 anos ou mais. Em 2004, 116.357 desses jovens estavam matriculados no Ensino Médio das redes pública e privada da capital, sendo 105.861 na rede pública estadual de ensino, 1.719 nas escolas federais e 8.777 na rede privada. A cidade está dividida geograficamente em 6 zonas: sul, centro sul, oeste, centro oeste, norte e leste.

Nas Zonas Sul e Centro Sul está situado o maior número de escolas públicas de Ensino Médio, teatros, inclusive o teatro Amazonas, bibliotecas, museus, espaços culturais, e patrimônios históricos arquitetônicos. Essas regiões são consideradas as mais antigas e tradicionais da cidade, compostas por famílias originárias da zona rural do Estado, de imigrantes estrangeiros e do nordeste brasileiro, que vieram para a região na época da borracha em busca de trabalho. Percebe-se que até hoje, os moradores destas zonas são extremamente apegados ao local, pois a maioria está ali há muito tempo, sem demonstrar interesse em sair, seja pela acessibilidade, nos âmbitos comercial e cultural, seja pela preservação da herança familiar.

As Zonas Norte e Leste apresentam características similares por estarem geograficamente próximas e por terem as mesmas carências estruturais, porém as famílias estabelecidas na Zona Norte, em sua maioria, migraram de outras zonas. Em geral, essas famílias possuem um nível econômico, social e de escolaridade mais favorável, em tese proporcionando uma educação de melhor qualidade, comparado ao da Zona Leste. Nestas

Zonas estão localizadas quarenta e seis escolas públicas de Ensino Médio, mas se observa que, especificamente na zona Leste, elas são muito distantes umas das outras, dificultando o acesso aos jovens que trabalham durante o dia, estudam à noite e que dependem de transporte.

A Zona Leste é a mais nova da cidade, onde vivem as pessoas que migraram dos municípios do interior do Amazonas, dos estados vizinhos principalmente do Pará e do Nordeste, em busca de alternativa de sobrevivência. Aqui chegando, depararam com o desemprego, com a falta de moradia, a fome e a miséria, criando mais bolsões de pobreza, aumentando assim, os problemas sociais como: violência, roubos, assaltos, crianças nas ruas, prostituição infantil, idosos maltratados ou abandonados pela família, etc.

O estilo de vida dos jovens da Zona Leste difere muito dos residentes nas zonas sul e centro sul, por exemplo. Os valores são outros, pois as famílias que ali residem são de baixo grau de escolaridade e de baixíssimo poder econômico, sem condições de proporcionar aos seus filhos, uma vida com mais dignidade, com mais oportunidade no âmbito educacional e profissional. Além disso, os bairros pertencentes a esta zona, não oferecem opção de lazer, esporte e cultura. Aqueles que são estimulados pela família a participar de atividades voltadas a essas áreas, precisam se deslocar a outras zonas onde há uma concentração maior de opções.

As Zonas Oeste e Centro Oeste contam com quarenta e oito escolas públicas de Ensino Médio, sendo trinta e uma na Zona Oeste e dezessete na Zona Centro Oeste. Nestas zonas está localizado o bairro da Ponta Negra, considerado o de maior poder aquisitivo da cidade, onde reside a maioria dos executivos, empresários e políticos. Como os bairros adjacentes são formados por uma população muito pobre, o contraste sócio-cultural é extremamente visível. Grande parte das áreas da zona oeste é ocupada pelo exército, contribuindo ainda mais para a diversidade da região. Destaca-se nestas zonas a valorização do esporte, do lazer e da cultura com a existência de centros esportivos como a Vila Olímpica, o Estádio de Futebol, quadras poliesportivas,

pista de ciclismo e skate da Ponta Negra e espaços culturais e de lazer como o anfiteatro da Ponta Negra, o Sambódromo, casas de show, zoológico, centros gastronômicos, bares, etc.

Nestas zonas, assim como, nas zonas Sul e Centro Sul estão localizadas as melhores escolas técnicas e particulares, com cursos profissionalizantes. Por isso, podemos deduzir que os jovens destas zonas têm mais oportunidades educacionais, culturais e esportivas, mesmo tendo uma grande diversidade sócio-cultural e econômica, pois os espaços mais conceituados destinados à cultura e ao esporte são públicos, portanto gratuitos. Quanto à educação já não podemos dizer a mesma coisa, pois, como em todo o país, as escolas privadas oferecem uma educação de melhor qualidade.

Observa-se que a cidade de Manaus teve seu desenvolvimento propriamente dito a partir de 1967, com a implantação da Zona Franca, porém com ascensão do êxodo rural e com a migração de todos os Estados de pessoas que vieram trabalhar no Distrito Industrial, a cidade foi crescendo desordenadamente, sem planejamento estrutural, com exceção de poucos bairros de classe média e alta. O que se percebe é que a cidade continua crescendo do mesmo jeito, com a formação de bairros provenientes de invasões, sem nenhuma infra-estrutura, causando um impacto social e cultural muito grande, apenas com algumas diferenças de outras cidades brasileiras

De acordo com dados do IBGE e da OMS, cerca de 66 mil pessoas com idade acima de 60 anos vivem hoje na cidade de Manaus, estimando-se que esse número alcance 150 em 2025. Em todo o Estado do Amazonas a população idosa em 2000 somava 137.060 pessoas. A Fundação Dr. Thomas registra que 42,4% desses idosos de Manaus são analfabetos, 58,4% são responsáveis pelo domicílio e 51,4% sobrevive com apenas 1 salário mínimo. O quadro seguinte ilustra a estimativa de crescimento do número de idosos até 2005, em relação ao total da população, e os correspondentes percentuais:

Crescimento da população idosa

	Total pessoas	Idosos 2000	%	Idosos 2025	%
No mundo	6 bilhões	600 milhões	10	1,5 bilhões	19
No Brasil	170 milhões	15 milhões	9,1	34 milhões	14
Amazonas	2,8 milhões	140 mil	4,9	318 mil	14
AM Capital	1,4 milhões	66 mil	47	150 mil	14
AM Interior	1,4 milhões	75 mil	53	170 mil	14

Fonte: IBGE/OMS

Segundo dados municipais (Secretaria Municipal de Saúde/Fundação Dr. Thomas), em 2003 a população idosa de Manaus já alcançava 71.000 pessoas, em grande parte analfabetos (42,4%) e com baixo poder aquisitivo (51,4% sobrevivendo com 1 salário mínimo). Em vista dessa realidade, o poder público tem procurado dar respostas à altura das demandas sociais, ampliando a oferta de serviços principalmente para os segmentos mais pobres.

Os idosos em Manaus contam com uma rede de serviços composta por atendimento médico-social pelos CAIMI's (Centros de Atenção Integrada à Melhor Idade), atendimento familiar em Centro de Referência da Família, Centros de Convivência, atendimento domiciliar, orientação jurídica, atendimento a urgências (disque idoso) e atendimento asilar. A rede de serviços destinados a idosos no município, em 2001, estava assim estruturada:

Rede de serviços em Manaus/2001

Tipo	Qtde	Nível Administração
Centro de Atenção Integrada	3	Estadual
Centro de Convivência	5	Municipal
Centro de Permanência	2	1 municipal e 1 filantrópico
Grupos de Convivência (referência 2001)	78	54 municipais, 3 estaduais, 21 sociedade civil[5]
Universidade terceira idade	1	Ufam e Ulbra
Órgãos de defesa de direitos	2	Conselho Estadual de Assistência Social e Fórum Permanente do Idoso
Atendimento domiciliar	1	Municipal
Informações e denúncias	1	Municipal (Fundação Dr. Thomas)

Os grupos de idosos também têm proliferado no município, resultado de iniciativas tanto públicas quanto privadas e de instituições de ensino, com

grande receptividade por parte da população, principalmente pela facilidade de acesso a grupos na área de moradia dos interessados.

Distribuição geográfica grupos de idosos

Zona da cidade	População de Idosos	Número de grupos
Oeste	11.900 idosos	11 grupos
Norte	9.000 idosos	10 grupos
Centro-Sul	8.200 idosos	6 grupos
Centro-Oeste	7.500 idosos	9 grupos
Sul	22.500 idosos	35 grupos
Leste	12.000 idosos	10 grupos

Fonte: Fundação Dr. Thomas/2001

A busca por integrar grupos da mesma faixa etária, que, por um lado, pode contribuir para evitar a segregação e isolamento dos idosos do convívio social, por outro pode indicar um afastamento ainda maior do contexto familiar. pois, para algumas famílias, ter o idoso envolvido com “pessoas da sua idade” chega a ser um alívio, quando não conseguem lidar entre si com os conflitos típicos da convivência com pessoas mais velhas. Essas relações, para o idoso, são de fundamental importância, e vão repercutir diretamente no seu equilíbrio emocional e qualidade de vida.

[5] Associações comunitárias, ong’s, entidades filantrópicas, centros sociais de desenvolvimento

Capítulo 2

RELAÇÕES SOCIAIS E FAMILIARES DO IDOSO NA SOCIEDADE ATUAL

2.1 FAMÍLIA E RELAÇÕES INTERGERACIONAIS

Todo ser humano tem necessidade de estar conectado, de estabelecer relação de pertencimento, e a família é o meio natural de inserção dos indivíduos. Quando essa conexão não existe ou quando se rompe, vive-se uma situação de não-pertencimento, de exclusão e desvalorização, principalmente quando a pessoa está na fase da velhice. Nessa etapa a família constitui para o idoso a conexão primordial e a manutenção das relações familiares representa concretamente a possibilidade maior de evitar o isolamento, não somente com relação ao grupo familiar, como também do indivíduo com a sociedade, pois a família também media esse vínculo.

Quando os laços afetivos são frágeis ou inexistentes, e o idoso é deixado de lado por filhos, familiares e amigos, há um esvaziamento no sentimento de pertencer ao mundo, de sentir-se vivo e atuante. Quando a oportunidade de integração lhe é negada; o idoso sente-se negligenciado afetiva e socialmente. Por outro lado, embora a família possa ser uma solução para evitar o sentimento de abandono, não há garantia de que esse sentimento não exista, porque o próprio processo de envelhecimento faz emergir emoções e sentimentos difíceis de lidar em nossa cultura.

A família, portanto, constitui o primeiro referencial de socialização e de estabelecimento de vínculos, sendo responsável pelo equilíbrio físico, psíquico e afetivo do indivíduo. O idoso geralmente espera que a sua família seja a sua mantenedora na fase em que ele não pode mais cumprir certos papéis e que possa lhe dar a atenção necessária para enfrentar as vicissitudes advindas da

velhice. Essa crença depende da intensidade das relações pessoais estabelecidas pelo idoso com o grupo familiar ao longo da vida e da força dessas relações.

Deve-se observar, no entanto, que as formas relacionais dos grupos familiares vão diferir nos diferentes contextos sociais, econômicos, políticos e culturais. A industrialização, tal qual com relação ao conceito de velhice, interferiu de forma contundente nas relações familiares. Afirma Eisenstadt (1956, p. 144) que:

> Na sociedade moderna (em especial a urbana), a extrema distribuição de papéis sem considerar o parentesco e a regulação institucional, ocasiona uma distinta segregação da vida familiar (especialmente no tocante às suas relações etárias heterogêneas, pais-filhos) das outras esferas institucionais. Os papéis de pai e filho (e adolescentes) representados dentro da família moderna não são somente diferentes, como em outras sociedades baseadas no parentesco, no aspecto das orientações gerais de valor e dos padrões de organização, daqueles de outras esferas institucionais do sistema social.

A passagem de uma sociedade agrária para uma sociedade industrializada, de acordo com Ferrigno (2003) caracterizou-se por importantes alterações no agrupamento familiar.

> Nas sociedades baseadas na agricultura, a estrutura das chamadas famílias extensas era compatível com a necessidade de mão de obra para a lavoura de subsistência. Nesse tipo de família, contava-se com a convivência de até quatro gerações, desde o bisneto até o bisavô, além da presença de parentes laterais e outros agregados. Já a família típica da sociedade industrial é a família nuclear, composta de um casal e poucos filhos, quando existem. Mas, tanto o contingente de casais separados, quanto de solteiros que vivem sozinhos também é considerável. [...] Essas mudanças na estrutura da família têm contribuído para um maior distanciamento entre gerações. Há um número expressivo de idosos que moram sozinhos ou apenas com seu cônjuge [...], além daqueles confinados em asilos. Mesmo no caso de idosos que coabitam com filhos e netos, as conversas mais duradouras são raras ou até inexistentes.. (FERRIGNO, 2003, p. 61-62)

Por outro lado, quando existe a convivência familiar, o fato de os idosos viverem com os filhos não é garantia da presença do respeito e do prestígio nem da ausência de maus-tratos. É fato comum as denúncias de violência física contra idosos nos casos em que diferentes gerações convivem na mesma unidade doméstica. Assim sendo, a persistência de unidades domésticas plurigeracionais não pode ser necessariamente vista como garantia de uma velhice bem-sucedida, nem o fato de morarem juntos um sinal de relações mais amistosas entre os idosos e seus filhos e netos. Há casos mais graves, denuncia Beauvoir (1970, p. 268), em que o velho é tiranizado por seus próprios parentes e posteriormente abandonado:

> É de maneira dissimulada que o adulto tiraniza o velho que depende dele. Não ousa abertamente dar-lhe ordens, pois não tem direito à sua obediência: evita ataca-lo de frente, manobra-o. Na verdade, alega o interesse do ancião. A família inteira se torna cúmplice. Mina-se a resistência do ancião, oprimindo-o com cuidados exagerados que o paralisam, tratando-o com uma benevolência irônica, falando-lhe com uma linguagem infantil, e até mesmo trocando, por trás dele, olhares de entendimento, e deixando escapar palavras ferinas. Se a persuasão e a astúcia fracassam em fazê-lo ceder, não se hesita em mentir-lhe, ou em recorrer a um golpe de força. Por exemplo, convence-se o velho a entrar provisoriamente numa casa de aposentados, onde é abandonado.

Ocorre ainda com bastante freqüência uma relação de exploração consentida do idoso pelos filhos, na forma de ajuda dos avós aos filhos cuidando dos netos, devido aos compromissos trabalhistas dos filhos. Esta cooperação, em princípio vantajosa para ambas as partes, pode resultar em abuso dos filhos na transferência de obrigações as pais (avós) para o cuidado dos netos. O esgotamento físico dos idosos, acrescido muitas vezes por sentimento de culpa por não dar conta da tarefa a que se propuseram (ou foi imposta).

Apesar dessa e de outras questões, é razoável admitir que a convivência familiar do idoso traga mais benefícios do que problemas tanto para o indivíduo quanto para a sociedade. Particularmente a convivência com os membros

jovens da família é considerada de especial relevância, por exemplo, para o jovem, pela possibilidade de estabelecer uma perspectiva histórica, um ponto de apoio em uma sociedade dinâmica marcada por mudanças ininterruptas. Para o idoso, a convivência permite-lhe participar da vida de seus descendentes mais jovens e contribuir para o futuro desses indivíduos com a sua experiência e orientação.

Para a sociedade, as relações familiares são benéficas porque facilitam a integração social e a prestação de serviços sanitários e sociais indiretamente, além de ajuda econômica que as administrações públicas não conseguem dar conta. O direito napoleônico que rege no Mediterrâneo e na América reconhece a importância das relações familiares entre as gerações, impondo obrigações e outorgando direitos aos diversos membros da família. Em caso de necessidade, se estabelece o dever de assistência, que inclui a habitação, alimentação e assistência médica, segundo os diferentes códigos civis e que compreende a pais e filhos reciprocamente e, em alguns casos, aos irmãos.

Considera-se, de todo modo, que as relações intergeracionais constituem um instrumento efetivo para se enfrentar o envelhecimento, uma vez que oferecem um enfoque positivo na família e em outras relações sociais e ocupam um importante papel na prevenção da dependência e nos programas para um envelhecimento ativo.

> A importância da intergeracionalidade está exatamente no intercâmbio entre grupos etários diferentes e na troca que se estabelece entre as gerações, na geração de saberes, na transmissão da memória sócio-histórica e/ou das tradições e passagens de rituais sociais, na perspectiva do fortalecimento dos grupos ou da sociedade (GOLDMAN, 2004, p. 67).

A palavra **geração** evoca diversos significados, sendo o principal a referência ao tempo histórico que agrupa pessoas em função de sua idade. A vivência dos mesmos acontecimentos origina atitudes, sentimentos e condutas semelhantes, que permitem identificar os indivíduos como sujeitos da mesma

geração. Por outro lado, as gerações podem ser ligadas a outras variáveis sociais que facilitam a análise dos grupos, que podem ou não coincidir com a faixa etária, tais como as experiências escolares, profissionais, de lazer, econômicas ou ideológicas, de estilo de vida etc.

> Mesmo que cada geração tenha características e marcas próprias, compartilhadas por toda a sociedade, deve-se observar que as gerações não se apresentam sob a determinação de um único grupo, mas sim como referência aos grupos que formam o conjunto social. [...] Cada geração teria um sentido próprio decorrente não só das vontades dos indivíduos, mas também das influências políticas, econômicas, sociais e culturais (GOLDMAN, 2004, p. 66).

Goldman refere-se também às mudanças nas relações intergeracionais provocadas pelas transformações dos modos de produção ao longo da história, em especial o processo crescente de individualização provocado pela revolução técnica e informacional, afetando sobremaneira as relações familiares e sociais. Tal pensamento é compartilhado por Ferrigno (2003, p. 24) que, questionando-se como vivem e convivem as gerações na atualidade, conclui que os grupos de diferentes gerações vivem hoje segmentados em espaços exclusivos, e “é no contexto familiar que ocorrem mais frequentemente os encontros entre as gerações, ao menos por proximidade física, já que em muitas prevalece o distanciamento afetivo”.

> A compartimentalização de espaços sociais para as diversas gerações no mundo moderno dificilmente nos chama a atenção, já que frequentemente somos tentados a considerar tal fenômeno como algo esperado, natural, inevitável e até, por diversas razões morais e pedagógicas, adequado. [...] Acostumamo-nos com a situação. As coisas se passam como se sempre tivesse sido assim: crianças de um lado, adolescentes de outro, adultos jovens aqui, idosos acolá. Na verdade, em outros momentos da História, como durante a Idade Média, por exemplo, antes, portanto, da escolarização das crianças, estas e os adultos compartilhavam com mais freqüência os mesmos lugares e situações, fossem eles domésticos, de trabalho ou de festa (FERRIGNO, 2003, p. 46).

Percebe-se, assim, que o fenômeno social de gerações segregadas é relativamente recente na história da civilização ocidental. Áries (1981) informa

que na Idade Média, no início dos tempos modernos, especialmente nas classes populares, era comum as crianças se misturarem com os adultos tão logo não necessitavam mais de cuidados contínuos de suas mães e amas, passando a integrar os grupos de maior idade e a participar dos trabalhos e atividades de lazer cotidianos. Nessa época não havia um “sentimento de infância”. Apenas no final do século XVII, essa situação começa lentamente a ser alterada através da escolarização das crianças, ou seja, da institucionalização da escola. Para Ferrigno (2003, p. 48): “Podemos, então, a partir do desenvolvimento de uma pedagogia para as crianças, falar de uma construção social da infância”.

As práticas sociais, afirma Debert (1999), são associadas com os estágios etários, definindo diferenças entre gerações, direitos, deveres e privilégios. Isso pode ser percebido na idade para inserção do indivíduo do mercado de trabalho, na idade para votar, para casar, para concluir os estudos e até mesmo para morrer (socialmente). Para esta autora, a idade geracional é estabelecida culturalmente, independente dos estágios de maturidade e da estrutura biológica das pessoas.

O termo “gerações” implica na idéia de pessoas que compartilharam vivências numa mesma época. Por sua vez, a idéia de “outra geração” traz o sentido de mudança comportamental, produção de outras memórias coletivas e tradições. Ferrigno (2003, p. 43) complementa, afirmando que “a construção social das gerações se concretiza através do estabelecimento de valores morais e expectativas de conduta para cada geração, em diferentes etapas da história”.

> A interação dos membros de diferentes graus etários é essencial para o funcionamento e continuidade do sistema social. Não se trata apenas de que pessoas de diferentes idades atuam conjuntamente dentro do sistema social, pelo menos em alguma medida, seja definida em termos de suas idades relativas. Certos papéis podem ser distribuídos segundo a idade na família, na esfera de autoridade ou nas esferas econômica e ocupacional. A divisão geral do trabalho numa sociedade baseia-se, nas diferenças etárias, por isso o direito de assumir uma certa ocupação pode ser condicionado ao fato de o indivíduo alcançar uma certa idade. Quando a idade não serve

> como critério explícito para a distribuição de papéis, esta é por ela influenciada em muitas organizações formais, na crença de que em certas profissões como a Medicina, Direito etc, a experiência é da maior importância (EISENSTADT, 1956, p. 13).

Na opinião de Ferrigno (2003, p. 36-37), “podemos considerar que as gerações são socialmente construídas, porque, antes de tudo, o indivíduo é que é socialmente construído. (...) melhor que dizer que o homem tem uma natureza, é dizer que ele constrói sua natureza, ou seja, que produz a si mesmo.” Por esse prisma, pode-se dizer que as barreiras intergeracionais foram socialmente alicerçadas e, infelizmente, têm se fortalecido em algumas sociedades como a nossa, instaurando e fortalecendo preconceitos difíceis de serem combatidos.

Segundo Magalhães (1987, p. 99-100):

> Na relação entre jovens e velhos, é notória, em nosso país, sobretudo nas classes médias e nas elites, uma visão distorcida e preconceituosa em relação à velhice. Uma situação carregada de distanciamento ou indiferença ou, muitas vezes, de preconceitos ostensivos e velados em relação à competência para o trabalho, para a vida social, política e cultural ou para a simples convivência no lazer.

Com relação ao aspecto legal quanto à assistência familiar aos idosos, a Constituição Federal, em seu artigo 229, estabelece que, da mesma maneira que os pais têm de manter seus filhos menores, assegurando o indispensável ao seu sustento, como vestuário, assistência médica, habitação, educação, etc; cabem a estes filhos, quando maiores, proverem seus pais na velhice, quando estes não tiverem mais condições de sobreviverem sozinhos, cabendo inclusive ação de alimentos. Essa tarefa é extensiva ao Estado e à comunidade no artigo 230, que têm o dever de agir em conjunto com a família nesse propósito.

2.2 O IDOSO NAS RELAÇÕES SOCIAIS

Como mencionado anteriormente, o status da pessoa idosa tem mudado drasticamente na história da humanidade, principalmente em nossa cultura. Nos séculos passados os velhos não eram tantos e eram socialmente valorizados não somente nas camadas mais abastadas da população. Eles em sua maioria controlavam os recursos materiais e espirituais e a sua experiência em geral os colocava numa posição de respeito no grupo social. Tal situação foi transformada radicalmente com as revoluções políticas e industriais, quando o poder, antes exclusivo dos reis e nobres, passa a ser disputado por outros membros da sociedade.

O conhecimento, antes apoiado na experiência, depois das revoluções industriais passa a se apoiar na ciência e na tecnologia. Isso afeta também a vida social, onde a experiência perde valor e o progresso passa a ser fundamentado na educação universal, na difusão dos conhecimentos e na inovação. O espaço ocupado pela idade e a experiência como fonte do status e poder social, é cedido para a inovação e o experimento dos mais jovens. No século XX, ao término da Segunda Guerra Mundial, são os jovens que impõem a sua força e predominam na reconstrução da Europa, representados pelos Estados Unidos, instaurando-se com maior força um tipo de preconceito – o preconceito etário - que viria no decorrer do tempo a reafirmar continuamente a importância da juventude e a irrelevância do velho para a nova sociedade.

Essa atitude de preconceito em relação ao velho é reforçada de várias maneiras em vários âmbitos sociais, e se acirra na proporção em que ergue contra ele inúmeras barreiras sociais e são desenvolvidas e incentivadas de certa forma, por meio do culto à juventude, atitudes de preconceito e discriminação social. Na opinião de Oliveira (1999, p. 71), “a sociedade coloca o velho em uma situação típica de marginalização social”, dentro desse contexto desfavorável “ele passa também se sentir acuado e, como conseqüência, perde a iniciativa e a motivação”, muitas vezes assumindo o estigma de incapacidade para a aprendizagem e para adaptação a mudanças que lhe é imposto.

Conhecido como o *país dos jovens* há bem pouco tempo, durante anos no Brasil o grupo idoso foi considerado um grupo minoritário, sem valorização social. Neste século a sociedade se defronta com um aumento absoluto e relativo da população idosa, com expectativa de crescimento de 45% em vinte anos, *com predominância para as mulheres*, enquanto que a estimativa para o crescimento da população jovem (de 0 a 14 anos) é de apenas 0,6%[aa] para o mesmo período.

A despeito dessas evidências, ou talvez por este motivo, o mito da juventude eterna nunca esteve tão em “alta” quanto na atualidade, haja vista a tecnologia cada vez mais aperfeiçoada, os vultosos investimentos nas áreas de cosméticos e os avanços da medicina estética. Sob o pretexto de privilegiar a saúde, a negação da velhice se patenteia e a discriminação dos “velhos” se acentua progressivamente, porque aquele que não “rejuvenesce” se afasta dos padrões impostos pela sociedade para a sua devida aceitação.

De acordo com Oliveira (1999), no Brasil a tendência é valorizar o novo e desprezar o que é velho, o que é reforçado pela educação, fazendo com que o idoso acabe por considerar-se um “objeto fora de uso”. Freqüentemente vítima de discriminações no contexto em que vive, o idoso passa a sentir-se marginalizado, perdendo, em conseqüência, a motivação para se integrar e interagir socialmente no seu meio.

É provável que o baixo nível de instrução de uma parcela significativa da população contribua para o desconhecimento de informações sobre direitos sociais e sobre o próprio processo de envelhecimento a que todos os seres humanos estão submetidos. Além disso, há que se considerar as manipulações ou imposições de valores e idéias pelos meios de comunicação que, além de ocultar uma realidade nada feliz, acabam contribuindo para a fabricação de uma *forma jovem* de ver o mundo, materializada nas propagandas, novelas, filmes, e no apelo ao consumismo.

Como afirma Gaiarsa (*apud* OLIVEIRA, 1999), ser velho em nossa sociedade, além de um fato é um conjunto de convenções sociais da pior espécie. Não se sabe o que pesa mais sobre os velhos: se a idade ou a idéia que fazem de si mesmos, movidos pelo modo como são tratados, pelas idéias tantas vezes vingativas que orientam o comportamento da maioria frente a eles.

Vale ressaltar que as idéias (representações) do idoso e da velhice na sociedade em muitos países são fortemente influenciadas pela divisão de classes, porquanto existe diferença notável em termos de longevidade nas camadas sociais mais elevadas economicamente, observando-se a ampliação etária de 70 a 80 anos em média, enquanto que nas camadas economicamente mais baixas a longevidade se restringe em níveis críticos de 40 a 50 anos, devido às péssimas condições de vida a que muitos estão submetidos.

Observa-se, então, o recuo da fronteira da velhice para as classes privilegiadas, enquanto a velhice precoce é acentuada graças ao desgaste biológico e à perda da capacidade produtiva, mesmo antes dos 50 anos, nas camadas de baixa renda, onde o isolamento, péssimas condições de saúde, perda de papéis familiares e alijamento do mercado de trabalho estão relacionados ao baixo poder aquisitivo, mesmo para os aposentados.

Ressalta-se, desta forma, a necessidade de avaliar o envelhecimento não apenas do ponto de vista do tempo vivido pelo indivíduo, mas vê-lo de forma mais completa, como “uma categoria, uma atividade socioeconômica, um modo diferente de vida, características pessoais, objetivos e conflitos de natureza variável, sentimentos positivos e negativos, ou seja, a soma de todos os processos de viver dentro do contexto sociocultural” (OLIVEIRA, 1999, p. 73-85).

2.3 IDADE X PRODUTIVIDADE

Paschoal (1996b) se reporta aos diferentes tipos de envelhecimento, situando o *envelhecimento funcional* como aquele ao qual se costuma dar maior valor. Este ocorre em função da deterioração da saúde física e mental do indivíduo, levando-o à dependência dos outras para realizar suas tarefas habituais e até mesmo, em alguns casos, as necessidades básicas. O envelhecimento funcional, segundo o autor é considerado mais importante que o envelhecimento cronológico e mais valorizado em nossa cultura, em razão dos problemas de relacionamento e adaptação familiar implicados na perda de autonomia e capacidade funcional das pessoas.

O envelhecimento intelectual é associado à perda de memória (lapsos), à dificuldade de aprendizado e *déficit* de atenção, orientação e concentração, quando comparados com a capacidade intelectual anterior do indivíduo. O envelhecimento econômico está relacionado à aposentadoria e condicionado à capacidade produtiva do indivíduo, ocorrendo quando este se desliga (ou é desligado) do mercado de trabalho.

É fato incontestável a existência de restrições impostas pelo mercado de trabalho em relação às pessoas mais velhas, ocorrendo redução sensível no percentual dos ocupados absorvidos pelas empresas, proporcionalmente ao aumento da idade dos indivíduos. Hoje, a dificuldade enfrentada pelos muitos jovens para conseguir emprego, pode ser equiparada aos problemas enfrentados pelos trabalhadores com mais de 40 anos, principalmente aqueles pouco especializados e/ou com baixo nível de instrução.

Segundo Drury (1993), existe realmente uma tendência crescente de discriminação em relação aos indivíduos com maior idade, manifestada não somente no momento da seleção, como também nos processos de capacitação/atualização dos trabalhadores mais idosos, bem como no reconhecimento profissional e perspectivas de ascensão na carreira. De acordo com a OIT, existe a evidência de preconceitos quanto às potencialidades e aos resultados do trabalho de pessoas mais velhas, muito embora estes trabalhadores dêem provas de sua eficiência. Outra avaliação perversa é feita pelos empregadores, considerando que o aumento de riscos de acidentes e

doenças em trabalhadores mais velhos pode levar a um maior índice de absenteísmo e, conseqüentemente, ao aumento de custos com redução da produtividade.

É claro, pontua Oliveira (1999, p. 71), que não se pode desconhecer ou negar a existência de diferenças nos desempenhos entre faixas etárias variadas, como o ritmo empreendido em algumas funções. Porém, em outros aspectos, há equivalência entre os mais velhos e os mais jovens que, muitas vezes, são até mesmo superados pela experiência dos mais idosos. Assim, "pode-se considerar uma injustiça a crença da inferioridade inelutável do rendimento na fase senhorial da vida".

Marín e Iguti (1997, p. 44) consideram que, qualquer que sejam os países ou setores de trabalho, alguns fatores de ordem geral interferem de forma negativa sobre a situação profissional de trabalhadores mais idosos. A questão da competitividade com os mais jovens está entre esses fatores, uma vez que os fatores fisiológicos e até mesmo psicológicos contam de forma desfavorável para os mais velhos. Um aspecto mencionado também é a suposta dificuldade de adaptação a novos métodos e técnicas de trabalho, bem como a idéia errônea de que a idade necessariamente implica em dificuldade de aprendizagem.

Por esse prisma, o trabalho aparece como um marcador de envelhecimento. Com as alterações biopsicofísicas decorrentes da idade, o declínio do trabalhador é acentuado, ameaçando sua permanência no emprego e, consequentemente, o seu papel social. Sob outro ponto de vista, é possível que o envelhecimento apareça como contribuinte para o desenvolvimento do indivíduo, quando o trabalhador, cada vez mais qualificado, tem a sua competência aumentada no decorrer do tempo, resultando em valorização de seu papel social e elevação do padrão de vida do ponto de vista financeiro.

O valor dos indivíduos no mercado de trabalho é apontado por Lenoir (1989) como uma das variáveis essenciais que exercem influência na

determinação do envelhecimento social, relacionada especialmente à importância da atividade profissional na definição do valor social dos indivíduos. Na opinião do autor, o campo profissional, até mesmo dentro das empresas, parece respeitar e reproduzir essa hierarquia social calcada nos graus do envelhecimento.

Essa avaliação determinada pela valoração de determinados grupos, também é mencionada por Bourdieu (1987), para quem a divisão social do trabalho expressa a tentativa de imposição de determinada visão do mundo social, com o intuito de manter ou modificar posições sociais. O que se verifica, de fato, é que são os interesses das classes dominantes economicamente que acabam por determinar não somente as classificações sociais, mas também de grupos etários, na forma de uma ordenação social. Em uma sociedade em que o status da pessoa é ligado ao trabalho e à rentabilidade, a sociedade vai sublinhar a não-produtividade e/ou inutilidade econômica do idoso, determinando a sua exclusão.

Em nosso país, observa Oliveira (1999, p. 71), muitos valores sociais foram sedimentados ao longo dos anos a partir da idéia disseminada pelos meios de comunicação de que o Brasil é “País Jovem” ou um “país de jovens”, evidenciando exclusivamente o potencial da juventude, em detrimento da idade madura e da velhice, que acabaram por se tornar sinônimos de improdutividade e decadência.

A sociedade brasileira acostumou-se a ver o *idoso* como uma categoria social em decadência, marcada por declínios de ordem física, social e mental. Essa idéia orienta atitudes e comportamentos, estabelecendo barreiras nítidas nas relações intergeracionais, sustentadas nos mitos, por exemplo, de que velhice e doença estão diretamente relacionados, de que todo velho é improdutivo e incapaz de aprender coisas novas, de que o *velho* tende ao isolamento porque não consegue mais interagir, inclusive com a sua própria família. Tais idéias orientam a sociedade em geral, inclusive as famílias, que tratam os seus idosos como fardos, pesos mortos dos quais procurarão livrar-

se a todo custo. O lado mais perverso é que muitas vezes o próprio *idoso* incorpora essa idéia, passando a comportar-se de modo arredio, minimizando problemas de saúde e isolando-se *para não dar trabalho*.

Em uma sociedade que valoriza os indivíduos pela sua capacidade produtiva, estar velho é estar disfuncional. O descarte dos idosos é forjado e viabilizado de várias formas, desde a indução à sua retirada do mercado de trabalho, por meio de programas de preparação para a aposentadoria de demissões voluntárias, geralmente com perda financeira, até o fechamento do mercado para os indivíduos de maior idade. Não há espaço para o "velho" no mercado de trabalho atual, pois até mesmo os mais preparados têm dificuldade de se colocar em nível de competitividade com os mais jovens.

Pode-se dizer que as desigualdades sociais são fortalecidas pela modernidade, e em países como o Brasil, nos quais a identidade da pessoa está diretamente ligada ao seu trabalho, é grande o contingente de idosos que sofrem esta marginalização, por um lado, pelo aspecto econômico e, por outro, pelo mito da improdutividade que lhes é atribuído. Segundo Oliveira (1999, p. 94):

> Numa sociedade eminentemente capitalista, onde muitos lutam pela sobrevivência, enquanto outros paralelamente lutam pelo poder, os discursos giram em torno de desenvolvimento, tecnologia, bem-estar social, fundamentados na relação capital/trabalho. Considerando o significado de trabalho como a capacidade do homem de transformar a natureza que o capital potencializa para o processo de produção, estabelece-se a forma como os homens são valorizados socialmente e como sobrevivem. Nessa relação, privilegia-se o interesse das classes que dominam política e economicamente. Por sua vez, atrelados ao capital e trabalho, valoriza-se a produtividade e aqui um dos mitos relativos à velhice surge com vigor; o velho é improdutivo e estereotipado como inútil ao sistema, legitimando-o como incapaz de desempenhar a função social.

O envelhecimento da população influencia o consumo, a transferência de capital e propriedades, impostos, pensões, o mercado de trabalho, a saúde e assistência médica, a composição e organização da família. É um processo normal, inevitável, irreversível e não uma doença. Portanto, não deve ser

tratado apenas com soluções médicas, mas também por intervenções sociais, econômicas e ambientais.

2.4 SOLIDÃO, ABANDONO, MAUS TRATOS: O IDOSO VITIMIZADO

Os maus-tratos a idosos e crianças constituem motivo de preocupação em todas as sociedades e não ocorrem exclusivamente em países em desenvolvimento, como o Brasil, muito menos somente em famílias de baixo poder aquisitivo. Segundo dados da OMS, nos Estados Unidos cerca de 2 milhões de idosos acima de 65 anos sofreram algum tipo de agressão.

Os idosos e as crianças estão entre as principais vítimas de violência doméstica e muitas vezes não conseguem se livrar do agressor, principalmente quando este é um familiar próximo. Além disso, com o avanço da idade os idosos vão ficando mais vulneráveis à violência do próprio meio, tornando-se vítimas fáceis de atropelamentos e assaltos, o que tem elevado bastante o número de morte de idosos nos últimos tempos.

Em Manaus, segundo informações do Programa de Atendimento Domiciliar ao Idoso – PADI, da Fundação Dr. Thomas, unidade asilar da Prefeitura Municipal, no ano de 2005 foram registrados 515 casos de violência e maus tratos contra idosos, aí incluídos abuso físico (85), abuso sexual (07), negligência (89), abuso psicológico (142), abuso financeiro (116), auto-negligência (05) e abandono (71).

A situação de abandono dos idosos, por sinal, é uma questão de maior relevância quando se trata do tema. Dos 113 internos da Fundação Dr. Thomas em 2005, 72 tinham familiares de grau variados de parentesco, e 41 não tinham família ou, pelo menos, essa não foi localizada. Geralmente as situações de abandono do idoso são desencadeadas na medida em que ele vai

perdendo cada vez mais autonomia e tornando-se dependente de outras pessoas, algumas vezes até mesmo para os cuidados pessoais.

Essa condição de fragilidade do idoso costuma afetar as relações familiares e os vínculos afetivos, além do que podem ocorrer inúmeras variações na forma como o idoso se comporta em relação a essa condição de dependência, ou seja, o modo como se dá o enfrentamento do problema pelo indivíduo pode também provocar o afastamento dos familiares e agravar o sentimento de abandono. Depende também de cada um "sentir" em maior ou menor grau abandonado pelos seus, dependendo de como eram constituídos os laços afetivos entre os membros do grupo familiar.

Há casos, inclusive, de auto-isolamento do indivíduo, devido geralmente a um sentimento de incapacidade e auto-depreciação (do tipo "não sirvo mais pra nada), resultando em afastamento do convívio familiar, das atividades grupais e sociais. Vale ressaltar que, sendo o ser humano sociável por natureza, a falta de relação pode ser interpretada como um indicador de marginalização e possível desajuste social, origem de condutas negativas para o indivíduo e a sociedade.

Na Gerontologia[1] se utiliza a solidão residencial como um indicador de possível patologia social, e a falta de relação origina com freqüência algumas deficiências na qualidade de vida, tais como deficiências alimentares, mudança nos hábitos higiênicos e na personalidade social, uma vez que a vida comunitária passa a ter menos importância para o indivíduo que se sente "um zero à esquerda". Nesse caso o abandono é um sentimento de sofrimento produzido por circunstâncias que impedem o indivíduo de viver e conviver plenamente e de permanecer inserido na família, no grupo e na cultura.

A pobreza de afetos e de comunicação leva a um rompimento do contato vital com o mundo, com outras pessoas, favorecendo inclusive a inércia do

[1] A palavra gerontologia deriva do grego, *geronto*, *velho* e *logia*, *estudo*. Constitui, assim, o estudo da velhice. Trata-se de uma disciplina recente, do século XX, que surgiu como resultado de uma reflexão secular sobre o

corpo. O caso extremo de solitários avessos ao contato social constitui a "síndrome de Diógenes", simbolizada pelos velhos solitários acumuladores de objetos inúteis e lixo, com saúde frágil, alimentação deficiente, os quais rechaçam qualquer intervenção alheia e se tornam cada vez mais isolados e mal vistos na comunidade em que vivem.

Guardini (1990, p. 8) acredita que o despreparo das pessoas para viver as diferentes etapas do ciclo de vida vem mostrar a necessidade de conhecimento e compreensão do processo dinâmico do envelhecimento, para o qual nem todos estão preparados e são capazes de acompanhar sem sofrer abalos: "cada fase da vida representa algo de novo, que não foi vivido anteriormente e que o homem é um outro".

2.5 A ATENÇÃO AO IDOSO: O QUE DIZ A LEI

Considerando que a questão da velhice no Brasil tem ganhado contornos mais definidos nos últimos anos, em virtude das demandas sociais por melhor qualidade de vida para essa faixa etária, configurou-se uma proposta de políticas específicas a partir da Lei nº 8.842, promulgada em janeiro de 1994 e regulamentada pelo Decreto nº 1.948 de 03 de julho de 1996, que dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências.

Como tema central, o idoso, foi tratado especificamente pela primeira vez, no Brasil em 1976, no governo Geisel, quando se realizou em Brasília o I Seminário Nacional de Estratégias de Políticas para o Idoso, promovido pelo Ministério de Previdência e Assistência Social. Também se criaram comissões nacionais e estaduais para treinamento de recursos humanos especializados no atendimento ao idoso, as quais tiveram pouca duração e praticidade. O

---

envelhecimento, devendo ser considerada sob dois aspectos: como ciência e campo de investigação e como educação e formação de recursos humanos para o trabalho com idosos.

programa, por falta de solidez, acabou por se extinguir em 1977, e somente em 1985 o assunto foi retomado, com o retorno de exilados políticos interessados em combater as injustiças sociais.

A política pública de atenção ao idoso está ligada ao desenvolvimento sócio-econômico e cultural, bem como com a ação reivindicatória dos movimentos sociais, cujo marco importante dessa trajetória foi a Constituição Federal de 1988, que introduziu em suas disposições o conceito de Seguridade Social, fazendo com que a rede de proteção social alterasse o seu enfoque estritamente assistencialista e passasse a ter uma conotação ampliada de cidadania. O artigo 230 considera que a família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua dignidade e bem-estar, garantindo-lhes o direito à vida. Embora seja um primeiro passo, observa pouca clareza do artigo quanto aos direitos dos idosos e a responsabilização propriamente dita do poder público para com este segmento.

A Política Nacional do Idoso criou normas para os direitos sociais dos idosos, garantindo autonomia, integração e participação efetiva como instrumento de cidadania. Essa lei foi reivindicada pela sociedade, sendo resultado de inúmeras discussões e consultas ocorridas nos estados, nas quais participaram idosos ativos, aposentados, professores universitários, profissionais da área de gerontologia e geriatria e várias entidades representativas desse segmento. A Lei nº 8.842 é composta por quatro capítulos e 22 artigos, nos quais são assegurados os direitos sociais dos idosos e criadas condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade (art. 1º). Assim, assegura-se aos idosos o direito de exercer sua cidadania. Dentro das diretrizes, a Política Nacional do Idoso estabelece que suas ações passam a ser descentralizadas, por intermédio dos órgãos setoriais nos Estados e Municípios, em parceria com as entidades governamentais e não-governamentais.

O objetivo foi criar condições para promover a longevidade com qualidade de vida, colocando em prática ações voltadas não apenas para os

que estão velhos, mas também para aqueles que vão envelhecer, bem como lista as competências das várias áreas e seus respectivos órgãos. Um dos principais princípios desta lei é a necessidade da expansão do conceito de velhice e de envelhecimento para toda a população, de modo eliminar os estereótipos e concepções negativas da velhice, além de promover uma melhor relação intergeracional. A implantação dessa lei estimulou a articulação dos ministérios setoriais para o lançamento, em 1997, de um Plano de Ação Governamental para Integração da Política Nacional do Idoso.

Constituem diretrizes da política nacional do idoso o "estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento" (art. 1º; parágrafo IX). Na área de educação o artigo 10 declara como competência dos órgãos e entidades públicas, em seu parágrafo III, letra b, a inserção nos currículos mínimos, de conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto[2]. O parágrafo VII na letra "d" destaca a importância de se "valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens, como meio de garantir a continuidade e identidade cultural".

No que compete às entidades públicas, encontram-se importantes obrigações, como estimular a criação de locais de atendimento aos idosos, centros de convivência, casas-lares, oficinas de trabalho, atendimentos domiciliares e outros; apoiar a criação de universidade aberta para a terceira idade e impedir a discriminação do idoso e sua participação no mercado de trabalho.

Ocorre, no entanto, que o distanciamento entre a lei e a realidade dos idosos no Brasil ainda é enorme e, para que esta situação seja modificada, se faz necessário que a política do idoso continue a ser debatida e reivindicada em todos os espaços possíveis, pois somente a mobilização permanente da

sociedade é capaz de configurar um novo olhar sobre o processo de envelhecimento dos cidadãos brasileiros.

Infelizmente, ao que parece, não basta a força da lei e a mobilização social para a promoção das mudanças necessárias e desejáveis no panorama da situação do idoso no Brasil. É fundamental também conhecer de que forma as crianças e jovens estão sendo educados para viver no futuro o processo de envelhecimento, e o que é possível fazer para mudar os paradigmas onde se assentam as concepções hoje vigentes, que fazem do idoso um excluído social.

---

[2] Mesmo que a versão posterior da LDB não se refira mais a *currículos mínimos*, considera-se importante o teor da Lei, prevendo o que nos propomos estudar: o processo de envelhecimento e da velhice e suas representações pelos jovens que freqüentam o ensino médio.

Capítulo 3

ADOLESCÊNCIA, EDUCAÇÃO E MUDANÇA DE PARADIGMAS

A existência de uma cultura jovem é uma proposição aceita pela maioria dos estudiosos das ciências sociais. Os critérios para a determinação da fase adulta, segundo Campos (2000) vão diferir nas sociedades, estando mais ligados às tradições sociais do que propriamente à maturidade biológica. A chamada “adolescência”, por sinal, é uma fase que parece ter maior relevo na cultura ocidental, nas sociedades urbanas.

Em alguns grupos indígenas brasileiros essa fase é praticamente eliminada, quando garotos em torno de 10 a 12 anos fazem o ritual de passagem para a vida adulta, sendo expostos a sofrimentos físicos para atestar a sua força masculina. Meninas de 8 anos, na cultura Xavante, são comprometidas com seus futuros maridos, e algumas passam a viver maritalmente assim que menstruam.

Nas sociedades modernas, ditas civilizadas, o que se observa é um prolongamento da fase da adolescência, que varia entre 12 e 21 anos, em geral. Segundo Aberastury e Knobel (1981) a adolescência significa a condição ou o processo de crescimento. O termo se aplica especificamente ao período da vida compreendido entre a puberdade e o desenvolvimento completo do corpo, cujos limites se fixam, geralmente, entre os 13 e os 21 anos. Os fatos indicam que nas adolescentes esta fase vai de 12 a 21 anos e de 14 aos 25 anos para os adolescentes masculinos, podendo neste caso estender-se até aos 27 anos de idade.

Campos (2000) observa que, à medida que o conforto moderno e a sofisticação tecnológica se ampliam, a tendência é prolongar a adolescência,

aumentando também a complexidade dos papéis adultos. Ele enfatiza também a importância de que os adolescentes não sejam considerados somente a partir de seus conflitos e processos internos, mas também biossocialmente, com ênfase nos sistemas de valores e pressões dos grupos que os circundam, atuando em certo grau e sob certas circunstâncias, influenciando um padrão específico de desenvolvimento de personalidade ou de comportamento. Durante a adolescência o indivíduo é vulnerável não só às transformações biológicas, mas também às rápidas transformações do mundo moderno.

Aberastury e Knobel (1981) pontuam o fato de que o adolescente na puberdade muitas vezes depara-se com uma sociedade cruel, incompreensiva, hostil e inexorável, impondo-lhe uma mudança de papel frente ao mundo exterior. Esta exigência é vivida como uma invasão à sua própria personalidade, conduzindo-lhe, geralmente, como defesa, a manter-se nas suas atitudes infantis. É muito comum que aos 16, 17 ou 18 anos, mostrem-se muito maduros em alguns aspectos, mas paradoxalmente imaturos em outros. É por isso que um dos problemas centrais do adolescente é a busca de sua identidade.

De acordo com esses autores, embora os adolescentes enfrentem tarefas evolutivas peculiares à sua fase vital, não podem ser considerados como crianças crescidas ou adultos jovens. A fase da adolescência evidencia padrões característicos de comportamento, no entanto não existe uniformidade nos padrões específicos de um jovem para outro e nem valores e comportamentos partilhados pelos grupos de adolescentes de forma rígida, podendo variar muito entre os grupos com relação a várias coisas. Frente a um mundo tão mutável o adolescente apresenta uma série de atitudes também mutáveis, e se manifesta de forma especial. As lutas e rebeliões externas do adolescente são reflexos dos conflitos de dependência infantil que intimamente ainda persistem.

Além da obrigatória circunscrição ao espaço da escola, onde a convivência é prioritariamente com seus pares, os adolescentes parecem

especialmente motivados a formarem grupos de amizade compostos por indivíduos da mesma idade ou de idade bem próxima. Nos últimos tempos parece estar havendo uma tendência maior na formação de grupos com idéias, valores e hábitos bem semelhantes. Lembra Ferrigno (2003) que a profusão das chamadas “tribos juvenis”, identificadas já na aparência pelos trajes e adereços, é um exemplo desse comportamento.

Assim sendo, verifica-se que muitas coisas no processo da adolescência não dependem do próprio indivíduo isoladamente. Não há dúvidas de que o meio em que vive determinará novas possibilidades de identificação, aceitação e negação do que se apresenta para ele, e de que a sociedade influencia e determina grande parte da conduta dos adolescentes. Nessa fase, o grupo adquire grande importância, já que é transferida ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar e com os pais especialmente.

Todos esses problemas são mais graves atualmente, pois vivemos num mundo no qual a tensão e a ansiedade criada pelo acúmulo de problemas sociais e de rápidas transformações do meio, representam uma ameaça permanente, e sabemos que a estabilidade é o clima necessário para que um ser humano se desenvolva normalmente. Essa estabilidade é adquirida na família e é muito importante principalmente a partir do momento em que o adolescente começa a se afastar dos pais em função de suas mudanças biológicas e do momento cronológico vivido por ele.

Nunca é demais reiterar a importância da família, na qual o jovem deve permanecer vivendo de forma harmônica, equilibrada, segura, buscando sempre o apoio de todos seus integrantes, principalmente dos pais e estes procurando educá-los com sensatez, estimulando-os para melhorar a convivência, tanto na família quanto em outros grupos sociais, respeitando e valorizando as pessoas, principalmente as mais velhas.

Os conflitos na família levam à vulnerabilidade de todos seus membros, principalmente do jovem em formação, aquele que é considerado frágil por falta de informação, orientação, vivência e experiência. Esse jovem quando não tem uma formação sólida fica vulnerável às influências externas, tornando-se uma presa fácil ao fantasma das drogas, problema que tem sido motivo de constante preocupação entre pais e educadores, atualmente, além de tema freqüente em jornais e revistas e na programação de rádio e televisão.

De um lado, os educadores não têm conseguido propiciar à juventude uma formação que inclua a capacidade de discernir e optar, reconhecendo o direito de ser informada idoneamente sobre as questões que afetam sua vida. O currículo do ensino médio demonstra a falta de envolvimento da escola em relação às questões da vida dos jovens e faz com que eles se sintam muito afastados do ambiente escolar, envolvendo-se cada vez mais em acontecimentos do dia-a-dia vividos nas comunidades, no círculo de amizades, nas ruas, e outros. Essa omissão por parte da escola, fortalece a exposição dos jovens às más influências e suas conseqüências, pela atração dos estímulos extra-escolares.

Os jovens dos anos 70 e 80, segundo estudos sociológicos, eram considerados agentes de transformação numa sociedade em crise ou em processo de modernização, o que classificava o comportamento juvenil como revolucionário. Eram encarados como segmento de classe que tinham uma tarefa a desempenhar tendo em vista a mudança social. Enquanto os jovens dessas gerações acreditavam em seu caráter rebelde e em seu poder de mobilização e intervenção social, o que parece caracterizar os jovens de hoje é o sentimento de apatia e conformismo perante a realidade.

Diante da dificuldade de se conseguir o primeiro emprego, por exemplo, observa-se uma certa acomodação e aceitação, atribuindo sempre o problema à crise econômica. Nas gerações anteriores, os jovens lutavam, em busca de seus direitos e de seu espaço sócio-econômico, organizavam-se de tal forma que conseguiam ser ouvidos e suas reivindicações atendidas. Por que será que

o nosso jovem é tão diferente? Será culpa da família, da escola, da crise econômica ou da tecnologia? Percebe-se que todos têm a sua contribuição, afinal vivemos um processo de mutação em todos os segmentos.

Os avanços tecnológicos, o consumismo, a valorização da estética, as mudanças na forma de relacionamento, as facilidades do mundo moderno e os problemas sócio-econômicos como: o desemprego, a pobreza, a miséria e a violência, fazem com que as pessoas se sintam acuadas e isoladas. O medo tomou conta da população e os pais passaram a superproteger seus filhos, tornando-os pessoas dependentes, sem iniciativa, passivas, esperando que os pais decidam suas vidas. Isso numa sociedade competitiva, onde só consegue se estabilizar quem for qualificado e competente é algo no mínimo contraditório.

Mas, este não é único fator de mudança do jovem de hoje, existem muitos outros, mas devem ser ressaltadas também as facilidades proporcionadas à população, advindas desse avanço tecnológico. A internet, a televisão, o telefone celular, o vídeo game, o DVD, tudo isso faz com que os jovens tornem-se pessoas altamente acomodadas, até mesmo, em alguns casos, inibindo seu crescimento físico e intelectual pela carência de estímulos diferenciados.

Neste cenário complexo vive hoje o jovem, como refém das cobranças contraditórias que para ele convergem. Alvo dos desafios apresentados e dos paradigmas a serem quebrados, fica, cada vez mais, sujeito às tentações do submundo, visto estar tão despreparado para um posicionamento firme, de protestos ou reivindicações. Demonstra, por mais estranho que possa parecer, enorme passividade, à espera das manifestações externas, com as quais se identifica, deixando-se influenciar facilmente. Seu comportamento tímido e inseguro, muitas vezes agressivo e desorientado termina em inevitável frustração, dificultando cada vez mais o relacionamento com o outro: na família, na escola e na sociedade em geral.

Para Souza (2003), a juventude deve ser vista como uma categoria histórica, desvinculada do universo econômico e sociocultural em que se encontra, pois a explicação do comportamento juvenil deve considerá-lo inserido na estrutura global. Em sua opinião o jovem se encontra atualmente no núcleo de uma constelação de fatores institucionais e sociais que funcionam como forças modeladores das respostas juvenis à pressão da sociedade. Segundo o autor (p. 46):

> Isso implica não falar genericamente da juventude como se fosse um bloco homogêneo, mas sim uma categoria segmentada: estudantes e não estudantes, trabalhadores e não trabalhadores, homens e mulheres, moradores das grandes e das pequenas cidades (ou ainda da zona rural). A condição juvenil, portanto, não só varia de sociedade para sociedade, mas no interior de uma mesma formação social ao longo do tempo, de grupo para grupo ou de classe para classe.

Por outro lado, em torno da figura do jovem tem sido criada e fortalecida uma imagem altamente positiva, associando o conceito de juventude a mercadorias e serviços que prometem vitalidade, beleza, sensualidade, liberdade, poder etc. Assim, são comercializados os propalados atributos juvenis para consumidores de qualquer idade, mesmo os mais velhos, que sonham com a possibilidade de manter a juventude. Uma perniciosa tendência de “juvenilização” dos idosos tem sido cultivada, a partir de uma supervalorização daqueles que “apesar da idade”, mantêm uma vida cheia de aventuras e emoções.

É mundialmente reconhecida a importância da educação para todas as dimensões da vida humana, seja numa perspectiva econômica, de saúde, planejamento familiar, exercício da cidadania participativa etc. Constata-se, porém, que as políticas educacionais no Brasil ainda não alcançaram nível de eficiência que contemple essa amplitude de possibilidades, dentre elas a relação desses aspectos com a questão do idoso. Para Oliveira (1999, p. 261):

> A educação e a informação exercem papéis significativos no panorama atual dos idosos. E também exercerão forte influência no panorama futuro, que poderá ser alterado, reformulando-se essa

> mística que envolve o envelhecimento por meio da educação das crianças e dos adolescentes.

Acredita a autora que a educação poderia servir como atenuante para reduzir a dissonância de valores e idéias que causam tensão entre as diferentes gerações. Assim, uma integração intergeracional, em médio ou longo prazos, poderia constituir-se em uma estratégia adicional que certamente contribuiria para reverter o processo social de desvalorização dos idosos na cultura brasileira.

Assim, pode-se considerar como crucial a necessidade do desenvolvimento de projetos na área de educação comprometidos com a aquisição de capacidades que permitam intervir na realidade concreta, extrapolando o mero terreno dos conceitos para inserir-se no plano da realidade, privilegiando as possibilidades de intervenção e mudanças em nível ideológico-cultural.

3.1 O PAPEL DA EDUCAÇÃO NA MUDANÇA DE PARADIGMAS

Para Paulo Freire não existe educação neutra. A educação é vista como construção e reconstrução contínua de significados de uma dada realidade e prevê a ação do homem sobre essa realidade. "... ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos nem *formar* é ação pela qual um sujeito criador dá forma, estilo ou alma a um corpo indeciso e acomodado. (...) Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender." (FREIRE, 1996, p.25).

Rodrigues (2001, p. 240) acredita que "educar compreende acionar os meios intelectuais de cada educando para que ele seja capaz de assumir o pleno uso de suas potencialidades físicas, intelectuais e morais para conduzir a continuidade de sua própria formação." O autor defende a idéia de que a

formação do “ser humano” é um ato intencional, que se dá necessariamente por meio da educação:

> O ato de formar o ser humano se dá em dois planos distintos e complementares: um de fora para dentro e outro, de dentro para fora. Pelo primeiro, ele “precisa ser educado” por uma ação que lhe é externa, de modo similar à ação dos escultores que tomam uma matéria informe qualquer, uma madeira, uma pedra, ou um pedaço de mármore, e criam a partir dela um outro ser. Assim como não se deve esperar que um objeto escultural apareça de modo espontâneo, também não se deve esperar que o ser humano seja fruto de um processo de auto-criação. É ainda Kant quem reafirma que “o homem não pode se tornar homem senão pela educação”. A formação humana resulta de um ato intencional, que transforma a criatura biológica em um novo ser, um ser de cultura. Esse ato denomina-se Educação. (RODRIGUES, 2001, p. 238).

Oliveira (1999, p. 228) acredita que a educação “deve ser vista como finalidade do processo civilizatório e, na prática, também deve ser encarada como prioridade no processo de modernização do país”. De forma alguma pode ser vista como um fenômeno isolado, nem tampouco ser relegada ou confundida com simples instrumento de promoção de indivíduos em busca de ascensão social. Para Morin (2002), o papel primordial da educação é possibilitar ao indivíduo a compreensão da complexidade humana, suas múltiplas variantes históricas e sociais:

> ... a educação deveria mostrar e ilustrar o destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social, o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro será o exame e o estudo da complexidade humana. Conduziria à tomada de conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muito rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas [...] (MORIN, 2002, p. 61).

Oliveira (1999) considera a educação como um fenômeno pluridimensional, multideterminante e determinado, que acontece no seio da sociedade, permeado por múltiplas relações (políticas, econômicas, sociais, religiosas etc). Insere-se neste contexto, segundo ele (p. 235), a noção de educação permanente, concebida como “um processo contínuo que se realiza em todas as situações em que o homem vive e, por isso, não pode ser ligada apenas a um determinado momento da vida”.

Essa formação deve ressaltar que se relacionar com o “outro” de forma harmoniosa e saudável é, inclusive, uma das formas de exercício da cidadania. Para Freire (2000, p. 92), “a prática educativa será tanto mais eficaz quanto, possibilitando aos educandos o acesso a conhecimentos fundamentais ao campo em que se formam os desafie a construir uma compreensão crítica de sua presença no mundo.”

Essa idéia do papel da educação avaliada pelos estudiosos, é contrariada na prática, quando se percebe a fragmentação do conhecimento e da processo de formação dos indivíduos. A avaliação de Eisenstadt (1956, 146-7) mostra que a visão educacional não mudou muito em meio século:

> Nas sociedades modernas a especialização econômica e profissional baseia-se na acumulação de conhecimento técnico, cuja transmissão está fora das possibilidades da família e exige a passagem por um período de aprendizagem e preparação, cuja extensão está geralmente relacionada ao grau de especialização. Isto é válido também para muitos aspectos do conhecimento filosófico, ideológico e religioso, cuja aquisição é um pré-requisito básico para o desempenho de muitos papéis e para a obtenção de status e da qualidade de membro pleno na sociedade como um todo. A transmissão deste conhecimento realiza-se em organizações educacionais especiais e institucionalizadas – as escolas. Apesar de existirem vários tipos de escolas educacionais e profissionais em muitas sociedades, somente nas sociedades modernas (e possivelmente em determinados setores das sociedades da antigüidade clássica) têm-se convertido gradualmente num esquema institucional quase universal para consecução de status social total. A primeira característica distintiva é que, ao contrário das chamadas escolas de iniciação das sociedades primitivas, estas organizam a vida das crianças durante um largo período de tempo, geralmente durante vários anos. A segunda característica é sua forte acentuação técnica-preparatória.

Oliveira (1999, p. 230) chama a atenção para o fato de que, embora seja um processo constante na história de todas as sociedades, a educação se acha estreitamente atrelada à idéia de homem e de sociedade que se quer produzir por meio do processo educativo. É a partir desse projeto, acentua o autor, que a educação pode ser usada como instrumento de alienação ou libertação dos indivíduos:

> A educação estabelece estreita relação com a consciência que o homem tem de si mesmo, consciência esta que se modifica de época para época, de lugar para lugar, de acordo com um modelo ideal de homem e de sociedade. [...] Dependendo do projeto de homem e de sociedade que se deseja construir, a educação pode ser trabalhada dentro de uma perspectiva que vise alienar ou libertar os seres nela envolvidos (OLIVEIRA, 1999, p. 232).

O indivíduo cônscio torna-se agente de transformação e agente multiplicador, podendo operacionalizar mudanças tanto em seu entorno mais próximo – família e comunidade – como em nível social mais abrangente. Conhecer o processo de envelhecimento de forma adequada seria possibilitar ao jovem uma educação voltada para a realidade, entendendo que essa questão é de todos, uma vez que a vida é um contínuo ininterrupto, no qual a velhice é conseqüência inevitável.

No entanto, a despeito das várias conquistas sociais já alcançadas na área da legislação educacional, poucos avanços foram concretizados, dentre eles os espaços que podem e devem ser abertos para o desenvolvimento de um olhar investigativo e crítico sobre a questão do envelhecimento e, conseqüentemente, para a inserção da Gerontologia no currículo de educação formal.

Essa inserção, em sendo realmente efetivada, viria contribuir para uma transformação da imagem estereotipada que a sociedade, de forma geral, possui sobre o velho, a ponto de, algumas vezes, considerar velhice como “defeito”, pois a mesma está freqüentemente associada a idéia de perda, decadência, dependência e improdutividade. Trata-se, na verdade, de um conhecimento mais amplo, sobre o próprio processo de desenvolvimento do ser humano, as mudanças pelas quais todas as pessoas que alcançarem a velhice terão que passar.

> O preparo do homem é fundamental; só se viverá bem na velhice se houver uma preparação antecipada, pois a vida reserva preocupações e problemas em qualquer idade, que poderão ser agravados na velhice se não existir um planejamento pessoal e social do próprio indivíduo. [...] A educação e o planejamento para o

> envelhecimento, a velhice e a morte podem, provavelmente, melhorar e aperfeiçoar a qualidade de vida para todos (OLIVEIRA, 1999, p. 244).

Devido à precariedade da formação escolar, torna-se difícil e até impossível desfazer os estigmas que fazem com que o velho seja visto e tratado como se deixasse de ser cidadão a partir de certa idade. Talvez essa situação decorra da insuficiente ou inexistente formação que os jovens recebem sobre o desenvolvimento humano, em especial sobre a idade madura, o que resulta em preconceitos e discriminação não apenas do velho, mas, em princípio, do "diferente".

> A educação servirá como atenuante para reduzir a discrepância de valores e idéias que causam tensão entre as diferentes gerações. A médio e a longo prazo, uma estratégia adicional que certamente contribuirá para reverter o processo social de desvalorização dos idosos na cultura brasileira reside na busca da integração entre as gerações (OLIVEIRA, 1999, p. 261).

À educação cabe preparar as gerações para desmistificar essas falácias sobre a velhice, construindo novas idéias e novos significados sobre o envelhecimento. Os jovens devem ser preparados para valorizar as experiências, as emoções e a sabedoria dos mais velhos, adquirida ao longo do tempo, conscientes de que eles próprios são seres em processo. É importante, enfatiza Rodrigues (2001), que os indivíduos conheçam e reconheçam a multiplicidade da existência humana e que aprendam a incorporar nas suas experiências a diversidade:

> Espera-se que o ser humano seja capaz de conhecer o mundo que lhe antecipa na ordem da existência e reconhecer que o existente é composto de um conjunto de coisas que não depende dele para existir. Há também um conjunto de coisas que poderiam não existir, que poderiam ser diferentes do que são, que podem ser incorporadas à minha existência ou não, e de outras que guardam interesses diversos para pessoas diferenciadas. O mundo humano é esse mundo diferenciado, construído simbolicamente e que, quanto mais complexo, mais denuncia a distância entre o mundo humano e toda a chamada realidade primeira. (RODRIGUES, 2001, p. 247).

O descompasso entre a percepção dos jovens sobre os velhos e a realidade talvez se explique pelo fato de que é comum os mais novos não se darem conta de que a velhice não começa repentinamente, mas é um processo gradativo e inexorável e deve ser reconhecido como tal. O bem-estar na fase da velhice, portanto, vai depender de como é vivida a infância e a mocidade, bem como o apoio social para que o indivíduo possa usufruir cada fase da vida, a despeito das intempéries próprias da experiência vivencial.

A preparação para esse processo, assim sendo, deve ser iniciada ainda na educação básica, não somente na forma de conscientização quanto ao respeito aos idosos, mas principalmente da educação propriamente dita com relação ao envelhecimento, condição a que todos estão sujeitos. Acredita-se que a educação é a chave para a mudança de paradigmas, “é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1996, p. 110). Em relação à velhice, a educação deve preparar o indivíduo de maneira essa fase deixe de ser encarada como sacrifício, e passe a ser vista como possibilidade de prazeres e realizações por indivíduos de todas as idades.

A respeito dessa e de tantas outras questões, muitos líderes da academia, do governo e da sociedade civil, têm buscado estratégias capazes de melhorar a proposta educacional das instituições e das políticas nesta área. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB, e as Diretrizes Curriculares Nacionais, deixaram a critério do sistema de ensino e estabelecimentos escolares, a competência de inserir no currículo uma parte diversificada, complementando a base nacional comum, com o objetivo de ampliar os conhecimentos dos alunos em todas as áreas.

Por conseguinte, surgiram iniciativas com o intuito de ampliar os limites da educação formal, de maneira a contemplar temas que contribuíssem para a formação integral do indivíduo. A Gerontologia, por exemplo, se inclui no âmbito dos temas transversais, propostos pelos PCNs. No entanto, embora esta iniciativa tenha sido apropriada em determinado momento, observa-se que não é suficiente para garantir a formação de princípios éticos e sociais

necessários à constituição de um indivíduo plenamente cônscio de sua participação da tessitura social, o que é evidenciado pela forma como os jovens se posicionam socialmente no trato com o idoso.

Em seu artigo 1º , a LDB trata da abrangência da educação:

> A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar**,** na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, pode-se ler:

> A escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução, mas também como espaço de transformação.

Souza (2003) observa, no entanto, a necessidade de um projeto de educação voltado para a promoção de sujeitos críticos e autônomos no interior da escola. Com relação à LDB, permanecem as finalidades previstas pela LDB para o ensino médio apenas no texto legal, entre elas a “preparação para a cidadania” ou a “formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico”, conforme Lei Federal 9.394/1996. Ainda segundo a autora:

> Talvez o ensino médio venha sofrendo, com maior intensidade que os outros níveis, nas últimas décadas, as conseqüências da inexistência de um projeto educacional claro, transformando-se num curso sem identidade, que não prepara nem para o trabalho, nem para a universidade, nem para uma vida social solidária e responsável (SOUZA, 2003, p.168).

A Lei nº 8.842, retromencionada, que dispõe sobre a política nacional do idoso, determina também o “estabelecimento de mecanismos que favoreçam a divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais do envelhecimento” (art. 1º; parágrafo IX). O artigo 10, em seu parágrafo III, letra b, declara como competência dos órgãos e entidades

públicas a inserção nos currículos mínimos, de conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, de forma a eliminar preconceitos e a produzir conhecimentos sobre o assunto. O parágrafo VII, letra “d”, destaca a importância de se “valorizar o registro da memória e a transmissão de informações e habilidades do idoso aos mais jovens, como meio de garantir a continuidade e identidade cultural”.

Um dos principais princípios que regem esta lei é a necessidade da expansão do conceito de velhice e de envelhecimento para toda a população, de modo a eliminar os estereótipos e concepções negativas da velhice, além de possibilitar uma melhoria nas relações intergeracionais. A lei trata da inclusão da Gerontologia e Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores e nos currículos mínimos, nos diversos níveis de ensino formal, inserindo conteúdos voltados para o processo de envelhecimento.

Nessa questão, na opinião de Nunes (2002), os currículos assumem posição estratégica, uma vez que, são capazes de produzir efeitos simbólicos de inegável importância: mobilizam a indústria cultural em torno da legislação educacional e das atividades escolares. Além disso, dão relevo aos saberes de certos grupos de especialistas em detrimento de outros, produzem objetos de conhecimento e desenham novas funções e papéis para os agentes institucionais, gerando, também, outros textos decorrentes.

Tendo em conta essa posição de relevo que assumem os currículos no contexto social, Lopes (2002) chama a atenção para a disputa de poder no cerne da definição desses instrumentos:

> O campo do currículo se constitui como um campo intelectual: espaço em que diferentes atores sociais, detentores de determinados capitais social e cultural na área, legitimam determinadas concepções sobre a teoria de Currículo e disputam entre si o poder de definir quem tem a autoridade na área (LOPES, 2002, p.13-18).

A inclusão de questões sociais no currículo é uma preocupação antiga e datam, segundo Lopes (2002), dos anos 20. Dessa época até a década de 80 o campo curricular foi objeto de transferência instrumental de teorizações americanas, centrada no funcionalismo, viabilizada por acordo entre o governo brasileiro e o norte-americano. Com a redemocratização do Brasil ganharam força no país as vertentes marxistas, com a disputa de dois grupos nacionais – pedagogia histórico-crítica e pedagogia do oprimido. Essa influência não mais se fazia por processos oficiais de transferência de saber, mas sim subsidiada pelos trabalhos de pesquisadores brasileiros, que passavam a buscar participação efetiva na formação do pensamento crítico sobre o tema.

> No início dos anos l990, o campo do currículo vivia essas múltiplas influências. Os estudos em currículo assumiram um enfoque nitidamente sociológico, em contraposição à primazia do pensamento psicológico até então dominante. Os trabalhos buscavam, em sua maioria, a compreensão do currículo como espaço de relações de poder. Na primeira metade da década, a ampla maioria dos estudos se encaixava na categoria de texto político, tal como a define Pinar et al (l995). A idéia de que o currículo só pode ser compreendido quando contextualizado política, econômica e socialmente era visivelmente hegemônica (LOPES, 2002, p. 14).

Ao longo do tempo muitos temas têm sido discutidos e incorporados nas áreas ligadas às Ciências Sociais e Naturais, chegando em alguns casos a constituir novas áreas, como Meio Ambiente e Saúde. Essa tendência foi incorporada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais e incluída no currículo de maneira flexível, com abertura a novos temas, na tentativa de um tratamento didático adequado à complexidade e dinamismo do processo educacional, no mesmo nível de importância das áreas convencionais. Desta forma o currículo apresenta flexibilidade e abertura, uma vez que os temas podem ser priorizados e contextualizados de acordo com as diferentes realidades locais, considerando a diversidade existente, conforme deliberação da LDB.

De acordo com Nunes (2002), a redação atual da LDB determina, em seu Art.26, que tanto os currículos do ensino fundamental quanto do ensino médio devem ter uma base comum que será utilizada em nível nacional. É

possível, no entanto, que os sistemas estaduais de ensino e até mesmo os estabelecimentos escolares, elaborem complementos diversificados, afinados com as características regionais e locais da sociedade, considerando fatores culturais, econômicos, políticos e outros que julgarem relevantes.

Há questões urgentes que devem necessariamente ser tratadas, como a violência, a saúde, o uso dos recursos naturais, os preconceitos, que não têm sido diretamente contemplados, defende Lopes (2002), bem como outros temas diretamente relacionados com o exercício da cidadania. Em sua opinião (p. 25-6), esses temas devem ser tratados pela escola, ocupando lugar de importância: “A escola não muda a sociedade, mas pode, partilhando esse projeto com segmentos sociais que assumem os princípios democráticos, articulando-se a eles, constituir-se não apenas como espaço de reprodução mas também como espaço de transformação”.

O que ocorre na realidade, critica Souza (2003), é que o ensino que é oferecido na maioria das escolas assume caráter mais informativo do que formativo. Para o autor, tanto na teoria quanto na prática a essência do processo educacional no nível médio, que deveria ser a formação dos alunos, tem sido negligenciada, privilegiando-se o desenvolvimento de habilidades e competências.

> A “formação ética”, a “autonomia intelectual” e o “pensamento crítico”, objetos do inciso III, são finalidades do ensino médio que poderiam constituir alicerces de um verdadeiro processo educativo, na medida em que caberia à escola não só a reprodução de uma cultura e de uma sociedade, mas a produção de indivíduos críticos e autônomos (cf. Dubet, 1991). No entanto, [...] tal intenção de “aprimoramento do educando como pessoa humana” no cotidiano escolar não se assenta na formação ética ou no exercício do pensamento crítico, mas no desenvolvimento de uma capacidade de adaptação (SOUZA, 2003, p. 31-2).

Para Oliveira (1999, p. 228), “a educação precisa ser educada”, devendo necessariamente estar atrelada a um compromisso social e político:

> Brasil precisa entender o próprio Brasil com olhos e objetivos brasileiros, com as especificidades de seus valores culturais e possibilidades naturais, visando criar instrumentos que permitam a modernização real do país. A educação precisa ser considerada como a manifestação do compromisso maior da sociedade, que busca quebrar barreiras sociais, possibilitando uma real democracia, igualdade de participação e exercício da cidadania de todos os indivíduos.

Tendo em vista os elementos expostos, considera-se de fundamental importância a inclusão, nos currículos, de conteúdos que dêem possibilitam a preparação dos jovens para vivenciar conscientemente e de forma plena a diversidade de experiências que vivenciarão no decorrer de suas vidas, dentre essas o processo de desenvolvimento que culminará, pela via natural, na velhice.

Capítulo 4

A VISÃO DOS JOVENS SOBRE A VELHICE: CONHECENDO AS REPRESENTAÇÕES

Para Magalhães (1987) a velhice e o envelhecimento são construções sociais, invenções, nas quais são evidenciados os vários obstáculos que os idosos enfrentam para a sua integração social, como solidão, abandono, rejeição, marginalização etc, resultantes de mitos comuns como o de que a velhice é um processo cronológico progressivo e a senilidade é inexorável, o de que os velhos são improdutivos, estão desconectados com a realidade e não têm interesse ou desejo sexual.

Outros mitos (NOVAES 1996), como o da deterioração da inteligência, a desvinculação com o futuro ou aprisionamento ao passado, o isolamento, a alienação e o sentimento de inutilidade são comumente veiculados, e a tendência do indivíduo comum, ao se apresentar diante de outros, é incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade, mais até do que o comportamento do indivíduo como um todo. Na proporção em que uma representação ressalta os valores oficiais comuns da sociedade em que se processa, pode-se considerá-la uma reafirmação expressiva dos valores morais da comunidade.

As representações sociais são geralmente definidas como modalidades de conhecimento prático, orientadas para a comunicação e compreensão do contexto social, material e ideativo em que vivemos. Essas representações são manifestadas como elementos cognitivos, como imagens, conceitos e teorias, que são socialmente elaborados e compartilhados e contribuem para a construção de uma realidade comum, permitindo a comunicação entre os indivíduos integrantes desse contexto específico.

Para Spink (1993), as representações sociais são,

> essencialmente, fenômenos sociais que, mesmo acessados a partir de seu conteúdo cognitivo, têm de ser entendidos a partir do contexto de produção. Ou seja, a partir das funções simbólicas e ideológicas a que servem e das formas de comunicação onde circulam" (SPINK, 1993, p. 300).

Representações sociais, para Pereira de Sá (2002, p. 31), podem ser entendidas como um conjunto de conceitos, proposições e explicações, originados na vida cotidiana no curso de comunicações interpessoais. "Elas são o equivalente, em nossa sociedade, aos mitos e sistemas de crenças das sociedades tradicionais; podem também ser vistas como a versão contemporânea do senso comum".

Jodelet (apud GUARESCHI e JOVCHELOVITCH, 1997) acrescenta que a representação social é o ponto de interseção do psicológico e do social. Constitui-se a partir das experiências, dos conhecimentos, informações e modelos de pensamentos transmitidos, cotidianamente, através da tradição, educação e comunicação social. Toda representação define-se por seu conteúdo, o qual tem como elementos conceitos e imagens criadas por alguém a respeito de um objeto, de forma a se relacionar com outras pessoas.

A representação social é, portanto, produto e processo de uma elaboração psicológica e social do real, ou ainda, designa uma forma de pensamento social. De acordo com a autora, enquanto fenômeno psicossocial as representações sociais estão necessariamente radicadas no espaço público e nos processos através dos quais o ser humano desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de Outros.

A investigação das representações sociais pode constituir, assim, uma maneira de se atingir a estrutura maior chamada "cultura", pois os significados sociais são construídos num meio cultural que normaliza e pressiona a emergência dos discursos, das visões de mundo, das atuações, dos processos cognitivos, afetivos e sociais individuais. Cultura e sociedade, segundo Morin (1997) estão numa relação geradora mútua, onde os indivíduos exercem um papel importante, já que funcionam como portadores e transmissores de cultura:

As representações sociais são estudadas pelas correntes que buscam o conhecimento do senso comum. Pesquisar representações significa, então, adentrar a uma realidade intra-individual, onde elementos afetivos, sociais e mentais integram a cognição, a linguagem, a comunicação e se manifestam por meio da realidade material, social e imaginária se seus atores. Para compreender as representações sociais Minayo (1996) resgata o conceito de Gramsci, que considera o senso comum como a matéria-prima das representações, chamando a atenção para a solidez das crenças, que produzem normas de conduta e, ao mesmo tempo, conformismo diante da crise.

No que tange ao envelhecimento, Debert (1999) cita três condições inter-relacionadas que dão uma configuração específica à terceira idade e às representações sobre o envelhecimento nas sociedades contemporâneas. A primeira está relacionada às mudanças no aparelho produtivo, que levaram a novos padrões de aposentadoria, englobando entre os aposentados um contingente mais jovem da população. Além disso, o empobrecimento e a perda dos papéis sociais marcaram a velhice nas sociedades modernas e hoje a velhice é vista principalmente como um problema social, que tem custos financeiros e exige soluções.

Na realidade as representações sociais do envelhecimento são dinâmicas e estão continuamente sofrendo modificações em razão de fatores diversos e conjunturas específicas:

> Um consenso fácil parece estabelecer-se, mas é a seguir substituído por um discurso dominante que se torna, por um tempo, juiz e parte interessada do e no valor social das idades. A questão é importante, pois as representações sociais e culturais das etapas da duração humana, ao tempo em que organizam, a cada momento, uma visão simbólica do futuro, propõem enquadramentos econômicos e éticos de comportamentos (LANGEVIN, 1998, p. 129).

Na opinião de Guerreiro (1996), considerando que as idades da vida são criações arbitrárias e uma construção sociocultural, elas são representadas e simbolizadas de maneira culturalmente distintas. Assim sendo, quando se fala

em velhice e envelhecimento, fala-se em categorias e grupos de idade, em periodização da vida. Estudos diversos mostram que muitas vezes os próprios idosos vêem o envelhecimento humano exclusivamente a partir das perdas, representando o processo com predisposições desfavoráveis, estereótipos negativos e preconceitos, caracterizadas por conteúdos tais como: "não serve para nada", "não vai para a frente", "não tem saúde, só doença", "não tem destino" etc.

Esta investigação baseou-se em estudos voltados para a compreensão do processo de envelhecimento em geral, considerando a sua contextualização histórico-social, incluindo o momento atual de franco crescimento da população idosa no Brasil, bem como a política oficial idealizada para os idosos e as formulações a esse respeito no âmbito educacional. O referencial consultado incluiu, também, fontes teóricas abordando os processos educacionais e teorias sociais, sem perder o enfoque gerontológico.

O estudo das representações sociais impõe a necessidade de utilização de técnicas de coleta e de análise de dados que possam recuperar, da melhor maneira possível, os elementos constitutivos da representação ou seu conteúdo, conhecer a organização dos seus elementos e as relações entre os seus constituintes, dentro de um contexto sócio-histórico no qual estejam inseridos. O estudo proposto foi realizado por meio de pesquisa qualitativa, utilizando-se como instrumento de coleta de dados a entrevista semi-estruturada, orientada por um roteiro (em anexo), com questões abertas e fechadas. O intuito do uso do roteiro de entrevista foi o de nortear o relato dos sujeitos, deixando margem para a livre expressão.

A entrevista semi-estruturada, instrumento escolhido para abordagem dos sujeitos constituintes da amostra, foi elaborada de modo a obter dados relevantes sobre idéias, crenças, opiniões e condutas do indivíduo, assim como possíveis razões conscientes e inconscientes dessas construções. Dentro das limitações do instrumento, objetivou-se, também, revelar sistemas de valores e normas e as representações do grupo na qual o indivíduo está inserido e as condições sócio-históricas e culturais específicas do momento. As entrevistas

foram realizadas com a permissão da direção das escolas, após solicitação formal para o contato com os alunos, tendo-se o cuidado de não atrapalhar o desenvolvimento normal das atividades escolares.

A entrevista é considerada uma técnica interrogativa fundamental para recuperação das representações, constituindo-se a entrevista em profundidade ou semi-estruturada em um método indispensável em estudos sobre essa temática, pois inclui um roteiro abrangente com questões que permitem a abordagem condizente com os objetivos, hipóteses e pressupostos de pesquisa. Sabe-se, entretanto, que não é possível a previsão de todas as situações que vão ser encontradas no trabalho de campo, podendo surgir a necessidade de redirecionamento dos instrumentos utilizados, para captação de aspectos considerados relevantes na compreensão do objeto. Conforme aponta Minayo (1996, p. 106):

> A entrevista como fonte de informação fornece dados secundários e primários, referentes a fatos, idéias, crenças, maneira de pensar, opiniões, sentimentos, maneiras de sentir; maneiras de atuar; conduta ou comportamento presente ou futuro; razões conscientes ou inconscientes [...].

Na opinião da autora, o que faz da entrevista um instrumento privilegiado de coleta de informações, na área de ciências sociais, é a possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos, ao mesmo tempo tendo o poder de transmitir as representações de grupos determinados em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.

Deve-se ter em mente, por outro lado que a entrevista não se resume a uma simples coleta de dados, por existir obrigatoriamente uma situação de interação entre o entrevistado e o entrevistador, podendo as informações dadas pelos sujeitos serem afetadas pela natureza dessas relações. A expressão discursiva durante uma entrevista favorece, conscientemente ou não, a utilização de mecanismos psicológicos, cognitivos e sociais, o que pode comprometer a confiabilidade e a validade de seus resultados.

Para a análise dos dados coletados optou-se pela hermenêutica dialética, concebida por Minayo (1996) como um “caminho do pensamento”, pela qual tenta-se alcançar uma compreensão mais aproximada quanto possível do pensamento social dos jovens sobre a velhice no contexto atual. Como enfatiza a autora, nossos conhecimentos são apenas aproximações da realidade sendo, por isso, relativos. Por outro lado esses conhecimentos também são absolutos, na medida em que representam uma efetiva aproximação da realidade objetiva existente independente de nós, formando, portanto, uma unidade dialética.

Ricoeur (1978, p, 18) nos ensina que “toda hermenêutica é, implícita ou explicitamente, compreensão de si mesmo mediante a compreensão do outro”. É por meio dessa compreensão que o intérprete persegue a ampliação da compreensão de si próprio enquanto ser social. A opção por este método para a análise de conteúdo deve-se à idéia de que desvendar e entender melhor a velhice, ou o processo de envelhecimento, na sua dimensão sócio-histórica e psicológica, é entender também a nossa história pessoal e social, nossos condicionamentos e condicionantes.

Na opinião de Minayo (1996, p. 221), a hermenêutica, tal qual a fenomenologia, faz emergir e torna possível o esclarecimento e a compreensão da vida cotidiana em suas estruturas mais profundas. “Ela se introduz no tempo presente, na cultura de um grupo determinado para buscar o sentido que vem do passado ou de uma visão de mundo própria, envolvendo num único movimento o ser que compreende e aquilo que é compreendido”.

A visão dialética oferece, por sua vez, um enfoque adequado à necessidade de se analisar um objeto que não pode ser imobilizado no tempo e no espaço e está intimamente associado a outros objetos e fenômenos, características implícitas na dinâmica do processo de construção social, em movimento ininterrupto. As representações da velhice e do envelhecimento, por suas determinações históricas, se enquadram nesta perspectiva.

Afirma Lakatos (1986) que existe uma ligação intrínseca e necessária entre elementos tanto da natureza quanto da sociedade, ambos compostos de objetos e fenômenos em estreita ligação, dependência e condicionamento recíprocos. Segundo o autor (1986, p. 97),

> o método dialético considera que nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido fora dos fenômenos circundantes, pelos quais é condicionado. Todos os aspectos da realidade (da natureza ou da sociedade) prendem-se por laços necessários e recíprocos. Essa lei leva à necessidade de avaliar uma situação, um acontecimento, uma tarefa, uma coisa, do ponto de vista das condições que os determinam e, assim, os explicam.

Minayo (1996, p. 227) considera que a união da hermenêutica com a dialética conduz o intérprete ao entendimento da comunicação oral ou escrita como resultante de um processo social e de conhecimento, cada um com seu significado específico, fruto de variadas determinações. O texto ou fala "é a representação social de uma realidade que se mostra e se esconde na comunicação, onde o autor e o intérprete são parte de um mesmo contexto ético-político...".

A interpretação dialética nos permite perceber que as concepções sobre a velhice são resultantes de condições anteriores e exteriores ao grupo entrevistado, mas ao mesmo tempo específicas. Elas são fruto de condições dadas, mas são também produtos de sua ação transformadora sobre o meio social e devem ser entendidas como resultantes e como manifestações de condicionamentos sócio-históricos que se vinculam a tradições culturais, concepções dominantes e veiculadas e a inter-relação de tudo isso.

Os jovens foram escolhidos para constituir a amostra na pesquisa de campo por formarem uma categoria específica como indivíduos em um momento particularmente importante, tanto na elaboração quanto na concretização de conceitos. A definição por estudantes do ensino médio é devida à suposição de que esses jovens, neste grau de instrução, já tenham

razoável nível de informações sobre a sua realidade social, particularmente sobre a questão da velhice e do envelhecimento.

Ao mesmo tempo em que, teoricamente, estão abertos a variadas influências, os jovens costumam expressar de forma mais transparente e espontânea suas opiniões e estão em fase de maturação dos conceitos apreendidos, assumindo, em alguns casos, de maneira mais autêntica suas próprias idéias, formatadas na convivência familiar, social e no processo educacional, onde, de acordo com as novas orientações curriculares, questões como a velhice fazem parte do processo de ensino, seja indiretamente, no estudo do desenvolvimento humano, seja diretamente, por meio do trabalho com os temas transversais.

O trabalho de campo foi realizado no período de novembro a dezembro de 2006, tendo havido receptividade e espírito colaborativo em ambas as escolas por parte dos professores para a participação dos alunos na pesquisa. O grupo entrevistado foi composto de 30 voluntários, estudantes de duas escolas públicas do ensino médio, a Escola Estadual D. Pedro II, localizada no centro de Manaus, e a Escola Estadual Isaac Eswerner, localizada na zona leste da cidade. Foram reunidos 15 estudantes, sendo cinco de cada série do nível médio de cada escola, escolhidos aleatoriamente, sem especificação de gênero e nível sócio-ecônomico, na faixa de 14 a 22 anos, com predominância de idades entre 15 e 17 anos.

Foram incluídos na amostra os alunos que concordaram em participar, após terem sido informados sobre os objetivos da pesquisa, sendo-lhes dada a garantia de anonimato e de que sua participação não representaria ganhos ou prejuízos, com a aquiescência oficializada por meio de assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Em princípio houve certo retraimento, logo superado pela curiosidade, havendo depois um decréscimo do “ânimo” inicial em virtude da extensão da entrevista, elaborada de forma a captar o máximo possível de informações, assim como as contradições que freqüentemente emergem neste tipo de discurso.

Além da entrevista foi utilizado o grupo focal como técnica complementar de coleta de dados, com o objetivo de obter mais elementos e enriquecer a análise. Minayo (1996) aconselha a associação de outras técnicas à entrevista, nos estudos de representação, como a discussão em grupos focais, uma estratégia de coleta de dados geralmente usada para ampliar informações sobre conhecimentos peculiares a um grupo e para formulação de questões mais precisas nas entrevistas.

O interesse da composição desses grupos para o campo das representações sociais, segundo a autora, prende-se principalmente no fato de que eles de certo modo simulam conversações espontâneas pelas quais as representações são veiculadas na vida cotidiana, fazendo emergir certas percepções e atitudes que só seriam vistos no ambiente natural. Assim, anteriormente à entrevista utilizou-se a associação livre e o grupo focal para discussão do tema em grupo pelos próprios alunos, com o intuito de ver como os jovens estudantes se comportariam numa conversa informal, e o que deixariam transparecer que pudesse ser útil para enriquecer a análise posterior. De acordo com Guareschi (1997, p. 20), “é quando as pessoas se encontram para falar, argumentar, discutir o cotidiano, ou quando estão expostas às instituições, aos meios de comunicação, aos mitos e à herança histórico-cultural de suas sociedades, que as representações sociais são formadas.”

Com a permissão da direção da unidade e dos professores das turmas escolhidas, o primeiro contato com os alunos em sala de aula, se deu nos dois primeiros horários, com quinze alunos de turmas distintas (cinco de cada série) de cada vez. Foi informado a eles que aquela atividade integrava uma pesquisa acadêmica, e que não tinha finalidade de avaliá-los ou instruí-los, mas somente de coleta de dados. Os estudantes, de início, pareciam estar à vontade, na medida do possível, mas sempre com uma margem de reserva pelo fato de saberem que estavam sendo observados.

Os sujeitos da amostra foram dispostos em círculo, com o objetivo de propiciar um contato mais próximo e mais visual, para diminuir as resistências.

Primeiramente foram solicitadas informações para o preenchimento dos dados de identificação dos sujeitos e depois foi usada uma estratégia de estímulo ao entrosamento. Utilizou-se a técnica de evocações e associações livres para os termos *velho, idoso e terceira idade,* solicitando que os sujeitos estabelecessem relação de sentido para os termos. Percebeu-se, pela dificuldade inicial de abordagem do tema em grupo, a necessidade de cuidado e atenção para extrair dos depoimentos pessoais nas entrevistas dados suficientemente relevantes, assim como observar a postura dos estudantes durante a verbalização.

Os termos "velho" e "idoso", na associação livre, remeteram a significados distintos, predominantemente negativos na acepção "velho", por exemplo: *usado*, *ultrapassado*, *caquético*, *deteriorado*, *fora de uso*, *imprestável, antigo* etc, evidenciando um sentido de objetificação ligado à palavra. Já o termo "idoso" suscitou associações como *mais experiente, tradicional , de outra época, de outro tempo, mais vivido, cansado da vida, desatualizado, de outros costumes, diferente da nossa realidade* etc, portanto mais personificado. Já a expressão "terceira idade" parece remeter a uma idéia mais grupal: *outra geração, idosos entrosados, pessoas mais vividas, gente mais experiente do que nós, pessoas que querem viver a vida* etc, aparentemente reproduzindo idéias muito difundidas pelos meios de comunicação.

Foi colocada no grupo a questão "o velho é diferente?", que suscitou bastante polêmica, com opiniões divergentes sobre o que é "ser diferente", evidenciando-se a preocupação de alguns jovens com ser "politicamente correto", ou seja, o cuidado para não expressar opiniões negativas. Percebeu-se, no entanto, que a categoria "velho" é vista geralmente como dissociada da categoria dos sujeitos. O velho é o "outro", uma "entidade" de um outro tempo e com características próprias, como se os sujeitos do grupo, eles próprios, não fossem também envelhecer: "é diferente porque não vive na mesma época que a gente", "tem hábitos diferentes", "vive em outro tempo, tem outros costumes", ou, "não é diferente, é uma pessoa como nós, mas tem outra visão", "a diferença é de idade e de idéias", "já foi igual a nós".

A etapa seguinte foi a das entrevistas individuais, com os participantes da pesquisa bem mais à vontade para se expressarem. No roteiro de entrevista (Anexo 1), procurou-se cercar o tema de várias maneiras por meio das questões propostas, buscando, na medida do possível, fazer emergir as representações sobre o velho e a velhice de forma que se pudesse identificar como a velhice aparece nas falas dos entrevistados. Procura-se identificar que significados são atribuídos a ela, como é interpretada pelos jovens a relação da família e da sociedade com o velho, de que maneira os conceitos e normas sociais influenciam sua representação da velhice, quais as concepções dos alunos sobre o processo de envelhecimento, suas crenças e valores em relação a isso, qual a influência da formação escolar na construção de sua concepção sobre o tema etc. Os termos “velho” e “idoso” são usados aleatoriamente, exceto quanto há distinção na fala dos entrevistados

Procurou-se, então, de acordo com as orientações de Jodelet (1998), além das questões objetivas sobre o contexto sócio-familiar do entrevistado, incluir perguntas relacionadas, mais concretamente, às suas experiências cotidianas, passando sutilmente a questões envolvendo reflexões mais abstratas e julgamentos, de forma a encaminhar a entrevista para os conteúdos que não são revelados espontaneamente e que, muitas vezes, nem são verbalizados. Esse “não dito”, na opinião de Jodelet, geralmente é o principal conteúdo da representação.

Assim, outros elementos considerados importantes para a pesquisa também foram observados na análise das entrevistas, como o que está sendo mais enfatizado pelos sujeitos, o que não está sendo dito explicitamente, ou seja, quais os conteúdo implícitos que podem ser identificados, as contradições e como elas são manifestadas. Considerando que não é possível conceber a interpretação como uma verdade absoluta, uma vez que não existe uma única interpretação, a tentativa de análise efetivada significou um exercício de reflexão sobre as representações emergentes dos discursos com a utilização de um modelo explicativo, que pressupõe concepções teóricas direcionadoras do curso dessas interpretações.

Um dos pressupostos metodológicos estabelecidos por Minayo (1996) é que o pesquisador tem que aclarar para si mesmo o contexto de seus entrevistados, porque o discurso expressa um saber compartilhado com outros, do ponto de vista moral, cultural e cognitivo. O pesquisador só pode compreender o conteúdo significativo de um texto quando está em condições de tornar presentes as razões que o autor teria para elaborá-lo, tendo em conta que o texto reflete a relação existente entre o sujeito que comunica e aquele que interpreta como personagens, em última instância, do mesmo tempo e da mesma história social.

Quem são e qual o contexto familiar e social dos sujeitos da pesquisa? Os entrevistados são em sua maioria amazonenses, jovens em grande parte provenientes de família de baixa renda, haja vista a ocupação e o baixo nível de instrução dos pais, faixa etária predominante de 15 a 17 anos. O que este contexto pode significar relativamente à produção de representações sobre a velhice, ainda não é possível inferir, mas pressupõe-se a existência de condições favoráveis ou desfavoráveis ao desenvolvimento de consciência crítica e mesmo de capacidade analítica em relação à sua realidade social.

No desdobramento do processo de classificação e ordenamento dos dados empíricos, foram separadas e agrupadas as respostas dos entrevistados, com o intuito de facilitar a identificação dos pensamentos expressados pelo grupo. Inferindo sobre o seu conteúdo, procede-se à análise sobre os processos de sua formação, da lógica contida nos mesmos, além das contradições e convergências e eventuais mutações, tendo como objetivo encontrar uma significação particular e um papel revelador do todo. Isso implica considerar como parte das representações, conforme orienta Minayo (1996), os signos (substantivos, verbos, adjetivos etc), com a certeza das contradições ocultas e de idéias existentes não expressas.

Após a transcrição das entrevistas, foi feita a leitura do material, sendo os dados agrupados conforme as questões do roteiro de entrevista e gerando-se quadros temáticos com a intenção de facilitar a análise posterior. A classificação dos dados foi feita em consonância com o embasamento teórico

dos pressupostos e hipóteses estabelecidos a partir de leitura exaustiva e repetida dos textos (leitura flutuante). Os quadros foram elaborados a partir do conteúdo das perguntas dispostas no roteiro, como “convivência”, “preconceito”, “envelhecimento” etc, agrupados para facilitar a releitura e a interpretação e, a partir daí, compor unidades de registro ou significação para facilitar o aprofundamento do conteúdo das mensagens, discriminando-se os temas mais relevantes e reagrupando-os em torno de categorias centrais, que constituem a súmula interpretativa do material da pesquisa de campo.

As perguntas foram dispostas no Roteiro de Entrevista propositadamente de maneira não ordenada, com o intuito de possibilitar a emergência das representações também no espaço das contradições. No quadro “Convivência” são abordadas as relações familiares e intergeracionais, no quadro “Velhice e Envelhecimento” são coletadas informações sobre o conhecimento dos sujeitos a respeito do tema e até que ponto o sistema educacional tem possibilitado o acesso ao mesmo; no quadro “Preconceito” são abordados os estereótipos negativos atribuídos ao velho e no quadro “Discriminação e Valoração Social” os aspectos referentes às relações sociais e à valoração do indivíduo no meio social, particularmente relacionadas ao papel produtivo.

No **Quadro Temático “Convivência”** (Anexo 2) observa-se que a maioria dos entrevistados conhece e/ou convive com pessoas idosas, geralmente familiares. Menos da metade acredita que são entendidos pelos mais velhos porque *já passaram pelas mesmas coisas* e *sabem como é esta fase,* no entanto, a maioria considera fácil e boa a convivência com pessoas idosas pela *troca de experiências* e *para aprender mais.* Quando questionados sobre se consideravam melhor para os idosos a convivência com pessoas de sua faixa etária ou de idades diferentes, a maior parte optou pela segunda proposta, apesar da maioria ter considerado *uma boa idéia, maravilhoso* e *apropriado* a existência de locais exclusivamente para idosos. Por outro lado, a grande maioria não só acha possível a realização de atividades conjuntas entre jovens e velhos, como se dispõe a essa prática.

Os dados parecem indicar, neste aspecto, a disponibilidade dos jovens para o convívio e a integração intergeracional, haja vista o grande número de vantagens ressaltadas quanto à participação dos mais velhos na vida social e familiar, baseadas principalmente na experiência de vida dos idosos e das possibilidades de aprender com eles. No entanto, um grande número de entrevistados (pouco mais que a metade) trouxe à tona a idéia de que os mais velhos não conseguem entender os mais jovens porque "*o tempo deles é diferente do de hoje", "as coisas estão muito diferentes"* e eles "*pensam bastante diferente dos jovens",* colocando a diferença etária como uma barreira ou obstáculo à comunicação, como se a realidade presente não fosse a mesma para jovens e velhos, reforçando o mito de que os velhos "vivem no passado".

A questão da convivência entre jovens e velhos é tida por muitos estudiosos como conflituosa na atualidade, devido, em grande parte, às drásticas mudanças de costumes observadas nos grupos jovens quando comparados a grupos jovens de gerações passadas. Essas mudanças têm sido também influenciadas pela absorção de padrões de comportamentos estrangeiros, muito comum em nossa cultura. A globalização tem acentuado este processo, pela facilitação da divulgação e do compartilhamento de idéias pelos vários meios de comunicação, mas esse mesmo processo torna acessível também aos mais velhos as mesmas idéias, de certo modo facilitando a comunicação.

A existência de locais exclusivos para idosos é uma questão que oferece elementos para análises diversas. Por um lado, faz parte do conjunto de políticas para a terceira idade a disponibilização desse tipo de equipamento, tendo em vista a necessidade de atender a uma parcela da população em constante crescimento numérico, principalmente aqueles que não dispõem de muitas opções culturais e de lazer. Nesse aspecto, pode-se considerar benéfica a iniciativa. Por outro lado, dificilmente esses locais oferecem opções de atividades compartilhadas pelos familiares do idoso, ou projetos voltados para o fortalecimento das relações familiares, o que pode contribuir para acentuar o distanciamento dos membros.

É fato que muitas vezes os familiares sentem-se aliviados por terem à disposição uma alternativa de “ocupação” para os seus idosos, porque não se dispõem a “aturá-los” dentro de casa “sem ter o que fazer”. Muitas famílias segregam os seus velhos dentro de casa, excluindo-os das conversas e das atividades, às vezes até com o intuito de “poupá-los” de estresse ou aborrecimentos, por considerá-lo frágil e incapaz de absorver impactos emocionais mais fortes.

Quando perguntados se achavam que os velhos eram discriminados em nossa sociedade - **Quadro Temático “Discriminação e Valoração Social” -** (Anexo 3), apenas cinco dos trinta entrevistados responderam que não. A maioria identificou atitudes discriminatórias na família, nas políticas governamentais e em muitas situações cotidianas, como filas de Banco, ônibus, nas ruas etc. Grande parte considera os idosos capazes de fazer atividades que um adulto jovem faz, às vezes “*até melhor”,* algumas vezes com restrições, “*dependendo da coisa* e *com menos vigor”.* A maioria também relata já ter visto uma pessoa idosa ter sido discriminada ou maltratada, “*gritando”, “batendo”, “xingando”* ou sendo desrespeitado por atitudes diversas.

A maioria dos entrevistados relatou ter presenciado o uso da palavra “velho” em sentido depreciativo em várias ocasiões e 8 admitiram eles próprios terem usado o termo como xingamento *na hora da raiva* ou quando foi maltratado. Por outro lado, muitos acham que os idosos são bem tratados em Manaus em razão da existência de Centros, clubes, “*porque eles têm onde ser cuidados”*, “*têm atendimento preferencial em alguns hospitais”* e porque “*os governantes se preocupam com o lazer dos idosos”* e constroem parques exclusivos.

Quando se aborda a questão do papel social do idoso na vida produtiva, a maioria considera que pessoas mais velhas não dão trabalho e sim “*os jovens de hoje”,* e todos acreditam que os mais velhos podem contribuir com a sociedade, “*pelo fato de conhecerem a vida, passam sua experiência de vida e sua sabedoria para os outros”*. No entanto, a maioria acha que os idosos não são valorizados socialmente, porque “*a sociedade não dá valor às pessoas da*

terceira idade" e, por exemplo, tira os mais velhos do trabalho para "*pôr outras mais novas e com menos experiência".*

Ratifica-se nesta pesquisa a atitude discriminatória e desrespeitosa à qual os idosos são submetidos em nossa sociedade em situações diversas, quando deveria ser justamente o contrário, numa fase da vida em que as pessoas deveriam estar cercadas de atenção e respeito. A palavra "velho", por si, traz uma carga de preconceito que, como enfatizam diversos autores, foi sendo sedimentada ao longo do tempo, ao longo das transformações sociais e políticas, e vem cada vez mais sendo associada ao sentido de deterioração de degenerescência na atualidade, em razão também do culto aos ideais de beleza e juventude eterna que são constantemente revitalizados. A palavra "velho" tornou-se tão depreciativa que é utilizada como xingamento, porque está associada a decrepitude, feiúra, incapacidade e outros "defeitos", sendo, mesmo inconscientemente, um vocábulo ofensivo que é utilizado até por pessoas que não concordam com isso.

Chama atenção a falta de informação dos sujeitos da pesquisa quanto à questão da cidadania, não somente dos idosos, mas de todas as pessoas, quando eles (grande parte) consideram que os mais velhos são bem tratados em Manaus porque têm atendimento preferencial, clubes exclusivos, parques e cuidados de saúde, considerando que tal tratamento é devido aos idosos e apenas são cumprimento de determinações legais. Vale ressaltar que em nossa cidade esses cuidados ainda não estão adequados à realidade, carecendo ainda de muitos investimentos públicos para atingir uma situação ideal.

Para os jovens entrevistados, os idosos são capazes de uma vida produtiva e podem perfeitamente continuar contribuindo para a sociedade com a sua sabedoria e experiência. A sociedade, no entanto, não os valoriza, e eles estão sendo continuamente *deixados pra trás.* O mito da improdutividade dos mais velhos, neste caso, parece não ser admitido pelos entrevistados, para quem a experiência de vida parece sobressair às limitações naturais da pessoa idosa.

No **Quadro Temático "Preconceito"** a maioria dos sujeitos não consideram um problema "ficar velho" e acham que as pessoas podem ser felizes na velhice. No entanto, quando perguntados se já tinham se imaginado velhos e como tinham se sentido, a maioria revelou sentimentos negativos ou desconfortáveis, como: "*me senti inútil"; "estranho"; "péssima"; "incomodada"; "um pouco mal"; "constrangida"; "desanimado"; "triste",* e alguns revelaram temor de abandono por parte da família. Indagados se já tinham pensado no assunto, quase a metade disse que não e alguns dos que disseram sim o fizeram por "*medo de chegar à velhice"* e por pensar "*nos maus tratos e abandonos de idosos"; "por ver muitas pessoas sofrendo jogadas em asilos* ou *por medo do futuro"* e *"estar bem de saúde e financeiramente".*

Os estudantes foram perguntados se achavam importante falar sobre a questão do envelhecimento e, exceto um, que declarou não pensar nisso por medo de chegar à velhice, todos responderam que sim, que era importante discutir o tema por vários motivos: "*porque os velhos são muitos desprezados pela sociedade"; "quanto mais a gente sabe, mais sabemos lidar com o assunto"; "ajuda a ter consciência a respeito da velhice";* porque é importante "*conscientizar as pessoas sobre esse problema"; "porque muitas vezes não é tema de discussão na sociedade"; "a gente aprende a compreender os mais velhos", "para as pessoas que odeiam os velhos e que acham os velhos imundos e incapacitados"; "para que as pessoas possam ter a consciência de que a velhice não é o final de tudo";* "*porque tem muita discriminação com os idosos"* etc*.*

Ao citarem características de uma pessoa velha e o tipo de pessoa classificado como tal, alguns traçaram um retrato positivo, com atributos como "*alegre", "bondoso", "experiente", "cuidadoso", "sábio", "cheio de amor"* etc*,* porém boa parte viu na pessoa imaginada aspectos negativos ou não muito positivos, como: "*chata", "resmungona", "estressada", "carente", "frágil", "lenta", "incapaz de fazer as coisas", "antiga", "que vive cheia de dores"* etc*.* Em se tratando de considerar ou não bonita uma pessoa idosa, exceto um sujeito que disse não ter pensado nisso, todos disseram que achavam bonito, ressaltando os aspectos positivos da idade avançada e, especialmente, valorizando os

elementos afetivos, mostrando uma idéia de certa forma idealizada da velhice: "*transmite a inocência de uma criança"; "envelhece fica como se fosse um bebê", "volta a ser criança"; "mostra a beleza que é a vida"; "é uma pessoa batalhadora e vitoriosa"; "é um exemplo para nós"; "tem experiência, um ar misterioso e carinhoso"; "tem bastante história de vida"; "é um livro de histórias aberto"; "têm uma beleza interior radiante, porque a verdadeira beleza está por dentro"* etc.

Foi perguntado também se eles já haviam presenciado alguém demonstrar incômodo ao ser chamado de velho. A maior parte disse que sim, classificando as reações como de tristeza, revolta, indignação, aborrecimento, chateação, constrangimento etc, o que denota a percepção, por parte dos idosos, do preconceito embutido na palavra, bem como da não aceitação de pertencer a uma categoria depreciada socialmente. Quanto à imputação de atributos negativos aos idosos, os entrevistados foram unânimes em repudiar esse comportamento, considerando como "*preconceito", "falta de informação", "falta de respeito"* e até mesmo "*ofensa"* para com os idosos.

A abordagem indireta do tema "preconceito" permitiu evidenciar as contradições emergentes entre o discurso e o sentimento, entre o conceito aprendido e a percepção pessoal do entrevistado, quando colocado em situação de maior exposição. Por exemplo, ficar velho na teoria, não tem qualquer problema, é um processo natural e é possível até ser feliz. Mas quando se experimenta a idéia de se perceber assim, na condição de velho, a condição é outra, é desconfortável, angustioso e até assustador, de acordo com o discurso dos entrevistados, evidenciando-se a questão da alteridade - o velho é o outro – distanciando-se o sujeito de uma condição indesejável, que só é aceitável, e até agradável, se vista de longe, no outro.

A condição de muitos idosos em nossa sociedade, sujeitos frequentemente a maus tratos, desprezados e atingidos em sua dignidade, parece ser o ponto principal desse temor dos jovens da velhice. O medo de ser abandonado pela família, de adoecer e não ter como se tratar adequadamente, de ser alijado da sociedade, confinado em asilos, reflete um panorama pouco

alentador na questão das políticas para a terceira idade, mostrando que elas ainda estão muito aquém das necessidades reais, uma vez que ainda não conseguiram conquistar a confiança dos jovens em um futuro menos sombrio. Por outro lado, reflete também pouca ou nenhuma consciência dos jovens quanto à sua capacidade, e responsabilidade, em intervir nesse processo de mudança.

Conhecer e debater o tema "velhice" foi considerado importante e necessário pelos entrevistados, o que expressa a verdade, pois se percebe a existência de uma visão idealizada, deslocada do real, em contraponto a uma percepção negativa do velho e da velhice. O velho inocente *"como uma criança"*, frágil, bonito, doce, contrapõe-se ao velho abatido, desmotivado, resmungão, doente. Na verdade, ninguém quer ser velho, nem os próprios, caracterizados pela idade avançada, pois os aspectos tidos como negativos dessa condição, apesar do discurso muitas vezes enfeitado pelas frases bonitas, constantemente se sobressaem. Vale ressaltar, no entanto, que os jovens se colocam numa condição favorável à mudança dessa percepção negativa, repudiando os estereótipos e preconceitos e mostrando-se sensíveis às questões relativas ao idoso.

O processo de envelhecimento e a percepção dos entrevistados sobre a velhice, já abordados em outros momentos, foram reunidos de forma mais específica no **Quadro Temático "Velhice e Envelhecimento"** (Anexo 5)**.** Neste também se pode identificar, de maneira mais objetiva, se e como o tema tem sido tratado pelo sistema educacional, considerando que os sujeitos são estudantes do nível médio e, em tese, deveriam estar relativamente familiarizados com o assunto.

As respostas às perguntas "o que você pensa sobre a velhice?" e "você vê beleza na velhice?" de certa forma já tinham sido respondidas no quadro anterior e o resultado foi similar, prevalecendo a visão romantizada mencionada na análise subseqüente. Na verdade a repetição do assunto foi feita com o intuito de avaliar se haveriam divergências significativas, o que não ocorreu. Quanto aos problemas mais comuns na velhice, foram mencionados

principalmente os problemas de saúde, seguidos de perto de questões sociais como abandono, preconceito, discriminação e maus tratos, com ênfase na participação da família nesse quadro.

Os alunos foram questionados se tinham informações sobre o processo de envelhecimento e se consideravam importante conhecer esse processo. Apenas sete responderam que tinham alguma informação, apesar de todos considerarem importante, e todos, exceto um que respondeu *"tanto faz",* acreditam que o conhecimento do assunto possa ajudá-los de alguma forma. Quanto ao que lhes interessaria saber sobre o envelhecimento, "*tudo"* foi a resposta mais freqüente, mas alguns mencionaram "*as doenças", "as dificuldades", "os direito"s* e até o que se passa na cabeça dos idosos quanto à sua própria condição e em relação à juventude.

Quando questionados se o tema "envelhecimento" já havia sido abordado na escola, apenas cinco alunos responderam que sim, mesmo assim de forma superficial. As negativas se repetiram para a pergunta se já haviam lido livro, texto ou feito trabalho sobre o assunto, com apenas quatro afirmações. Já a pergunta "o que é ser velho, em sua opinião?" recebeu respostas predominantemente idealizadas, como: "*ser vivido"; "ter experiência e muita sabedoria"; "ser vitorioso, pois já viveu e desfrutou da vida"; "idade de se preparar para um lugar feliz"; "viver bem, com saúde e felicidade"; "é ter feito tudo que tinha de fazer"* etc.

Na verificação das respostas deste quadro, percebe-se nitidamente a ausência da educação no processo de formação do pensamento social desses jovens com relação à velhice e ao envelhecimento, não somente pela afirmação de que o tema não tem sido trabalhado na escola e nem eles próprios têm buscado informações a respeito, mas também pela inconsistência de seu conhecimento do assunto. Pode-se identificar, por exemplo, que o idoso é frequentemente visto ou pelo prisma da saúde (ou falta dela), do preconceito, ou idealizado como um poço de experiência e sabedoria.

Percebe-se, portanto, o quanto a ausência de informações consistentes sobre essa fase da vida abre uma significativa lacuna na formação do indivíduo. É como se a velhice não fizesse, de fato, parte da vida. Ela está sempre “fora”, sempre distante, não é integrada na compreensão dos sujeitos como se não fizesse parte da composição de sua existência. Tal percepção fragmentada, que separa a vivência por etapas definidas – infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice - acarreta prejuízos não somente no futuro, quando a velhice chegar ou se chegar a ela, mas também no processo de desenvolvimento, que poderia se dar de forma mais saudável e plena.

Essas idealizações, portanto, não refletem uma consciência crítica, fundada na realidade e no conhecimento por parte dos alunos, condição fundamental e necessária para a mudança de paradigmas com relação à velhice. O fato da quase totalidade dos entrevistados afirmar que o tema não é tratado no processo de ensino suscita uma importante interrogação: como é possível uma transformação social baseada apenas em legislações, sem a participação da educação na base do processo, fomentando mudança cognitiva e comportamental?

4.1 AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DA VELHICE – RECOLHENDO FRAGMENTOS

Convivendo em sociedade o indivíduo incorpora costumes, valores, crenças, condutas e práticas institucionalizadas no cotidiano, tecidas pelas relações objetivas da sociedade e modifica-se a partir de um conjunto de objetivações vinculadas ao contexto histórico-social em que está inserido. Na sua relação com o mundo, reforça Jovchelovitch (1997), o sujeito constrói um novo mundo de significados, desenvolve uma identidade, cria símbolos e se abre para a diversidade de um mundo de *outros*.

Goffman chama atenção para o cuidado que se deve ter na tentativa de compreender uma representação. Em razão da característica de impulsividade própria do ser humano,

> devemos estar capacitados para compreender que a impressão de realidade criada por uma representação é uma coisa delicada, frágil, que pode ser quebrada por minúsculos contratempos. A coerência expressiva exigida nas representações põe em destaque uma decisiva discrepância entre nosso eu demasiado humano e nosso eu socializado. Como seres humanos somos, presumivelmente, criaturas com impulsos variáveis, com estados de espírito e energias que mudam de um momento para outro (GOFFMAN, 1975, p. 58).

Essa hipótese é reforçada por Spink (1997, p. 122), quando afirma ser consenso entre os pesquisadores da área a idéia de que as representações sociais, enquanto produtos sociais, "têm sempre que ser remetidas às condições sociais que as engendraram, ou seja, o contexto de produção, definido não apenas pelo espaço social em que a ação se desenrola como também a partir de uma perspectiva temporal".

A partir da análise preliminar do conteúdo expresso nos quadros, sobre os quais foram feitas considerações no sentido de interpretar o conteúdo explícito e implícito das verbalizações, três categorias[1] centrais foram estabelecidas para possibilitar análise mais acurada do seu conteúdo. Buscou-se, então, identificar as relações que essas representações guardam com o real, as condições que favoreceram a sua emergência e as discussões que podem ser articuladas, de maneira a favorecer uma compreensão teórica da realidade: O ser velho e o processo de envelhecer; O velho no contexto social e familiar: valoração e discriminação; Velho é o outro: o papel da educação.

4.1.1 O ser velho e o processo de envelhecer

O que é "ser velho"? Esta questão fez emergir, na análise das representações, duas vertentes que se confundem: o ser velho objetificado, coisificado, o "homem-coisa", destituído de humanidade, que apenas envelhece

como um objeto, perdendo atributos e ganhando defeitos. O ser velho também é visto como conseqüência da vida, processo inexorável e destino comum, mas há uma tentativa de amenizar essa realidade com a romantização da velhice, sustentada por atributos desejáveis que possam dar suporte a essa idéia: ser velho é ganhar experiência, sabedoria, livrar-se dos encargos, poder aproveitar a vida e as conquistas.

Nessa tentativa de "mascarar" o desconforto ao lidar com uma realidade possível, o termo "velho" é substituído por "idoso", que soa mais respeitável, mais ameno, menos agressivo: Na fala de alguns entrevistados é possível perceber esta dificuldade: "*Velho para mim não está relacionado a idade. Velho é toda pessoa que perde a vontade de viver por motivos fúteis"; "Velho é mais uma coisa improdutiva, mas isso não serve p/ os idosos"; "Eles (os velhos) preferem ser chamados de idosos, porque para eles, velho é alguma coisa que não presta mais"; "Minha avó pega logo o estatuto do idoso que carrega na bolsa e diz "velho é objeto, eu sou gente!"*

A negatividade na verdade, em diferentes gradações, se expressa em ambas as expressões, *velho* e *idoso*, significando algo antiquado, obsoleto, e são construções sociais que vão além da semântica e traduzem valores e representações vigentes na sociedade e idealizadas em contextos específicos, de acordo com as conveniências políticas e sociais da época em que foram engendradas. Para Motta (1990, p, 228):

> O envelhecimento não pode ser encarado como um processo que ocorre de forma igual em todos os indivíduos: idades aproximadas, ou a mesma geração, não garantem características constitucionais relativas à resistência física, saúde, inteligência similares, nem muito menos a qualidade de vida que a condição de classe enseja acesso a conforto material, cuidados médicos, cuidados no trabalho.

A visão negativa e não aceitação do processo de envelhecer está ligada às perdas que o envelhecimento traz e suas conseqüências. No senso comum é enfatizada a perda física, a dependência e o abandono da família, a falta de respeito, de valorização e a todas as dificuldades que os idosos enfrentam no

[1] Conforme orientação metodológica proposta por Minayo (1993), p. 94.

dia-a-dia em nossa sociedade, não se vislumbrando realisticamente uma possibilidade de adaptação ou crescimento, o que é reforçado pela mídia, com seus modelos de beleza baseados na ilusão de juventude eterna.

Amplamente assimilada pelo imaginário social, essa forma *jovem* de ver a vida, é sistematicamente disseminada pelas propagandas, novelas, filmes, aliada ao apelo maciço ao consumismo, criando obstáculos à revisão de concepções, saberes e práticas relativas ao envelhecimento. A imagem do velho veiculada pela mídia, embasada na idéia de qualidade de vida dos mais velhos, evidentemente não expressa a realidade e seu objetivo está em ampliar um mercado de consumo em expansão, para aqueles que podem pagar pelos benefícios. Ou seja, o estereótipo veiculado pelos meios de comunicação, do velho ativo e de espírito jovem, atende mais a uma lógica do mercado de consumo do que a uma tentativa de socialização do velho e de sua melhor qualidade de vida.

O processo de envelhecimento exposto pelos entrevistados é concebido principalmente do ponto de vista biológico, como uma progressão de perdas físicas, ossos frágeis, visão enfraquecida, dores musculares, reumatismo, cansaço, o que justifica o temor expressado pelos jovens quando confrontados com essa possibilidade: e quando for eu? Rejeição, preconceito, abandono, sentimento de inutilidade são os outros fantasmas que assombram e reforçam o pessimismo em relação à velhice, sobrepujando os fatores positivos idealizados: experiência adquirida, sabedoria, realizações pessoais e profissionais, vida afetiva concretizada, equilíbrio emocional etc. É a visão do envelhecimento como um processo de deterioração física e emocional.

Apesar do resultado aparentemente pessimista, é fato que os sujeitos, apesar de experimentarem sentimentos negativos quanto ao processo de envelhecimento, ao vislumbrarem suas conseqüências indesejáveis e a necessidade de adaptação, também consideram a possibilidade de um envelhecer com realizações, alegria e otimismo. Para Kastenbaum (1981), é importante considerar que o envelhecer não é um momento, mas um processo

complexo de transformações biofísicas e psicossociais que se estendem além da pessoa para o meio social.

Pode-se dizer, então, que a imagem social da "velhice" se assenta numa aparente confusão entre o envelhecimento biológico e o envelhecimento social, apoiando-se também em aspectos materiais, luta de classes e de idades, ou seja, numa interpretação sócio-cultural do envelhecimento biológico, que traduz uma estreita relação entre forma de vida em nossa sociedade e a maneira de envelhecer.

4.1.2 O velho no contexto social e familiar: valoração e discriminação

A idéia de inutilidade e improdutividade dos velhos não se evidencia no discurso dos entrevistados de forma contundente. O que sobressai é a idéia de limitação, de capacidades restritas, sempre ligado às perdas físicas decorrentes do avanço da idade. Na visão dos jovens os idosos são capazes de participar da vida produtiva e social. Há possibilidade de integração e convergência de interesses na vida familiar e nas atividades sociais. Não transparece também com muita força a idéia muito comum de dependência dos idosos em relação aos seus familiares, embora isso seja mencionado em alguns momentos, relacionado à ocorrência de doenças, por exemplo.

Isso talvez se deva ao fato de que, em nosso meio, é comum a ocorrência de idosos em diversas atividades produtivas. A ascendência indígena explica em parte o costume dos velhos trabalharem até a idade avançada e, muitas vezes, são eles que sustentam as famílias, constituídas em grande parte por mães solteiras ou, como se diz aqui, “deixadas do marido”. A proliferação de atividades destinadas aos idosos, o crescimento de grupos da terceira idade e de projetos destinados a essa classe também contribuem para uma relação mais equilibrada entre os mais jovens e os mais velhos.

O idoso não é visto como um “peso” para a família, mas a idéia de desvalorização do idoso é evidenciada na menção ao abandono pela família,

aos maus tratos sofridos cotidianamente nas relações sociais, ao não reconhecimento de sua experiência e potencialidades. O asilo não é considerado como uma possibilidade de cuidado para os idosos necessitados, mas como sinônimo de abandono, denotando a influência da imagem negativa que esta instituição ainda tem em nossa sociedade, haja vista os históricos tristes de muitas dessas instituições ao longo do tempo.

Ele é tido como capaz e produtivo pelos jovens, mas eles apontam para a desvalorização dos idosos pela sociedade. Para esses sujeitos, a sociedade desconhece o processo de envelhecimento quando desconsidera *a* contribuição do idoso e não reconhece o que pode aprender com os mais velhos. Mesmo que a sociedade, em consonância com as propostas públicas para este segmento, assuma um discurso da valorização do idoso, na prática não oferece condições para o seu desenvolvimento, não age com eles de forma inclusiva, principalmente nos processos produtivos, onde os mais jovens são valorizados em detrimento dos mais velhos.

O velho é, então, representado como um indivíduo produtivo, sim, mas que não é valorizado pela sociedade, que o pretere na concorrência com os mais jovens, embora sejam feitas restrições à sua capacidade de trabalho em razão das limitações naturalmente impostas pelo avanço da idade. A experiência é o seu maior trunfo e a sua marca distintiva é ter vivido mais e saber mais coisas do que os outros. Esse velho sábio, no entanto, pelo simples fato de ser velho, não é respeitado socialmente.

A idéia do velho uma categoria decadente, marcada por declínios de toda ordem – física, social e mental - está presente em muitas relações sociais expressas em atitudes e comportamentos. Para o nosso modelo de sociedade, estar velho é estar disfuncional a ela. A própria sociedade “fabrica” essa decadência, na medida em que torna inacessíveis à maioria da população as condições materiais que permitem aumentar a expectativa de vida das pessoais, aliada à melhoria de qualidade.

Em termos gerais, percebe-se que a idade em que uma pessoa pode ser considerada velha ou entrando na velhice é representada como uma etapa da diminuição e conseqüente perda do ritmo de trabalho, a pessoa já não tem mais condições, está fraca ou incapacitada para determinadas atividades. A velhice significa um momento de declínio da capacidade para trabalhar, o que, pela diminuição das capacidades físicas, pela conseqüente lentidão na execução das atividades diárias, coloca o idoso num plano inferior no contexto social.

É fato que a sociedade brasileira é extremamente tolerante com todo tipo de discriminação, inclusive a discriminação etária que, orientada pelo objetivo do lucro e exaltando valores encarnados pela juventude, avalia o homem por sua vinculação com o trabalho, importando a força, o vigor físico e a capacidade para produzir, em detrimento de valores como especialização, conhecimento, experiência, maturidade etc.

É reconhecida pelos entrevistados a importância da família para a felicidade e a saúde dos idosos, e as conseqüências graves do abandono familiar e da falta de apoio no processo de envelhecimento. Essa rejeição é crucial para a vontade de viver, a capacidade produtiva e a inserção social do idoso, e pode provocar repercussões que vão além do nível familiar, já que o idoso abandonado torna-se problema social e traz implicações em vários níveis, atingindo de volta a sociedade em um efeito bumerangue.

4.1.3 Velho é o outro: o papel da educação.

Utilizou-se no decorrer deste trabalho com muito mais freqüência e propositadamente o termo “velho” em vez de “idoso”, para caracterizar um estado de ser (ou estar) de determinada fase do desenvolvimento humano, e esta palavra foi empregada na entrevista da mesma maneira, até porque se buscava identificar as representações do “velho” e da “velhice”, não do “idoso” e da “idosice”, se este termo existisse.

Autores como Peixoto (2003) e Messy (1999) fazem referência ao contexto histórico-político quando da adoção do termo “idoso” com a intenção de, pela utilização de uma palavra menos pejorativa, conferir outro significado ao indivíduo velho, envolvendo-o em uma aura de respeitabilidade. Para Messy a “pessoa idosa” simplesmente não existe como entidade individual e o termo “idoso” não tem realidade em si, não tem significado próprio, ou seja, é apenas um eufemismo usado para diminuir a carga de preconceito que carrega a palavra “velho”.

Nas entrevistas foi possível perceber essa carga, e a distinção que fazem os jovens quando utilizam a palavra “idoso”. O velho, então, emerge nas representações como o “outro”, uma possibilidade de existência dissociada da realidade dos entrevistados, expressa principalmente nas contradições entre o dito sobre o velho e a velhice, a visão romantizada e estereotipada, e o não-dito, a expressão do sentimento genuíno de desconforto e inquietude ante a possibilidade de existir nessa categoria (*velho, eu?).*

Segundo Jovchelovitch (1997, p. 81), essa forma de enxergar, de ver o outro como alguém que nada tem a ver com a gente, quando na verdade “a alteridade atravessa o que somos”, poderia ser interpretada, talvez, como uma forma de distanciamento ou não-reconhecimento em si mesmo de semelhanças com esse outro socialmente estigmatizado.

> Representações expressam identidades e afetos, interesses e projetos diferenciados, referindo-se assim à complexidade das relações que definem a vida social. Entender sua conexão fundamental com modos de vida significa entender a identidade possível que um sistema de saberes assume num tempo histórico dado. É somente em relação à alteridade de outros (que permite comparações, segmentação e o estabelecimento de distinções) que nós poderemos entender e explicar essa identidade.

A concepção do velho como outro, diferente, está na base da visão estigmatizada que os jovens têm da velhice e do velho. Ao concebê-lo como diferente, afastam-se dessa realidade que também é sua, pois é própria à condição humana, perdendo a oportunidade, por não se aproximarem da

realidade do envelhecimento, de conhecer a si mesmos, como seres em processo, que a cada dia estão diferentes, maturando, envelhecendo, como tudo que tem vida.

Um estigma, segundo Goffman (1988), refere-se a um atributo com carga de descrédito conferido a uma pessoa, ou grupo, que a torna diferente de outros. Estigmatizada, uma pessoa é excluída da classe comum, da normalidade que identifica os “iguais”, passando a ser classificada em nível inferior. O termo estigma, então, é utilizado em referência a um atributo profundamente depreciativo, que marca e alija aquele que é estigmatizado. Em termos objetivos, pode-se inferir que o processo de alijamento do sujeito “envelhecente” começa a partir do momento em que se tornam visíveis fisicamente os sinais da velhice, por isso a busca desenfreada por minimizar ou retardar esses sinais com cremes, truques cosméticos, plásticas e modelamento corporal, numa tentativa insana de “esconder a idade”.

A aquisição dessa noção de “outro”, de “diferente”, sem dúvida constitui uma tarefa do processo educativo, um dos principais responsáveis pela constituição do sujeito social e ético. Como formador de opiniões e visões de mundo, o processo educativo desempenha um papel fundamental na construção das representações sociais dos indivíduos. Se o preconceito contra o velho e a velhice resiste ao tempo e às transformações que têm ocorrido na sociedade, é porque o preconceito passou por um processo de cristalização e enraizamento e se transformou em um problema social, uma vez que a sua desconstrução não foi incorporada pelo processo educativo.

A função educativa certamente também é desempenhada pela família, principalmente na transmissão de valores morais, costumes e tradições. No entanto, modernamente o papel de propiciar a educação em conhecimentos é assumido pela escola, que vem se ampliando em larga escala a partir da industrialização, quando os papéis familiares tradicionais foram alterados e uma nova dinâmica produtiva forçou o afastamento dos pais do lar por maior espaço de tempo, principalmente da mulher, educadora em tempo integral.

Assim, essa forma de representar o velho e a velhice, com base na alteridade, evidencia a necessidade de mudança de paradigmas como efeito de uma vontade consciente e firme:

> Como presença consciente no mundo não posso escapar à responsabilidade ética no meu mover-se no mundo. [...] Isto não significa negar os condicionamentos genéticos, culturais, sociais a que estamos submetidos. Significa reconhecer que somos condicionados mas não determinados; que o condicionamento é a determinação de que o objeto, virando sujeito, se torna consciente (FREIRE, 2000, p. 113).

Perceber a forma como o velho é representado em nosso meio, implica também reconhecer a perda ou diluição de valores importantes que estão na base da nossa história cultural, legados pela herança de vários povos indígenas que habitaram e habitam a região amazônica. Para a maioria desses povos, o homem não perde status com o envelhecimento. Ao contrário, ganha notoriedade e respeito dos mais jovens pela sua bagagem de sabedoria e conhecimento da vida.

A perda de valores como o respeito aos mais velhos, a valorização da história de vida e a sabedoria adquirida com a experiência, não repercute apenas em nossa visão do envelhecimento, mas na concepção de vida e de mundo, na importância atribuída às nossas experiências e ao aprendizado que elas propiciam, como também na maneira como lidamos com a realidade e como podemos transformá-la.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento é uma aventura incerta que comporta em si mesma, permanentemente, o risco de ilusão e de erro.
Edgar Morin

No momento dessas considerações finais, quando se percebe o quanto ainda se tem a entender e a suscitar diante da amplitude do tema, ratifica-se a consciência do “princípio de incerteza”, existente em cada instância constitutiva do conhecimento. Não há certezas, esta é a conclusão possível e mais palpável, mas a busca por entendimento percorreu um caminho, e não foi um caminho fácil. Como enfatiza Minayo, nossos conhecimentos são apenas aproximações da realidade sendo, por isso, relativos.

O resultado deste estudo deixou evidente que o conhecimento dos entrevistados a respeito da velhice e do processo de envelhecimento está assentado no senso comum, sendo reproduzidos os estereótipos difundidos na sociedade tais como o de incapacidade, improdutividade, abandono e menos valia. O envelhecimento com qualidade e as novas possibilidades de vida produtiva para o idoso são pouco mencionados, embora os sujeitos enfatizem a capacidade de trabalho dos idosos e sua competência laboral, ressaltando a experiência dos mais velhos como um fator de importância e que deveria ser mais valorizado.

As representações do velho e da velhice estão calcadas nos aspectos negativos do envelhecimento, relacionadas principalmente a perdas, não apenas no aspecto físico, mas social e familiar. Com relação à família, foi frequentemente mencionada a questão do abandono dos idosos e a segregação desses, de seus afetos. O medo de envelhecer que transpareceu nos relatos está intimamente ligado a esses elementos, bem como à

desvalorização do idoso no contexto social, a discriminação e os maus tratos a ele infligidos nas relações cotidianas.

O envelhecer, nas representações emergentes das falas dos entrevistados, soa quase como uma condenação, embora o discurso racional soe contrário, apresentando um quadro idealizado da velhice. Ninguém, na verdade, quer sentir-se na condição de velho, se esta acarreta tantos transtornos e sofrimentos. Cai por terra o ideal romântico de uma velhice aprazível, substituída pelo sentimento de desconforto e de não aceitação dessa condição. O velho como “o outro” sobressai, então, dissociado do indivíduo que fala, pois a ele não cabe esse papel.

Os conceitos frouxos, as contradições e a não percepção da possibilidade concreta de envelhecer, denotam o quanto os jovens estão distanciados dessa realidade, que também é sua. Abre-se, então, espaço para questionamentos sobre o porquê dessa percepção inconsistente dos jovens sobre a velhice, sendo que eles, integrantes do processo educacional, no mínimo deveriam estar ou se sentir mais familiarizados com a questão do envelhecimento. A resposta negativa sobre se o tema era trabalhado na escola converge para o que se depreendeu nas representações: a escola não parece estar contribuindo de forma efetiva para mudar o pensamento social sobre a velhice.

É notória a importância da educação para todas as dimensões da vida humana, no entanto, pode-se afirmar que no Brasil as políticas educacionais ainda não alcançaram nível de eficiência que contemple essa amplitude de possibilidades. Na questão da velhice, por exemplo, a educação poderia atuar em favor da redução da dissonância de valores e idéias que causam tensão entre as diferentes gerações e contribuir enormemente para a mudança da atual percepção dos jovens sobre o envelhecimento.

Por meio de uma efetiva conscientização e incorporação de novos conceitos sobre a velhice, é possível a operacionalização de mudanças tanto

em nível micro, quanto em nível macro. O indivíduo cônscio torna-se agente de transformação a partir de seu círculo familiar, de estudo, de trabalho, podendo estender sua influência e provocar mudança em nível social mais abrangente. Possibilitar o conhecimento adequado do processo de envelhecimento exige uma educação voltada para a realidade, considerando que esta é uma questão que afeta a todos. Por outro lado, a qualidade e a quantidade de conhecimento sobre a velhice e o envelhecer afeta diretamente o cuidado, as relações interpessoais e a atitude dos indivíduos para com o idoso.

Mas, como começar essa reforma de pensamento na sociedade em relação à velhice? Surge, então, a possibilidade de uma educação transformadora, para que os seres humanos possam perder seus medos e enfrentar o envelhecimento com muitas possibilidades. Morin advoga a idéia de que a reforma do pensamento é necessária e fundamental para a mudança de paradigmas, mas ela não se dá de maneira simples e instantânea, e sim à custa de um processo que começa no início da vida escolar, pois a cultura também se ensina e se reproduz na escola, em processo contínuo.

À educação cabe preparar as pessoas para desmistificar verdades consolidadas e construir novas idéias e novos significados sobre o envelhecimento. Prepará-las para valorizar as experiências, as emoções e a sabedoria de vida adquirida ao longo do tempo. Considerar as necessidades de atenção e interação que todo ser humano tem, independente da idade; compreendendo o idoso como ser que continua se desenvolvendo e é perfeitamente capaz de aprender, de ensinar, de criar e de realizar-se como pessoa.

Na opinião de Morin (1999, p. 34), a reforma do pensamento deve ser começada na escola primária, pois “é nesse nível que devemos nos beneficiar da maneira natural e espontaneamente complexa do espírito da criança, para desenvolver o sentido das relações entre os problemas e os dados.” Assim, pode-se considerar como crucial a necessidade do desenvolvimento de projetos na área de educação comprometidos com a aquisição de capacidades

que permitam intervir na realidade concreta, extrapolando o mero terreno dos conceitos para inserir-se no plano da realidade, privilegiando as possibilidades de intervenção e mudanças em nível ideológico-cultural.

Apesar das possibilidades de acesso à educação virem crescendo significativamente, os currículos continuam merecendo uma reformulação para serem transformados em uma ferramenta mais dinâmica, voltada para a formação qualitativa, por meio do qual o aluno desenvolva a autonomia para pensar e substitua a pedagogia formalista por uma conduta crítica face ao conhecimento.

De acordo com a LDB, os sistemas estaduais de ensino e estabelecimentos escolares, em conformidade com as características regionais e culturais de cada sociedade, podem complementar os currículos com uma parte diversificada, tendo uma base comum nacional, tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio. Assim, é possível aos estudantes terem acesso a informações que enfoquem mais especificamente aspectos de sua realidade, o que permite a abordagem de temas que enriqueçam efetivamente a sua formação.

Vale ressaltar aspectos que merecem ser considerados, relativos ao nosso modo de vida local. Como dito anteriormente, os idosos em Manaus costumam estender sua vida produtiva por mais tempo do que o normal, até por uma questão de necessidade de sobrevivência e esses idosos, embora sejam constituídos por uma grande parcela de analfabetos, e de pessoas com baixo poder aquisitivo, têm aderido enfaticamente à formação de grupos de convivência, que estão proliferando nos últimos tempos por toda a cidade, indicando uma busca, por parte dos idosos, de inserção e participação na vida social.

Tal fato faz crer que, apesar das dificuldades, dos problemas enfrentados cotidianamente, dos serviços estruturados precariamente, dos estigmas a que estão sujeitos, os idosos não indicam estar apáticos e não

parecem sentir-se reféns de uma condição desfavorável. A visão dos jovens parece, então, traduzir mais uma percepção pessoal do que uma constatação ou uma tradução do sentimento dos idosos, embora se saiba que muitos vivem em condições precárias e até degradantes, mas isso não é exclusivo dessa faixa etária.

Reforça-se, então, com mais vigor a necessidade dos jovens, pela educação, tornarem-se partícipes de um processo de transformação realmente relevante, cabendo-nos, enquanto sujeitos ativos e participativos do processo de reelaboração e construção do conhecimento, buscar formas de contribuir na formulação de propostas que ajudem a eliminar os preconceitos que alijam e estereotipam o ser que envelhece, dificultando as mudanças que poderiam e deveriam ser operadas em nível social para o enriquecimento das relações intergeracioais e a melhoria da qualidade de vida desse importante segmento da população.

Preparar os jovens para o envelhecimento, pela via educacional, portanto, é operar em sentido preventivo, almejando um futuro no qual eles, na situação de idosos, não necessitem lidar com mais adversidades além daquelas inerentes à condição humana, o que já é, por si, um exercício de superação, podendo usufruir com senso de realidade e sem temor a vida em plenitude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. ***Adolescência normal: um enfoque psicanalítico.*** Traduzido por Suzana Maria Garagoray Ballve. Porto Alegre: Artmed, 1981.

ARIÈS, Philippe. ***História social da criança e da família***. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1981.

BEAUVOIR, S. ***A velhice***. Traduzido por Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BERQUÓ, E. Algumas considerações demográficas sobre o envelhecimento da população no Brasil. In: ***Seminário Internacional sobre envelhecimento populacional: uma agenda para o fim do século***. Brasília, 1-3 de julho, 1996.

BOBBIO, N. ***O tempo da memória: de senectude e outros escritos autobiográficos***. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

BOURDIEU, P. Condição de Classe e Posição de Classe. In: BOURDIEU, Pierre. ***A Economia das Trocas Simbólicas***. São Paulo: Perspectiva, 1987.

BOSI, E. ***Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos***. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

BUTLER, R. ***A revolução da longevidade***. Rio de Janeiro: Unesco, 1999.

CAMPOS, Dinah Martins de Souza. ***Psicologia da Adolescência: normalidade e psicopatologia***. 17 ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. ***A sociologia do Brasil indígena.*** Brasília: Tempo Brasileiro / Editora UnB, 1978.

CHAUÍ, Marilena. Uma Psicologia do Oprimido, In: E. Bosi (Ed.), ***Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos***. São Paulo: Companhia das Letras, 1979.

COSTA, Elisabeth Maria Sene. ***Gerontodrama, a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade.*** São Paulo: Agora, 1998.

DEBERT, Guita Grin. A Construção e reconstrução da velhice: família, classe social e etnicidade. In: NERI, Anita Liberalesco; DEBERT, Guita Grin (orgs.). ***Velhice e Sociedade***. Campinas: Papirus, 1999.

DEBERT, Guita Grin. A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade, In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.) ***Velhice ou Terceira***

Idade?- estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

DRURY, E. ***Age Discrimination Against Older Workers in the European Community.*** London: Eurolink Age, 1993.

EISENSTADT, S.N. ***De geração a geração****.* Tradução Sérgio P. O Pomerancblum. São Paulo: Perspectiva, 1956.

FERRIGNO, José Carlos. ***Co-educação entre gerações.*** Petrópolis: Vozes; São Paulo: SESC, 2003.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos***. São Paulo: Editora da Unesp, 2000.

FREIRE, Paulo. ***Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.*** 24 ed. Coleção Leitura. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Eduardo. ***Santos e Visagens****.* 2 ed. São Paulo: Cia. Editora Nacional, 1976.

GOFFMAN, Erving. ***Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada****.* Traduzido por Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1988.

GOFFMAN, E. Representações, In: ***A representação do eu na vida cotidiana***. Traduzido por Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1975.

GOLDMAN, Sara Nigri, As dimensões sociopolíticas do envelhecimento, In: PY, Lígia; PACHECO, Jaima Lisandro; SÁ, Jeanete Liasch Martins de; GOLDMAN, Sara Nigri (Orgs). ***Tempo de envelhecer: percursos e dimensões psicossociais.*** Rio de Janeiro: Nau, 2004.

GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). ***Textos em Representações Sociais.*** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

GUARDINI, Romano. ***As idades da vida***. São Paulo: Quadrante, 1990.

GUERREIRO, Patrícia. ***Universidade para a 3ª Idade: a experiência da PUC de Campinas***. Bahia Análise & Dados, Salvador, v. 1, 1996.

JODELET, Denise. A alteridade como produto e processo psicossocial. In: ARRUDA, Ângela (org.). ***Representando a Alteridade.*** Petrópolis: Vozes, 1998.

JOVCHELOVITCH, Sandra. Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). ***Textos em Representações Sociais****.* 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

KASTEMBAUM, Robert. ***Velhice – anos de plenitude***. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1981.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. ***Fundamentos da Metodologia Científica.*** São Paulo: Atlas, 1986.

LANGEVIN, Anete. A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. ***Cadernos CRH***, Salvador, n. 29, jul./dez. 1998.

LENOIR, R. Objet sociologique et problème social. In: CHAMPAGNE, P. al. (orgs). ***Initiation à la pratique sociologique***. Paris: Dunod, 1989.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO Elizabeth. ***Currículo: debates contemporâneos***. São Paulo: Cortez, 2002.

MAGALHÃES, Dirceu Nogueira. ***A invenção social da velhice***. Rio de Janeiro: [s.ed.], 1987.

MARÍN, L.; IGUTI, A. M. Aposentadoria, envelhecimento e condições de trabalho e desemprego. ***Revista Brasileira de Saúde Ocupacional.*** v. 24, n. 89/90, 1997.

MARTINS, C. R. M. ***O envelhecer segundo adolescentes, adultos e idosos usuários do SESC Maringá: um estudo de representações sociais***. 2002. 168 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

MESSY, Jack. ***A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalítica da velhice.*** 2 ed. Traduzido por José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Aleph, 1999.

MINAYO, Maria Cecília. ***O Desafio do Conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.*** São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1996.

MORIN, Edgar. ***O homem e a morte***. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

MORIN, Edgar. Por uma reforma do pensamento. In: PENA-VEGA, Alfredo; ALMEIDA, Elimar Pinheiro de. (orgs.). ***O Pensar Complexo: Edgar Morin e a crise da modernidade.*** Rio de Janeiro: Garamond, 1999.

MORIN, Edgar. ***Os sete saberes necessários à educação do futuro***. Traduzido por Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya. 5 ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2002.

MOTTA, Edith***. Envelhecimento Social.*** Rio de Janeiro: [s.ed.], 1990**.**

MOTTA, Alda Britto da. Chegando pra idade, In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.) ***Velhice ou Terceira Idade?- estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.*** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

NUNES, Clarice. ***Diretrizes Curriculares Nacionais, Ensino Médio***. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

NOVAES, Maria Helena. ***Conquistas possíveis e rupturas necessárias***. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

OLIVEIRA, Rita de Cássia da Silva. ***Terceira idade: do repensar dos limites aos sonhos impossíveis.*** São Paulo: Paulinas, 1999.

PASCHOAL, S. M. P. Epidemiologia do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.). ***Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada***. São Paulo: Atheneu, 1996b.

PEIXOTO, Clarice. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade..., In: BARROS, Myriam Moraes Lins de. (Org.) ***Velhice ou Terceira Idade?- estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.*** 3 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

PEREIRA DE SÁ, C. ***A Construção do objeto de pesquisa em representações sociais.*** Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

PEREIRA DE SÁ, C. ***Núcleo Central das Representações Sociais***. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

RODRIGUES, Nara da Costa. ***Política Nacional do Idoso – Retrospectiva Histórica. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento***, Porto Alegre, v.3, 2001.

SANTOS, Francisco Jorge et al. ***História e Geografia do Amazonas – Ensino Médio.*** Manaus: Novotempo, 2002.

SOUZA, Regina Magalhães de. ***Escola e juventude: o aprender a aprender.*** São Paulo: EDUC/Paulus, 2003.

SPINK, Mary Jane. O conceito de representação social na abordagem psicossocial. ***Cadernos de Saúde Pública***, v. 9, n. 3, jul./set., 1993.

SPINK, Mary Jane. Desvendando as teorias implícitas: uma metodologia de análise das representações sociais. In: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs). ***Textos em Representações Sociais.*** 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

VARGAS, Heber Soares. A Sociologia do Envelhecimento. In: ***Educar para os direitos dos idosos***. Curitiba, Imprensa Oficial do Estado, 1994.

VERAS, R. P. Atenção preventiva ao idoso: uma abordagem de saúde coletiva. In: PAPALÉO NETTO, M. (Org.). ***Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada.*** São Paulo: Atheneu, 1996.

ANEXO 1

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Escola: Série:
Idade: ..... Sexo: .....

Convive com seus avós ou outras pessoas idosas (mais de 60 anos?

Você conhece muitas pessoas de maior idade (velhos)?

O que você pensa sobre a velhice?

Você acha que gente idosa dá trabalho? Por quê?

Na sua opinião, pessoas mais velhas são capazes de contribuir para a sociedade? Por quê?

Você acha que os mais velhos entendem os mais jovens? Por quê?

Você considera difícil conviver com pessoas mais velhas? Por quê?

Que tipo de problemas você acha que são comuns na velhice?

Você acha que ficar velho é um problema?

Na sua opinião, as pessoas podem ser felizes na velhice?

Você já se imaginou velho? Como se sentiu?

Você já tinha pensado no assunto? Por que razão?

Você acha importante falar sobre essa questão? Por quê?

Como você definiria uma pessoa velha? Cite algumas características.

Você acha que os velhos são discriminados em nossa sociedade? (se a resposta for positiva, de que forma?)

Você já viu alguém tratando mal uma pessoa idosa? (se positivo, de que forma?)

Você acha que um idoso é incapaz de fazer coisas que um adulto mais jovem faz?

Você já viu alguém usando a palavra “velho” de forma depreciativa (xingamento)?

Você acha bonita uma pessoa idosa? Por quê?

O assunto “envelhecimento” já foi abordado na sua escola? De que forma?

Você tem informações sobre o processo de envelhecimento do ser humano? Quais?

Você considera importante saber sobre isso? Por quê?

Saber mais sobre o envelhecimento ajudaria você de alguma forma?

Você já fez algum trabalho ou leu algum livro/texto sobre o assunto?

O que você gostaria de saber sobre o envelhecimento?

Você acha que as pessoas idosas são respeitadas hoje em dia?

Que tipo de pessoa você classificaria como sendo “velha”?

Você vê beleza na velhice? Por quê?

Você acha que os idosos são bem tratados em Manaus? Por quê?

Você acredita que os idosos se sentem valorizados socialmente?

Você acha que a convivência dos jovens com os idosos é uma coisa boa?

Alguns atributos são geralmente relacionados à velhice e ao velho, como “improdutivo”, “fora de moda”, “feio”, “ultrapassado”, “gagá” etc. O que você pensa sobre isto?

Você acha que é melhor para uma pessoa idosa ficar mais com outros de sua idade ou com pessoas de idades diferentes?

O que você acha de locais feitos exclusivamente para idosos?

Você já viu alguém mostrar-se incomodado ao ser chamado de velho(a)? Qual foi a reação?

Você já usou a palavra “velho” como xingamento? Por quê?

Você acha possível jovens e velhos realizarem atividades conjuntas? Quais?

Na sua família, os mais velhos participam de atividades juntos?

Você se sentiria disposto a realizar atividades com pessoas idosas (seus avós, p. ex)?

O que é ser velho, na sua opinião?

ANEXO 2

Quadro Temático CONVIVÊNCIA

Sujeitos	Você conhece muitas pessoas de maior idade (velhos)?	Convive com seus avós ou outras pessoas idosas (mais de 60 anos)?	Você acha que os mais velhos entendem os mais jovens? Por quê?	Você considera difícil conviver com pessoas mais velhas? Por quê?	Você acha que a convivência dos jovens com os idosos é uma coisa boa?	Você acha que é melhor para o idoso ficar com pessoas de sua idade ou com idade diferente?	O que você acha de locais feitos exclusivamente para idosos?	Você acha possível jovens e velhos realizarem atividades conjuntas? Quais?	Na sua família, os mais velhos participam de atividades juntos?	Você se sentiria disposto a realizar atividades com idosos (seus avós, p. ex.)?
1	Não	Não	Sim. Porque já passaram pelas mesmas coisas	Depende do estado mental do idoso	Sim.	Da mesma idade	Acho que isso valoriza os idosos	Não.	Não convivo com idosos.	Não.
2	Sim	Com meus avós.	Sim. Meu avô me entendia melhor que ninguém	Não. Melhor conviver com as pessoas mais velhas às mais jovens.	Sim. Uma boa oportunidade para aprender mais.	Com pessoas de sua idade.	Não acho muito bom, pois não precisam de lugar exclusivo, mas sim de um lar, da família, de amor e de carinho.	Sim. Conversar, se divertir.	Sim.	Sim.
3	Poucas	Com minha avó.	Mais ou menos. Hoje as coisas estão muito diferentes que antigamente	Morei um tempo com meus avós e não achei nada difícil, não me atrapalhou em nada.	Sim. Ajuda no seu desenvolvimento	Tanto faz, o que for melhor para cada um	Depende do local.	Não sei. Só vendo na prática.	Sim.	Sim. Já corri com minha avó
4	Poucas	Com meus avós.	Às vezes. O tempo deles é diferente do de hoje.	Sim. Pensam bem diferente de mim.	Sim. Pois os jovens podem aprender muito.	Com pessoas de sua idade.	Ridículo.	Sim. Ajuda a melhorar a sociedade.	Sim.	Não.
5	Sim	Não.	Sim, pois já passaram por essa fase.	Não, pois com elas podemos aprender muitas coisas.	Sim.	Com pessoas de idades diferentes.	Muito bom, mas deveriam existir muito mais.	Sim. Palestras, eventos, festas, etc.	Sim.	Sim. Com muito prazer.
6	Sim	Não. Meus avós não são idosos.	Sim. Porque já passaram pelas mesmas situações.	Não. Gosto de conversar com pessoas mais velhas.	Sim.	Ficar com pessoas de idades diferentes.	Bom, um projeto muito legal.	Sim. Trabalhos comunitários.	Sim.	Sim.
7	Sim	Meus avós e	Não. Os mais	Não. Acabamos	Sim. Eles nos	Para alguns é bom	Muito bons porque	Sim. Natação é um	Sim,	Sim, se for para

		vizinhos.	velhos, em sua época tinham que pedir para namorar, hoje isso não existe.	aprendendo bastante com eles.	ensinam muito mais.	ficarem com os da mesma idade, outros preferem passar seus conhecidos.	protegem os idosos evitando que fiquem jogados pelas ruas.	dos principais.	principalmente em decisões familiares.	aprender mais.
8	Sim	Não.	Não. Por saberem mais não querem que cometamos os mesmos erros.	Não. Porque muitas vezes eles nos ajudam.	Sim.	Com pessoas de idades diferentes.	Legal.	Sim. Natação e caminhar pela praça.	Sim.	Sim.
9	Sim	Minha avó.	Não. Porque pensam bastante diferente dos jovens.	Não, porque estando perto aprendemos com eles.	Sim.	Com os da mesma idade porque terão assuntos que gostam.	Clubes, teatros, sítios.	Sim. Palestras.	Sim.	Sim.
10	Sim	Meu pai.	Não. Porque no tempo deles não praticavam as mesmas coisas que nós, era bem diferente.	Não. Temos que entender que são o nosso passado, nossa família.	Sim.	Com pessoas da mesma idade.	Bons, inclusive acho que teriam que existir mais locais.	Sim. Covers, bate-papo, planos, etc.	Sim.	Sim.
11	Poucas	Meus avós, vizinhos e conhecidos.	Alguns sim, alguns não.	Às vezes. As pessoas mais velhas costumam dar conselhos que às vezes não são adequados para nós.	Sim. Os idosos repassam experiências.	Com pessoas de idades diferentes.	Locais que trazem tristeza e maus tratos.Não há felicidade.	Sim. Conversas.	Não.	Sim. Gosto de jogar xadrez e conheço ótimos jogadores.
12	Sim	Minha avó materna.	Não. O costume de hoje é bem diferente de quando eram jovens.	Não. Porque não passam sabedoria do nosso cotidiano.	Sim.	Com pessoas de idades diferentes.	Uma boa idéia.	Sim. Palestras.	Sim.	Sim.
13	Não	Não.	Às vezes. Uns sim, outros não, pois vivem muito na antiguidade, porém, é melhor escutá-los.	Não. Cada um tem que ceder um pouco e às vezes os jovens tem que ceder mais.	Ótima. Por mim conversaria muito com as pessoas idosas.	Idades diferentes, todos ganham com isso.	Ótimo. Existe em Manaus locais assim, porém, acho poucos.	Sim. Trabalho, futebol, artes plásticas, artesanato, caminhadas, ciclismo e outras.	Não. Minha avó está doente e meu avô cuida da casa e não tem tempo.	Sim. A minha vontade é trabalhar para ajudar essa classe.
14	Sim	Minha avó.	Não. Porque hoje em dia os jovens vivem de maneira	Não. Eu até gosto de conviver, pois elas são felizes e	Sim.	Com pessoas de idades diferentes	Legal terem um local para eles.	Sim. Atividades físicas, passeios e outras.	Sim.	Sim. Gostaria muito.

			diferente de antes.	nos alegram contando coisas do passado.						
15	Sim	Meu pai.	Sim. Pois elas já passaram também pela juventude	Não, pois elas são bastante inteligentes e gostam de ajudar	Sim.	Com pessoas da mesma idade	Maravilhosos	Ginástica e limpeza	Sim	Sim
16	Sim	Não.	Sim, porque já passaram por isso.	Não, porque aprendo mais um pouco e o jovem amadurece	Mais ou menos	Com idades diferentes, pois trocam mais idéias	Bom para eles	Esportes, músicas, etc	Sim. Em tudo	Sim
17	Não	Sim.	Sim. Já foram jovens e sabem como é essa fase	Não.Querendo ou não eles iluminam os nossos dias	Sim, porque aprendemos com eles e eles aprendem conosco	Com pessoas da mesma idade	Apropriados para eles	Caminhar, etc	Sim	Sim
18	Sim	Sim.	Às vezes. Ficam comparando e implicando, com frases do tipo: No meu tempo moça não usava saia tão curta!	Depende. Minha avó um dia brinca e conversa, outro implica, fala mal de tudo, me confunde e me irrita	Sim. Pela troca de experiência	Com quem ela achar melhor	As vezes é bom, quando a família maltrata ele tem para onde ir, às vezes é melhor ficar na família que ele ama	Sim, volei, dominó, baralho	Sim, em passeios, brincadeiras e até na arrumação da casa (tirando o pó)	Sim Eu já faço
19	Sim	Não.	Sim. Porque um dia foram jovens e entendem o que passa em suas cabeças	Não sei. Não convivi com pessoas mais velhas	Sim	Com pessoas de idades diferentes	Ótimo	Sim Trabalhos, palestras, etc	Sim	Não sei
20	Sim	Não.	Sim. Porque têm mais experiência, já viveram muitos momentos quando jovens e entendem o nosso lado	Não. Para mim é normal, só precisa ter cuidado	Sim. Pelo fato de aprendermos mais	Com pessoas de idades diferentes porque nos ajudam a saber mais	Bom para se distrair e conversar com outros idosos	Sim	Sim	Sim
21	Sim	Não.	Sim. Porque já viveram o que nós estamos passando	Depende do jovem	Sim	Pessoas de idade diferente, pois são experientes e sabem tudo o que outros precisam saber	Excelente, ótimo para eles mostrarem que estão vivos	Sim Seria bom para todos	Não	Não

22	Sim	Minha avó.	Não. Porque dizem que em sua época não acontecia o que acontece hoje com os jovens	Não. Porque muitas vezes eles são legais	Sim	Com pessoas de idades diferentes	Super legais, eles se divertem muito	Sim. Atividades de lazer	Sim	Sim
23	Sim	Meu pai.	Depende. Minha avó não entende meu modo de me comportar, diz que no tempo dela não era assim.	Algumas vezes são difíceis, mas dando amor, carinho e conversando as coisas fluem melhor	Sim, pois uns aprendem com os outros	Tanto faz	Excelente, assim podem se expressar melhor	Sim. Volei ou caminhada	Sim	Sim. Eles são meu referencial
24	Sim	Sim.	Não. Fica difícil quem é experiente entender quem não tem experiência de nada	Eles sempre vão querer que seja igual, sem aceitar que o tempo passou e a realidade é outra	Depende. Com alguns sim, com outros não.	Tanto faz, com qualquer idade somos iguais e quando morrermos vamos todos para o mesmo buraco,	Quem ama cuida. Se não quer cuidar em um abrigo com certeza terá alguém para amar	Sim Todas possíveis	Sim	Sim
25	Sim	Não.	Sim. Pois já foram jovens um dia e tudo o que sentimos eles também já sentiram	Não. É até bom. Dão conselhos, carinho, fazem mimos, são divertidos, parece que não têm dia triste	Sim.	Com as pessoas da mesma idade, pois acho que se sentem mais a vontade	Um lugar de distração para eles	Sim. Caminhada, por exemplo	Sim	Sim
26	Sim	Sim.	Não, pois é difícil encontrar uma pessoa que entenda o mais novo. Hoje em dia está tudo mudado	Sim. Porque como os tempos mudaram fica difícil de entender os mais novos	Sim	Com pessoas da mesma idade	Uma idéia muito boa	Não	Não	Sim
27	Sim	Sim	Não. Porque vivemos em tempos totalmente diferentes	Não. Depende da harmonia da casa	Às vezes	Com pessoas de idades diferentes	Bom	Sim. Parcerias em trabalhos	Sim	Sim. Brincar, passear, viajar, etc
28	Sim	Não.	Sim. Porque eles já foram jovens também	Não. Porque eles são mais experientes e gostam de dar	Sim	Com pessoas de idades diferentes	Acho que foi uma ótima idéia	Sim. Jogar bola, nadar, etc	Sim	Sim. Muito disposto

				muitos conselhos						
29	Sim	Sim	Depende. Alguns sim, outros não. Por pensarem que a juventude de hoje é a mesma que tiveram	Não Tem idosos que sabem aproveitar a vida, se divertir, até não ligar para os problemas	Não sei	Com pessoas de idades diferentes	Ótimo	Sim. Leituras, palestras, etc	Sim	Sim
30	Sim	Sim.	Não. Porque eles viveram em outra época	Sim. Porque não dão muito trabalho. Maus avós, por exemplo, não dão	Sim. Porque eles passam experiências para os mais novos	Tanto faz. Com pessoas da mesma idade ou de idades diferentes	Bom, pelo menos tem os cuidados que eles merecem	Não	Não	Não

ANEXO 3

Quadro Temático DISCRIMINAÇÃO E VALORAÇÃO SOCIAL

Sujeitos	Você acha que os velhos são discriminados em nossa sociedade? (se a sua resposta for positiva, de que forma?)	Você acha que um idoso é incapaz de fazer coisas que um adulto mais jovem faz?	Você já viu alguém tratar mal uma pessoa idosa?(se positivo de que forma?)	Você já viu alguém usando a palavra "velho" de forma depreciativa (xingamento)?	Você já usou a palavra "velho" como xingamento? Por quê?	Você acha que as pessoas idosas são respeitadas hoje em dia?	Você acha que os idosos são bem tratados em Manaus? Por quê?	Você acha que gente idosa dá trabalho? Por quê?	Na sua opinião, pessoas mais velhas são capazes de contribuir para a sociedade? Por quê	Você acredita que os idosos se sentem valorizados socialmente?
1	Sim, sendo impedidos de trabalhar, sendo confinados em asilos, ouvindo reclamações numa fila de Banco…	Não	Sim, em um terminal de ônibus, pessoas mandando a idosa ir para atrás da fila, pois esperavam há mais tempo	Sim, várias vezes	Sim, quando alguém de mais idade me trata mal.	Não.	Não, eles são desrespeitados pelos jovens, mas, pelo Governo, eu acho que sim.	Depende, pois tem idoso com problema de memória e não tem sanidade mental.r	Sim, aconselhando os mais novos, pois passam suas experiências de vida, tanto pessoal como profissional	Não.
2	Sim, pela família. Pensam tanto que vai dar problema, que o querem mandar para um asilo de velhos	Sim, o idoso é capaz de fazer até melhor.	Já, batendo por alguma coisa que o idoso fez de errado.	Sim, velho que não presta para nada.	Não usei e nem vou usar essa palavra como xingamento	Mais ou menos. Muitos idosos são descriminados pela família, imagina por outras pessoas.	Uma parte das pessoas tratam bem, outras tratam muito mal.	Não, ao contrário, traz alegria, felicidade e mais ânimo de viver	Sim, porque com elas podemos aprender coisas que nem nós mesmos entendemos	Não, porque tiram pessoas idosas do trabalho para por outras mais novas e com menos experiência
3	Sim, aposentadoria tem a ver com isso	Sim e não.	Sim, gritando em cima dele com a maior raiva do mundo.	Não.	Não, eu acho que não tenho essa coragem.	Não.	Mais ou menos, porque há muito o que mudar a respeito da compreensão.	Depende do idoso, pois tem aquele que faz tudo e o que faz chantagem por ter certa idade	Sim e não, pois tem aqueles com consciência do que fazem e outros , só levam em conta que estão velhos	Não.
4	Sim, porque muitos são abandonados no asilo, ou até expulso de casa.	Algumas sim, mas nem todas as coisas.	Sim, batendo e xingando	Sim.	Não.	Poucas pessoas respeitam.	Talvez, mas tem muita informação sobre isso.	Não, quem acha isso com certeza, não tem amor a vida e aos mais velhos	Sim, dando suas opiniões que podem fazer melhorar o mundo e a sociedade	Não.

5	Sim. Para muitos a palavra velho lembra algo desgastado. E discriminam pensando que só os novos são úteis. É o contrário	Nem tudo, mas o que estiver ao seu alcance faz até melhor.	Não, graças a Deus.	Sim.	Sim, quando estava com raiva, mas até hoje me arrependo	Mais ou menos.	Sim, tem atendimento de primeira em alguns hospitais.	Não, pois basta cuidar e zelar por essas pessoas e você receberá muita felicidade como gratificação	Sim, repassando sua experiência de vida e sua sabedoria	Sim.
6	Sim, pelo Governo. Para eles se uma pessoa é velha não tem mais utilidade.	Às vezes sim, dependendo da coisa.	Graças a Deus que não.	Sim.	Não, pois velho não é ofensa.	Não.	Não, porque sempre vejo alguém falar alguma coisa quando eles vão pra frente da fila.	Não, pois todos nós damos trabalho em todas as idade, e se gostamos da pessoa o trabalho não importa	Sim, porque elas têm experiências de vida maior que a nossa e não podemos dizer que é incapaz por ser velho	Não
7	Sim, pois muitas pessoas não os entendem e desprezam. Querem se divertir, e não pensam como eles.	Não. Ele (idoso) tem um pouco mais de dificuldade, mas ainda é uma pessoa capacitada.	Não.	Sim, mais é uma coisa que ninguém pode tolerar	Não.	Muitas vezes não.	Sim porque eles têm onde ser cuidados.	Muitas vezes sim, porque alguns não gostam de fazer nada e por isso acabam adquirindo algumas doenças	Sim, através dos ensinamentos que podem repassar para os mais jovens	A sociedade não dá valor às pessoas da terceira idade, mais eles são ajudados pelos os que os amam
8	Sim, no emprego. Acham que só porque a pessoa é idosa não pode fazer mais nada.	Não. Eles são capazes até de fazerem mais coisas do que qualquer jovem.	Não.	Não.	Não.	Não.	Não, porque as pessoas dizem "aquele velho". Dá raiva em qualquer ser humano ao ouvir isso	Não, porque eles estão ali para nos ensinar sobre as coisas da vida	Sim, com suas experiências	Não.
9	Não.	Não.	Sim, na rua um velhinho ia atravessando e o motorista chamou palavrão para ele	Sim, chamando de velho inútil	Sim, porque um velho já me disse palavras inadequadas.	Em certas partes sim em outras não.	Sim, pois eles têm alguns direitos que eu conheço.	Não, porque tem que saber cuidar e conversar	Sim, pelas experiências que elas têm na vida	Sim.
10	Alguns sim, pois os asilos estão cheios de pessoas	Sim.	Sim, uma vez eu vi um senhor cair do ônibus porque o	Sim.	Sim, pois eu estava com raiva.	Não.	Sim.	Sim, porque temos que dizer sempre que essa época	Sim, pois passam seus ensinamento e suas	Não.

	que têm família, mas não se interessam pelo idoso.		motorista fechou a porta quando ele ia entrando					não como a época deles	experiências adiante, proporcionando maturidade aos jovens	
11	Sim, o descaso, o esquecimento deles pelos mais novos.	O idoso não tem a mesma vitalidade que um adulto jovem, mas pode fazer, porém, com menos vigor.	Já, na minha família meus avós sofrem com alguns filhos	Sim, nas ruas.	Não. É errado	Não em grande maioria, só por poucos.	Não sei. Nos casos que vejo, não.	Sim em alguns casos, pois quando envelhecemos ficamos mais vulneráveis a doenças	Sim, com suas experiências podemos mudar o futuro. Nossas tradições são repassadas por gerações	Alguns
12	Sim, quando aparece curso para as comunidades determinam uma faixa etária e os idosos ficam de fora.	Não. Minha avó mora sozinha e faz tudo na casa dela.	Não.	Não.	Não.	Algum as vezes sim.	Em alguns lugares sim, porque existe pessoas de bom coração	Não, quem dá trabalho são os jovens de hoje	Sim, porque elas já tem experiência de vida, sabe como a sociedade de hoje não é como antes	Não.
13	Sim, alguns jovens não têm respeito. O velho é sempre deixado para trás em tudo.	Trabalhos pesados e braçais não. Porém, muitos trabalhos o idoso faz melhor que o jovem.	Sim, dizendo que a idosa não prestava para nada.	Sim, muitas vezes, por exemplo: velho babão.	Não, minha mãe sempre me ensinou a respeitar os mais velhos, quando eles falam baixamos a cabeça.	Não.	Não, deveria ter um Pronto Socorro só para essa classe, mais lugares para diversão, afinal já trabalharam muito.	Não, pois ganhamos experiências no seu convívio, nos ensinam como é o mundo	Sim, como falei anteriormente, ganhamos experiências	Não.
14	Sim, por não prestarem mais para trabalhar, e só dão trabalho para os outros	Não, pelo contrário. Eles podem fazer melhor que um jovem.	Sim, dentro do ônibus.	Já.	Não, só como forma de carinho com a minha avó.	São raras as pessoas.	Não, eu não sei.	Não, pelo contrário, quem dá trabalho são os jovens	Com certeza, com os conhecimentos que eles têm	Não.
15	Sim. Não são respeitados, são maltratados.	Não.	Sim, pedindo para carregar um monte de sacolas.	Sim.	Sim, porque me aborreceram.	Não.	Sim, pois há Centros Sociais que os ajudam a se reintegrar	Não, pois cuidar de um idoso é muito gratificante	Sim, pois são pessoas que têm mais experiência de vida e	Sim.

							novamente.		sabedoria	
16	Sim, por muitos jovens são discriminados, por outros nem, tanto.	Não. Há muitos senhores e senhoras com 70 anos que conseguem fazer o que um de 15 anos não faz.	Sim, no ônibus uma pessoa disse ao idoso que deveria está no asilo e não alí	Sim, mas sempre tem pessoas que os defendem.	Muitas vezes em momentos de raiva	Mais ou menos. Os pais não falam mais nem sobre esse assunto	Talvez sim.	Não, somos nós adolescentes que damos trabalhos a eles	Sim, pois são eles que ajudaram a construir um pouco nosso país	Em algumas capitais sim
17	Sim, pois acham que são um problema, dão trabalho, etc.	Sim.	Não.	Sim.	Sim, mas é uma falta de respeito.	Não totalmente.	Sim, pois tem vários benefícios.	Não, pois minha avó mora comigo e o que ela, me dá é muita felicidade	Sim, porque sem eles ,não aprenderíamos nada sobre a vida	Sim.
18	Sim, e muito. Nos ônibus e nos Bancos, as pessoas não têm paciência.	Se tiver alguma doença como o Mal de Parkinson ou Alzeimer é incapaz. Se não tiver, sim é capaz.	Sim, no ônibus eu estava com minha avó e ninguém deu lugar. No ponto de ônibus uma senhora fez sinal, e o ônibus não parou.	Sim.	Não, pois é falta de educação.	Muito pouco. Deveria ter mais informações de como lidar com uma pessoa idosa.	Não. Deveria ter mais clubes de 3a. Idade.	Sim, porque eles querem fazer muitas das vezes coisas o que a idade ou uma doença não permite, mesmo assim insistem	Sim, pois já contribuíram muito, então acho que eles não devem se preocupar mais com nada, tem que aproveitar a vida	Não, pois quando minha avó recebe sua aposentadoria é uma vergonha
19	Sim, eles são quase excluídos de coisas que acontecem na sociedade. Isso se chama falta de atenção.	Sim.	Sim, no ônibus uma pessoa não deu lugar para o idoso sentar, apesar de te-lo visto.	Não.	Não.	Mais ou menos	Mais ou menos	Sim, pois precisa de bastante cuidado: medicação na hora certa, higiene correta e de sua alimentação	Sim, porque eles são exemplos de vida. Se estão velhos é porque conhecem bastante e devem ensinar os jovens	Não acredito muito
20	Sim, muitos jovens discriminam os idosos por ter de cuidar deles, ter paciência, não querem ter trabalho	Não	Não.	Sim, por deboche.	Não.	Não, por que tem gente que tem preconceito.	Mais ou menos, tem gente que tem muito respeito, mas tem outros que tem preconceitos.	Não, porque quando é uma pessoa especial para nós, cuidamos com amor	Sim, não é por serem mais velhas, que não podem fazer trabalhos sociais ou contribuir em outra área sem muito esforço	Não muito

21	Acho que não.	Não. É mais que capaz.	Sim, principalmente quando os filhos são bastante revoltados ou mal criados.	Nunca.	Nunca me interessei muito por essa palavra, só as vezes quando chamam meu pai de velho.	Acho que sim.	Por mim, eu respeito um idoso.	Depende do idoso, pois tem aqueles que depois de velhos, parecem crianças	Sim, toda pessoa, nova ou velha, tem capacidade de contribuir na sociedade	Só perguntando de um idoso
22	Sim, em um ônibus ninguém dá o lugar para eles sentarem; isso é uma discriminação e falta de respeito	Sim.	Até agora não, mas se eu vir, não sei qual será minha reação.	Sim.	Não.	Não.	Sim, porque hoje tem muitos projetos que beneficiam os idosos.	Sim e não, pois quando se fica velho costuma aparecer doenças, mas nem todo velho dá trabalho	Sim, porque eles contribuem muito para a sociedade, alguns vão até para o parque do idoso e acabam se divertindo	Não
23	Sim. Para os outros filhos do meu pai, tudo que ele faz está errado, acho isso ridículo.	Não. Eles demoram um pouco mais para fazer, só que com a mesma eficiência ou até melhor.	Já, vi um filho dizendo ao pai que ele não valia mais para nada, deu-me muita raiva em presenciar aquilo.	E como, alguns jovens são muito rebeldes para com os idosos.	Não, porque acho falta de respeito.	Não muito.	Sim, porque os governantes se preocupam, fazem muitas formas de lazer, como o Parque do Idoso, o CSU,o Mindu…	Não, pelo contrário, apesar de ter idosos que já estão fadigados ou enfermos que dão um pouco de trabalho	Sim, pois tem muitos idosos em plena atividade, pagando seus impostos e muitos ainda trabalhando também	Mais ou menos, ainda falta um pouco de incentivo
24	Sim, a maioria diz que já passou seu tempo, como se não servissem para nada.	Não, eles apenas não tem a energia para fazerem tudo como antes	Na televisão, em entrevista que relatava o assassinato de uma senhora de 70 anos, pela empregada.	Não.	Não.	Não.	Não. Os próprios filhos maltratam, imagine outras pessoas.	Não, apenas são pessoas mais experientes e que lutam por uma sociedade mais justa	Sim, já contribuiram tanto, que não vai ser agora que vão parar de exercer sua cidadania	Não.
25	Sim, são chamados de inválidos, coisa que não pode ser, pois já contribuiram para a sociedade.	Não	Sim, no ônibus uma pessoa dizendo ao idoso que não cedia o banco porque ele já havia sentado muito. Achei isso um absurdo	Já, as pessoas em geral costumam dizer isso.	Não.	Não.	Não. A população é muito preconceituosa.	Não, apesar de sabermos que precisam de cuidados. Um dia já demos trabalho e eles cuidaram de nós.	Sim, pois já passaram por muitas experiências em suas vidas, sabendo o que é o certo ou errado	Não.
26	Não	Sim	Só no ônibus.	Não.	Sim, para o meu	Sim.	Sim.	Não, quando se	Não porque já	Mais ou menos

					avô em momento de raiva.			tem amor e carinho	fizeram muito	
27	Sim, perde-se muito o respeito por pessoas de mais idade.	Algumas coisas sim.	Não.	Sim.	Não.	Não.	Sim, por terem Centros de Habilitação.	Não, se gostamos deles nunca darão trabalho	Sim, por serem pessoas com mais vivências	Não
28	Sim, uma pessoa idosa dirigindo devagar constantemente é alvo de ofensas.	Não.	Já, dentro do ônibus, uma pessoa dizendo: não atrapalha, sai do meio velho	Já.	Não.	Sim	Sim porque agora tem vários Centros próprios para eles	Não, porque eles são bastante compreensivos	Sim, porque muitos deles ainda trabalham muito	Sim, acredito
29	Sim, com falta de respeito, com brincadeiras sem graça.	Algumas coisas sim, outras não.	Sim, com desrespeito	Sim	Não é uma palavra certa para xingar.	Algumas apenas	Sim, por terem vários Centros para idosos e ter um parque inteiro só pra eles	Depende, pois seus organismos já estão vulneráveis e estão sujeitos a doenças, dando um pouco de trabalho	Lógico, pelo fato de conhecerem a vida e nos passarem seus conhecimentos, através de conselhos ajudando muitos jovens	Sim
30	Não	Não. Somos todos iguais, não importa a idade.	Não	Sim	Sim, na hora da raiva, mas depois passou e pedi desculpas.	Mais ou menos	Não	Não, porque o trabalho que dá, é só de alimentá-los	Sim, com suas experiências de vida	Não

ANEXO 4

Quadro Temático PRECONCEITO

Sujeitos	Você acha que ficar velho é um problema?	Na sua opinião, as pessoas podem ser felizes na velhice?	Você já se imaginou velho? Como se sentiu?	Você já tinha pensado no assunto? Por que razão?	Você acha importante falar sobre essa questão? Por quê?	Como você definiria uma pessoa velha? Cita algumas características?	Você acha bonita uma pessoa idosa? Por quê?	Que tipo de pessoa você classificaria como sendo "velha"?	Você já vi alguém mostrar-se incomodado ao ser chamado de velho(a)? Qual foi a reação?	Alguns atributos são geralmente relacionados à velhice e ao velho, como "improdutivo", ""feio", "ultrapassado", etc. O que você pensa disso?
1	Sim.	Sim.	Já. Me senti inútil.	Sim, pelo medo chegar à velhice.	Sim, porque os velhos são muitos desprezados pela sociedade.	Chata e resmungona.	Sim, porque transmite a inocência de uma criança.	Uma pessoa inútil e chata.	Sim, antipatia.	Acho um equívoco, há muitos velhos mais prestativos que os jovens. Nem todo velho é feio, a não ser que tenha sido feio na juventude.
2	Não, porque se nós jovens aproveitarmos bem a vida, não vamos ter problemas nenhum em ficar velho.	Sim, podem ser mitos felizes pois a felicidade não tem idade	Eu nunca me imaginei velha, mas tenho medo de quando eu ficar velha ser rejeitada pela minha família.	Não.	Sim, porque quanto mais a gente sabe, mais sabemos lidar com o assunto.	Alegre, vaidosa, satisfeita e cheia de amor para dar	Sim, porque ao ver uma pessoa idosa sinto mais prazer de viver, aproveitar mais e mais a cada dia que passa.	Pessoas mais sábias.	Não.	Penso que essas pessoas não sabem o que estão fazendo
3	Sim, porque acho que eu não vou poder fazer o que fazia antes.	Acho que sim, é só ter amor das pessoas que lhes rodeiam.	Sim, péssima.	Algumas vezes, porque sei que um dia ela vai chegar	Sim, porque ajuda os adolescentes e as pessoas de modo geral a ter consciência a respeito da velhice	Experiente e cuidadoso	Não sei, nunca pensei nisso.	Experiente	Ainda não, nunca vi	Alguns são verdades (fora de moda, feio) mas outros não te, nada a ver.

4	Não, ficar velho é passar por novas experiências	Sim, até mais do que os jovens	Sim, estranho., com medo de me ignorarem.	Não.	Sim, porque a velhice não é uma doença como muitos pensam.	Carente de carinho, frágil como um bebê recém nascido.	Sim, porque ela tem muita experiência de vida.	Aquela que ignora os idosos.	Não.	Acho isso um preconceito bobo e ignorante.
5	Não, é natural	Sim, basta ter atitude	Sim, não me senti bem, senti-me incomodada	Foi através dos meus avós	Sim, pois a velhice é ma das coisas mais importantes	Enrugada, chata, estressada, lenta para tudo, etc	Sim, pois depois que envelhece fica como se fosse um bebê, volta a ser criança	Pessoa que não serve	Sim, às vezes é de dar pena, pois fica abatido, triste a ponto de chorar	Isso é muito preconceito. Deveria existir uma lei para sumir com essa gente
6	Não.	Sim, na velhice podemos saber o verdadeiro significado da felicidade	Sim, um pouco mal, não por mim, mas pelo preconceito de algumas pessoas.	Sim, pelos maus tratos e abandono dos idosos, que sempre vejo nos jornais	Sim, para conscientizar as pessoas sobre esse problema, pois a juventude não é eterna.	Alegres, ativas, prontas para compartilhar suas experiências.	Sim, porque ela venceu todas as dificuldades da vida. Hoje os jovens se matam, só porque terminam o namoro	A partir de 70 anos	Sim, a pessoa xingou a outra	Falta de informação
7	Não, é apenas mais uma fase da vida	Com certeza, elas podem ser ainda muito felizes , principalmente ser tiver pessoas que as amem ao seu lado	Não.	Sim, por ver muitas pessoas sofrendo jogadas em asilos.	Sim, porque nós refletimos mais sobre nossas vidas	Feliz, mesmo estando com o rosto enrugado, sua coluna mais torta e com dificuldade de andar	Sim, porque ela mostra a beleza que é a vida	Aquela que não tem mais capacidade	Sim, eles preferem ser chamados de idosos, porque para eles, velho é alguma coisa que não presta mais.	Penso que as pessoas não conhecem as pessoas idosas tão bem quanto deveriam.
8	Pra mim não	Com certeza	E me senti ótima, com bastante experiência em tudo	Porque nós jovens sempre pensamos em ser mais velhos, para fazermos quase tudo	Sim, porque muitas vezes ela não é tema de discussão na sociedade	Pessoa legal, extrovertida e que gosta de conversar bastante sobre tudo	Sim, pela sabedoria dela	Aquela que tem mais de 65 anos	Não.	É uma pessoa idiota, só pode ser isso.
9	Não, porque um dia nós ficaremos velhos também	Sim, podem porque todo mundo tem o direito de ser feliz	Sim, senti-me constrangida	Sim, porque vi meu avô morrendo	Sim, pois a gente aprende a compreender os mais velhos	Como pessoa que precisa de cuidados, de paciência e carinho	Sim, porque elas ensinam bastante coisas	Idoso	Sim, ele ficou chateado e disse que não era velho.	Penso que isso é muita falta de respeito para com o idoso.
10	Não.	Sim, só elas pensarem somente no presente, e	Sim, me senti bem, pois sei que estarei com a vida completa	Sim, pois vendo os idosos de hoje, imagino-me um guerreiro de	Sim, pois estimula as pessoas a pensarem mais nos idosos e se	Que não pode correr, não pensa em viver mais, acha que a vida já	Sim, pois é uma pessoa batalhadora e vitoriosa	Que não tem mais ânimo	Não.	É besteira, pois um dia seremos assim e não é verdade.

		esquecerem o passado		amanhã como eles	dedicarem mais a eles	não lhe faz mais feliz				
11	Sim, pois vivemos em uma sociedade em que as pessoas se preocupam em ficar velhas e serem descartadas	Sim, pois há muita coisa a fazer nessa idade	Sim, um pouco desanimado, mas tenho esperança em ser feliz	Sim, tenho o hábito de pensar em tudo, para não ser surpreendido com algo que não goste	Sim, nossa vida depende de pensarmos no futuro, para que não façamos algo errado agora	Uma pessoa que tem cabelos brancos, pele enrugada, cansado, mas feliz com o que já viveu	Sim, pois apesar das rugas, as pessoas são bonitas	Pessoas de cabelos brancos	Sim, indignado, não aceitou.	São palavras verdadeiras em alguns casos, mas é preconceito.
12	Eu não acho um problema, e sim uma vitória por ter lutado para chegar até essa idade	Sim, um exemplo é o irmão da minha avó que se casou com 69 anos	Sim, uma pessoa realizada porque minha juventude está sendo bem aproveitada	Confesso que ainda não	Sim, porque existem pessoas que não conseguem entender esse tipo de assunto	Uma pessoa sábia, com experiência de vida, que precisa de atenção dos outros	Sim, porque ela é um exemplo para nós	Uma pessoa que não quer continuar a aprender	Sim, ela respondeu: velho é o mundo e ninguém fala nada.	As pessoas que falam isso não sabem respeitar os outros.
13	Sim, porque não pode trabalhar, e mesmo se quisesse não tem trabalho, sua experiência não é levada em conta	Sim, fazendo exercícios físicos, rindo bastante e amando a todos	Sim, não quero ser uma velha sedentária, mais sim cheia de vida	Sim, no momento em que eu votei no dia 1º de outubro, pensei no meu futuro, inclusive na velhice	Sim, para as pessoas que odeiam os velhos e que acham os velhos imundos e incapacitados	Como diz o ditado: "panela velha é que faz comida boa"	Porque elas tem experiência, um ar misterioso e carinhoso	Velho não seria a palavra certa, porque soa como incapacitado	Sim, ela falou: não sou velha, respeite-me!	Falta de respeito e uma tremenda mentira.
14	Não, porque um dia todos tem que passar por isso	Sim	Não, nunca parei para pensar	Não	Sim, para que as pessoas possam ter a consciência de que a velhice não é o final de tudo	Uma pessoa incapaz de fazer as coisas	Sim, porque ela valoriza o seu jeito de ser	Pessoas com mais de 50 anos	Não, nunca	Penso que ultrapassados somos nós, que falamos isso para uma pessoa mais velha.
15	Não	Sim	Sim, muito bem	Sim, pois meus pais já chegaram a terceira idade e, é nessa hora que tenho que cuidar deles	Sim, pois é preciso conscientizar as pessoas a valorizar os idosos de hoje	Pessoa antiga que só lembra do passado, vive cheio de dores	Sim, pois a pessoa tem bastante história de vida	Pessoa ultrapassada	Sim, uma total ignorância.	Uma grande ofensa, desrespeito.
16	Não sei bem…	Sim, pois já estão na melhor fase da vida	Além da minha resposta anterior me senti triste	Porque um dia quase todos irão ficar velhos (experientes)	Sim, pois eu tenho que pensar no meu futuro	Não sei bem, mas acho que lembraríamos de minha idade atual e iria ficar emocionado	Sim, por ser muito mais experiente	O mundo	Sim, acho que se sentiu magoado.	É uma coisa fora de série. É triste ouvir isso.

17	Não.	Sim, com amor e carinho será sim, uma pessoa feliz	Não, pois curto minha juventude sem pensar no futuro	Não, porque tudo tem seu tempo	Sim, embora não seja uma pessoa velha, temos que pensar que não viveremos num mundo de pessoas novas	Cabelos brancos, pele enrugada e uma aparência cansada	Sim, pois tenho uma avó linda na minha casa	Minha avó de sessenta e cinco anos	Não.	Um absurdo.
18	Não, problema sério é não ficar velho e morrer jovem e não curtir a vida. Espero viver até os 90 ou mais.	Sim, ir nas festas No clube que minha avó vai tem até escolha da Rainha da 3a. Idade.Isso valoriza o idoso	Ainda não, mas acho que vou ser legal com meus netinhos	Não, sei lá, muita preocupação com o presente faz a gente deixar de lado o futuro	Eu não penso muito nisso porque na real tenho medo de ficar sozinha na velhice	Gordinha, usando óculos, porque eu já uso, quando ficar velha então,baixinha.	Sim, por terem vivido muito e antes, eram muito chics, pois amo os anos 60, os anos dourados era uma época glamourosa.	Acho que a palavra velha não deve ser usada para pessoas e sim para objetos	É revoltante para eles. Minha avó pega logo o estatuto do idoso que carrega na bolsa e diz "velho é objeto, eu sou gente!"	Já produziu muito; já teve moda mais fashion; já foi um(a) gato(a); você também vai ficar ultrapassado
19	Não, uma vitória	Sim, basta ter o apoio e compreensão da família	Não	Não	Sim, porque um dia ficaremos velhos	Rosto enrugado, olhar cansado, cabelos brancos	Sim, o idoso é um livro de histórias aberto	Uma pessoa experiente	Não	Pura discriminação
20	Não. É só saber desfrutar de tudo que você viveu	Sim, porque há momentos que vão fazer outras atividades, sair, dançar e brincar	Ainda não. Mas espero que eu possa chegar até lá	Não	Sim, porque hoje em dia tem muito preconceito contra idosos	Uma pessoa sensível que precisa de carinho e atenção	Sim, eles têm um a beleza interior radiante	Que reclama demais, pensa muito no passado	Sim, nem é bom citar.	São besteiras que inventam. Não concordo
21	Não, jamais	É claro!	Nunca. Vou pensar agora, depois desta pesquisa	Nunca	Pra todo mundo saber da importância dela no mundo	Experiente, trabalhador, inteligente	Normal. Para mim é normal	Minha avó, meu avô	Minha mãe (brincadeirinha)	Acho uma falta de respeito. Uma pessoa em seu lugar não gostaria de ser chamada por estes nomes.

22	Sim	Podem sim, porque não seriam? Todo mundo diz que é a melhor idade	Não, mas vou pensar futuramente	Não. Não sei dizer a razão	Sim, porque é uma questão que tem no mundo todo. Então é muito importante falar sobre esse	Uma pessoa velha, cansada, cheia de rugas e com muitos problemas de saúde	Sim, porque é uma pessoa vivida	O mundo	Sim. A pessoa disse que velho é o mundo.	Digamos que improdutivo, pois é muito difícil fazerem uma coisa que produza algo.

					assunto					
23	Não. A maioria das pessoas têm medo de envelhecer, mas felizes são aqueles que conseguem chegar à melhor idade	Com certeza. Ser velho não é ser infeliz	Sim , brincando com meus netos e bem estabilizada com uma família bem estruturada. Vou ser uma coroa bonitona	Já sim, porque assim fica mais fácil respeitar os mais velhos, porque você já se imaginou na situação e não vai querer ser maltratada	Acho sim, pois conscientiza mais a sociedade	Bondoso, alegre, divertido, ao mesmo tempo cansado, que gosta de dar presente, receber carinho, amor, compreensão	Acho, porque eu penso que ela já batalhou muito e conseguiu chegar onde está.	Que já estão com idade avançada	Já. Foi normal, ele ficou constrangido apenas	Ridículo.
24	Penso quando tiver meus filhos. Se for abandonada prefiro que Deus me tire a vida depois dos 70 anos. Não gostaria de viver sofrendo desprezo e dor.	Claro que sim. Se quando jovens foram, por quê depois de uma certa idade não poderiam? Todos nós somos iguais, indepen dente da idade.-	(Já respondido nas questões anteriores)	Sim, pois tantos casos são publicados nos jornais s TV, é difícil não pensar em você ou em mim futuramente idosa.	Para abrir mentes de pessoas que dizem entender da vida e não sabem nada de si mesmos. Nós somos mortais, não nascemos sabendo, aprendemos no dia a dia da vida.	Uma pessoa cansada, maltratada pelo cansaço do trabalho por querer correr atrás de uma fonte para alcançar um objetivo desejado.	Sim, porque de uma forma ou de outra voltar a ser criança, apesar de ter mais de 60 anos	Pessoas a partir dos 60 anos, que trabalharam muito e hoje precisam de descanso.	Sim. "Não sou velho, só tenho mais idade que você "	Maior babaquice.
25	Não. É uma bênção chegar aos 80 anos ou mais. Não é todo mundo que vive até lá p/ contar a história. Quem dera…	Sim, acho que em todo momento podemos ser felizes, basta estar vivo.	Ainda não. Não parei para pensar, pois o vestibular nos faz pensar muito no agora.	Não. Penso primeiro como vou me manter, para depois pensar a respeito.	Sim, pois é esclarecedora, faz-nos eliminar alguns preconceitos	Com algumas rugas, pele flácida, de óculos e dentadura	Sim, porque tem um sorriso de quem conseguiu viver muito, ou seja, vitorioso	Um idoso	Não	Uma grande ignorância, falta de informação.
26	Não é exatamente um problema, mas é difícil aceitar que um dia poderemos depender de alguém, ficar feia e com dor	Sim	Já. Triste.	Sim, por que tenho medo do meu futuro. não sei se vou estar bem de saúde e financeiramente.	Sim	Com muita experiência na vida	Sim, por que foi capaz de enfrentar as coisas ruins da vida	Pessoas com 60 e 70 anos de idade.	O meu avô. Ele diz que não é velho, que é "cabra safado"	Quem fala isso pensa que não vai ficar velho, que um dia vai ficar daquele jeito.

27	Não	Sim	Já, provavelmente vou viver intensamente essa etapa da minha vida	Sim, por que um dia serei velho	Sim, conscientiza as pessoas para uma questão que todos serão um dia: velho	Que tem muita sabedoria de vida	Sim, porque a verdadeira beleza está por dentro.	Com espírito velho	Não	Pensamento de pessoas sem caráter.
28	Não	Sim, porque já está com a vida ganha	Por enquanto não	Não, porque ainda falta muito para chegar lá.	Sim, porque tem muita discriminação com os idosos	Uma pessoa acima dos cinqüenta anos e pele um pouco enrugada	Sim, porque ele volta a ser criança.	Uma pessoa de sessenta anos	Sim, "velho é a mãe"	Isto é uma falta de respeito.
29	Não	Sim	Sim, realizado	Sim, por estar sujeito a ela mais tarde	Sim, porque é algo normal em nossas vidas. Quem não tem uma pessoa idosa na família?	Uma pessoa experiente, vivida com muitos dotes morais	Sim, eu admiro uma pessoa idosa.	Idônea	Sim, foi de tristeza.	Isso é coisa que não deve ser dirigida a uma pessoa idosa.
30	Não	Sim, se ainda estiver com a sua companheiro(a)	Não	Ainda não tinha pensado	Sim, porque os idosos têm que dar o ensinamento que tiveram aos mais novos.	Andando devagar, falando baixo	Sim, minha avó é bonita é bonita porque se veste bem.	Uma pessoa acima dos sessenta anos	Sim, já. A reação foi constrangedora	Ridículo.

ANEXO 5

Quadro Temático VELHICE e ENVELHECIMENTO

Sujeitos	O que você pensa sobre a velhice?	Que tipo de problemas você acha que são comuns na velhice?	Você vê beleza na velhice? Por que?	O assunto "envelhecimento " já foi abordado na sua escola? De que forma?	Você tem informações sobre o processo de envelhecimento do ser humano? Quais?	Você considera importante saber sobre isso? Por quê?	Saber mais sobre o envelhecimento ajudaria você de alguma forma?	Você já fez algum trabalho ou leu algum livro / texto sobre o assunto?	O que você gostaria de saber sobre o envelhecimento?	O que é ser velho na sua opinião?
1	É uma fase da vida que se limita à saudades, e com certeza, representa cansaço	Esclerose, cansaço, doenças.	Não.	Não.	Não	Sim, porque um dia passarei por esse processo?	Sim, a me preparar para essa fase	Não.	Por que surgem mais doenças nessa fase da vida?	É ser vivido.
2	Experiência, sabedoria, dignidade, etc	Discriminação, muitas vezes na própria família. Isso é um grande problema na velhice.	Sim, porque traz alegria e felicidade	Não.	Não.	Sim. Acho muito importante para minha vida.	Sim, como poderemos ajudar uma pessoa mais velha	Não.	Tudo.	Experiência e muita sabedoria.
3	Um dia a velhice vai chegar pra todo mundo, mesmo eu não querendo que chegue pra mim.	Só os problemas que dizem respeito à saúde.	Não e sim, porque é a respeito da experiência	Não.	Não.	Sim, porque é a própria realidade.	Sim.	Não.	Questões referentes à saúde.	É ter experiência
4	É um momento que todos nós temos que viver. Olhar para trás e dizer que o futuro chegou.	Preconceito, falta de respeito, ignorância.	Sim, a beleza do aprendizado	Não.	Não.	Sim, porque um dia serei um	Não muito, mas ajudaria a compreender a importância do envelhecimento.	Sim, já fiz um trabalho	O que se passa no pensamento de uma pessoa idosa?	É ter experiência e sabedoria.
5	A velhice é uma fase natural que qualquer pessoa vai ter que passar um dia, querendo ou não	Cansaço, doença, fraqueza, estresse, etc	Não, pois já diz: velho.	Sim, em forma de palestras, textos, redações, etc	Não.	Sim, porque é importante para nós mesmos e também para quem ensina	Sim, e muito	Sim, como cuidar dos idosos	Sim, se há como prevenir	É uma pessoa de muita experiência com muitos anos de vida, tendo ainda muita coisa a passar.

6	Pode ser uma etapa boa na vida. Ficar velho não significa morrer ou perder a vontade de viver..	O abandono, o maltrato, as doenças, etc.	Sim, porque mostra serenidade.	Não que eu saiba	Não.	Sim, para nos preparar e para saber por quais processos essas pessoas passaram	Sim.	Não.	Tudo.	Velho para mim não está relacionado a idade. Velho é toda pessoa que perde a vontade de viver por motivos fúteis.
7	É um estágio em que as pessoas refletem mais sobre a vida e têm tempo para descansar	As doenças que afetam muito e o abandono dos familiares.	Sim, porque é o sentido da vida	Não.	Sim, primeiro processo é quando ele passa da segunda idade, ou seja, fase adulta, a partir disso começa o envelhecimento	Sim, porque nós podemos aprender mais.	Sim, a entender o sentido da vida	Não.	O que os idosos pensam em relação aos jovens.	É ser mais experiente e capaz
8	Que já tem experiência de vida e que passou para todos os jovens	Dores nos ossos	Sim, porque eles ficam tão bonitinhos e são tão legais	Não, mas agora já, com esta entrevista	Não.	Sim, porque nos fornece informações sobre o assunto	Sim.	Não.	Tudo.	É ser uma pessoa com bastante experiência, para transmitir coisas boas às pessoas
9	Eu penso que precisa de cuidados	A doença, o esquecimento de certas coisas, a falta de um(a) companheiro(a)	Sim, a sabedoria, os cabelos brancos com netinhos	Não.	Não.	Sim, para aprendermos como os velhos são importantes para nós	Sim, como melhor me relacionar com a minha avó	Não.	Quais os direitos deles	Uma pessoa especial
10	É a época onde os idosos passam seus ensinamentos da vida adiante	As doenças, pois você sabe que elas podem matar, pois já está na sua hora	Sim, pois nos mostra como nossos pais eram com a gente	Não que eu me lembre	Não.	Sim.	Sim.	Não.	Por que os idosos não entendem que a época é outra e que hoje a informática faz quase tudo	Vitorioso, pois já viveu e desfrutou da vida
11	Época da vida humana em que ganhamos grande conhecimento	As doenças prejudicam demasiadamente	Em poucos casos há pessoas bonitas nessa época.	Sim, em aulas de Biologia	Sim. As pessoas nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. É o que aprendemos no fundamental	Sim. É importante conhecermos a verdade e aceitarmos que um dia ficaremos velhos	Sim, para aceitar o desenvolvimento do ser humano.	Aulas de Biologia, na parte de genética	Como é que se sentem de verdade. Toda sabedoria e conhecimento adquiridos	Idade de se preparar para um lugar feliz, longe do mundo em que vivemos, perto de Deus
12	É chegar a uma certa idade, mas	A discriminação e a falta de respeito	Sim, são pessoas com carisma muito	Não.	Não.	Sim, para aprofundar mais	Com certeza	Não.	Pelo menos o básico	Se a pessoa se sente velha, não

	sempre querendo aprender algo novo na vida		grande.			sobre o assunto.				vê beleza na vida
13	É um recrescimento no tempo, como se voltassem a ser crianças, dependendo de todos em tudo	Falta de respeito, doenças, preconceito. O Governo não tem respeito com os velhinhos	Sim, experiência de vida. Existe coisa mais bela que isso?	Não. Acho que eles não consideram interessante e importante, como o sexo e a velhice	Só os que todos sabem: que os ossos ficam frágeis, perdem cerca de 40% da visão, e outras coisas	Sim, é uma maneira de saber o que vai acontecer. Muitas pessoas acham que a velhice é a morte.	Bastante. Sabendo do assunto poderemos ajudar aos idosos e a nós mesmos	Não lembro.	Tudo.	É ter uma larga experiência de vida
14	A velhice é um processo da vida	O preconceito, as dores e vários outros	Não, porque a velhice maltrata	Não, nunca foi	Não.	Sim, porque quando se adquire conhecimentos aprendemos mais e podemos ajudar	Sim.	Não.	Por que ocorre esse processo?	Ser velho é ser feliz, passando por cima de todos os preconceitos
15	A melhor fase da vida	Exploração, desprezo, falta de compreensão	Sim; não sei porquê.	Não.	Um pouco.	Sim, para poder cuidar melhor dos idosos	Sim.	Sim.	Tudo. Quais as chances de vida que uma pessoa tem ao envelhecer?	Uma pessoa muito antiga
16	Tenho medo porque a velhice me faz pensar sobre morte	Doenças e falta de respeito	Sim, tem muitas coroas bonitas	Sim. Que um dia seremos experientes como são os idosos	Sim. Nós vamos ficar cansados, nosso corpo vai mudando e assim é o processo de envelhecer	Não agora, mas estou muito interessado no assunto	Sim, acho que é mais um conhecimento	Não.	Tudo.	Velho é mais uma coisa improdutiva, mas isso não serve p/ os idosos
17	A fase final que uma pessoa tem antes de morrer	Dor nas costas, menopausa, diabetes, pressão alta, cansaço, problemas de coração, maus tratos, etc	Sim, porque um dia eles já foram bonitos	Não.	Não, nenhum	Sim, pois um dia ficaremos velhos	Sim, como tratar e cuidar melhor da minha avó.	Não.	Tudo.	Viver bem, com saúde e felicidade
18	É uma coisa boa pelo tempo vivido e suas histórias. É ruim porque os movimentos vão	As doenças e a incapacidade tanto motora como psicológica	Não sei.	Não.	Um pouco. Sei que o cérebro recebendo muito oxigênio não perde a capacidade de	Sim, pois um dia vou envelhecer	Sim, a me preparar para quando envelhecer ficar bem de saúde	Não.	Tudo, acho muito importante	É ser experiente

	ficando lentos e sem vigor				raciocínio					
19	É o estado da pessoa que viveu muito e que entende como é a vida: suas lutas e dificuldades	A fragilidade, esse é o principal problema	Sim, principalmente os cabelos	Não.	Não.	Sim, porque nós envelheceremos	Sim.	Sim.	As fases e as dificuldades	É viver e chegar ao máximo da sua experiência, é ensinar aos jovens o que viveu e aprendeu
20	É uma etapa sensível em que devemos descansar de tudo que fizemos, relaxar e viver bem	Doenças	Sim, porque eles têm uma luz que ilumina todos nós.	Não sei	Não muitas	Sim, porque um dia serei idosa e é bom me informar	Sim, porque nos ajuda como tratar os idosos	Ainda não, mas tenho vontade	Como tratar uma pessoa idosa do jeito que eles merecem, com amor, especialmente quanto à saúde	É pensar negativo, reclamar demais e pensar que vai morrer
21	Como ficaremos quando envelhecermos	Familiares consideram as doenças como problemas	Sim, a beleza por dentro e por for a.	Sim, de forma geral, ressaltando a importância que tem na vida	Não, vim saber agora	Sim, é importante sabermos que todos nós somos iguais	Tanto faz	Sinceramente, não.	Agora, no momento, nada.	É ser experiente
22	É uma fase na qual poderemos descansar	Muitas doenças como reumatismo e muitos outros como o transporte coletivo (difícil)	Não. Porque a gente fica totalmente sem forma.	Não.	Sim.	Sim, porque um dia também vou ficar velha	Sim	Não.	Muitas coisas.	É envelhecer com sabedoria
23	Tem que ser vivida e aproveitada. A velhice é pra ser algo prazeroso	Problemas de saúde e emocionais (solidão) e o abandono pela família	Sim, vejo beleza porque são alegres	Não.	Não.	Sim, pois assim fica mais fácil lidar com as diferenças	Sim, pois iria poder ajudar os outros	Não.	Tudo.	É ter mais experiência

	Uma fase que merece da sociedade em geral respeito, amor, carinho, compreensão, etc	Doenças, abandono dos filhos, teimosia de vez em quando	Não. Porque quando se envelhece a aparência muda e fica diferente do que era	Não.	Não.	Sim, para ficarmos por dentro do assunto, um dia precisaremos saber disso .	Claro que sim. O conhecimento sobre uma boa alimentação e cuidados com a pele.	Não.	Tudo o que estiver ao alcance.	O que serei, se estiver viva até lá.

25	Uma fase da vida que vamos alcançar um dia, ou não. Depende de Deus	Doenças como pressão alta, diabetes e problemas cardiovasculares, e preconceito	Sim, na espontaneidade de viver.	Não.	Não.	Sim, pois se um dia chegar lá, vou saber como os jovens pensam	Sim, a cuidar bem dos meus pais, caso eles cheguem lá	Não.	Mais esclarecimentos em relação ao tema	Poder realizar suas vontades, fazendo tudo o que não foi feito antes.
26	É um tempo que se precisa muito da família. Dores, ficar feio(a), etc	Doenças, falta de apoio familiar	Não	Não.	Não.	Sim, para ficarmos informados	Sim, fazer ginástica depois dos 30 para na velhice diminuir ou não ter dores nos ossos e no corpo	Não.	Nada.	É ter feito tudo que tinha de fazer
27	Infelizmente chega. Temos que viver intensamente cada dia.	Principalmente as doenças	Sim, por serem pessoas sábias.	Sim, palestras	Não	Sim	Sim	Não	Saber os problemas que enfrentam	Uma pessoa especial que precisa de apoio e respeito dos familiares
28	É uma fase que todos iremos chegar	O cansaço e as dores	Sim, porque a vida é bela.	Não	Não	Sim, porque um dia vou ficar velho também	Sim	Não	Como é ser velho	É uma pessoa que já trabalhou muito e agora deve descansar
29	É algo natural, conseqüência do tempo. Devemos aceitá-la como a consagração de uma vida inteira.	Apenas a falta de atenção	Sim, não sei porquê	Não	Não	Sim, para conhecer as precauções que devemos tomar para ter uma velhice tranquila	Sim	Não	Suas etapas. Doenças que possamos adquirir, etc	É algo que demonstra o que realmente a pessoa idosa é.
30	Uma coisa boa	Reumatismo, pressão alta.	Sim, quando os idosos são bem cuidados resistem bem, é bonito.	Ainda não	Sim. Pessoas nascem, crescem, se desenvolvem, ficam velhas e morrem	Não	Sim	Não	Saber o que os velhos sentem	É ser uma pessoa idosa, tranqüila, que já trabalhou bastante, agora é só aproveitar.